

Anexos Documentais e de Obras
(correspondência de e para Manuel Filipe,
textos escritos por MF, e imagens de obras
e itens da vida artista)

Anexo A

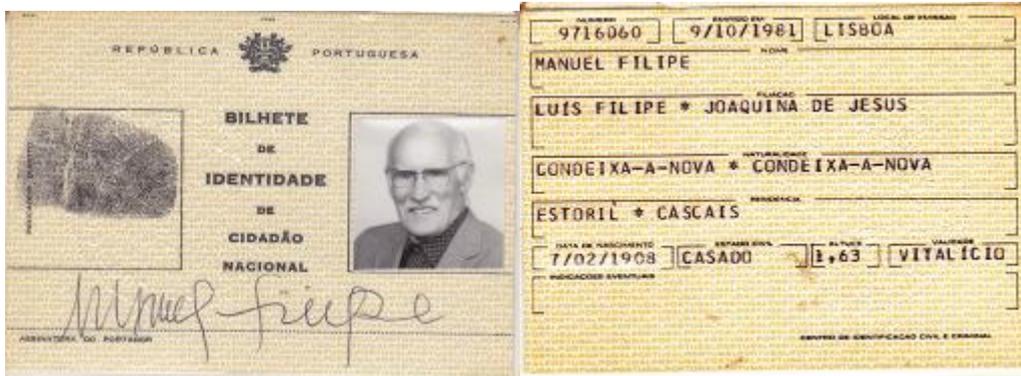


Figura 1, Bilhe de identidade

Manuel Filipe N. 29

de _____ anos de idade, natural de *Condeixa a Nova*,
 filha de *Luiz Filipe*, de profissão _____,
 cuja educação está a cargo de *Abel da Silva Lima*,
 morador em *R. do Loureiro, 2*

Guilfo Graziotineras, Lisboa, 11-1926

	Português		Latim		Francês		Inglês		Geografia		História		Ciências		Matemática		Desenho		Trabalhos manuais		Canto coral		Educação física	
	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas
1º período	1	12	1	10	2	-	1	11	-	11	2	13	6	11	1	10	1	15	1	5				
2º período	3	12	4	10	7	11	-	11	-	11	4	13	4	11	4	9	2	19	-	-				
3º período	7	12	4	10	6	12	5	14	3	12	5	13	2	13	5	10	-	15	-	8				
Média																								

Média final _____ valores.

Observações:

Figura 2, Ficha de aluno do liceu José Falcão, 1925-1926



Figura 3, Eu visto por Zamith, 1928, Espólio MF Figura 4, Estudante, 1927, Espólio MF

Dr. Filipe:
 Estepe aqui a Aminda a tua amiga e amiga
 netha em quem foy porvir na tua (tua) casa de
 netha R. do Loureiro, em Coimbra.
 Apreciei a tua extracção, sob vários aspectos
 e espequi a unedidade de que o ~~o~~ espirito anti-
 mial ~~de~~ ~~de~~ impressionável, celebrante.....
 Gostei emmenst.
 O teu adversario amigo da
 Aminda
 24/02/85

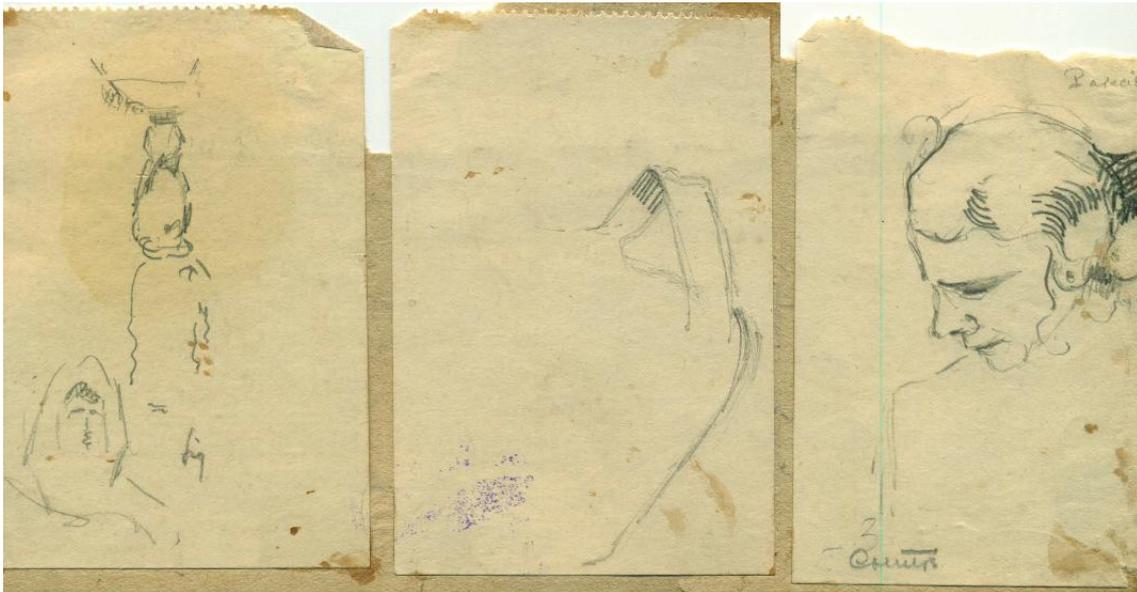
Imagem 5, retirado do Livro de Comentários das Exposições Individuais de Filipe, incluído no Espólio Manuel Filipe, Condeixa



Figura 6, Águas Furtadas, 1932, oferecido a Manuel Filipe por José Contente, Espólio Manuel Filipe



Figura 7, Coimbra, 1931, Espólio Manuel Filipe



Figuras 8, 9 e 10, desenhos executados em Coimbra e Figueirada Foz, década de 30, , Espólio MF



Figuras 11 e 12, desenhos executados em Coimbra e Figueirada Foz, década de 30, , Espólio Manuel Filipe



Figuras 13 e 14, desenhos executados em Coimbra e Figueirada Foz, década de 30, , Espólio Manuel Filipe

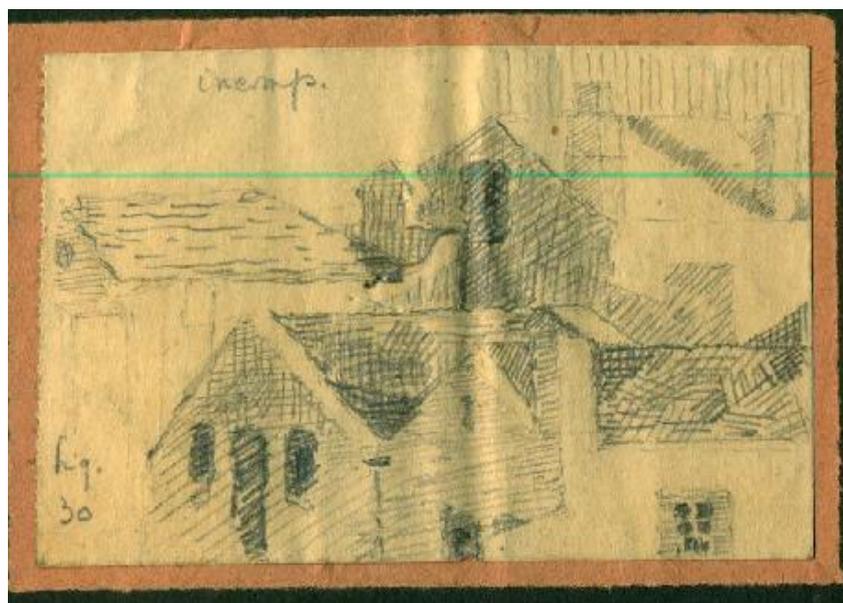


Figura 15, desenho executados em Coimbra e Figueirada Foz, década de 30, Espólio Manuel Filipe



Figura 16, desenhos executados em Coimbra e Figueirada Foz, década de 30, Espólio Manuel Filipe



Figuras 17 e 18, desenhos executados em Coimbra e Figueirada Foz, década de 30, Espólio Manuel Filipe



Figuras 19 e 20, desenhos executados em Coimbra e Figueirada Foz, década de 30, Espólio Manuel Filipe



Figuras 21 e 22, desenhos executados em Coimbra e Figueirada Foz, década de 30



Figuras 23 e 24, desenhos executados em Coimbra e Figueirada Foz, década de 30

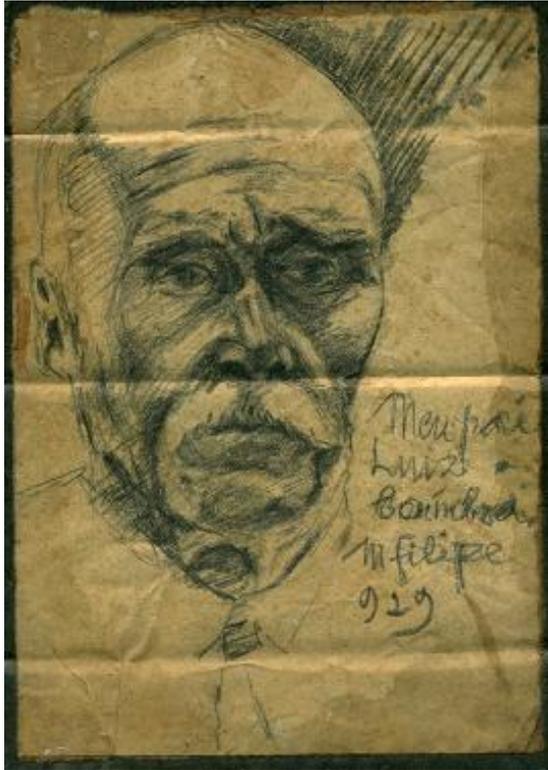


Figura 25, Meu pai Luís, 1929, Espólio Manuel Filipe

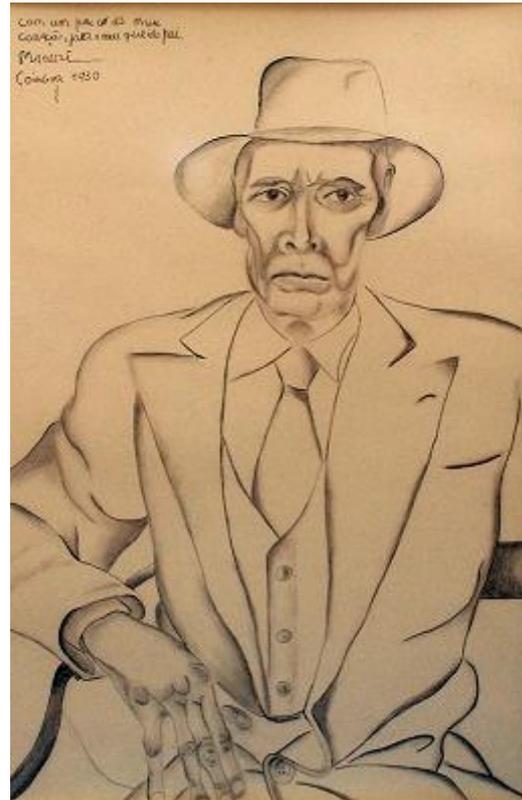


Figura 26, Luís Filipe, de 1930, Espólio Manuel Filipe

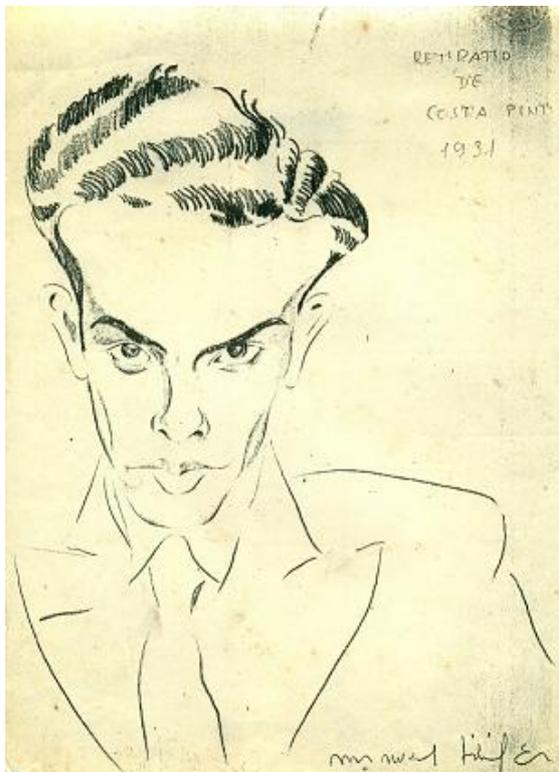


Figura 27, Retrato de Costa Pinto, 1931, Espólio Manuel Filipe



Figura 28, Auto-Retrato, 1932, Col. Museu Municipal Santos Rocha



Figura 29, Retrato de Mário Roseira, Col. Museu José Malhoa



Figura 30, o grupo “Os Divergentes”, imagem retirada do catálogo *A Pintura de Coimbra do Tempo da Escola Livre: 1878-1936*, p. 12



Figura 31 e 32, imagens retiradas do livro de curso Queima das Fitas dos Quartoanistas da Faculdade Letras da Universidade de Coimbra, 1930-1931, espólio do Museu Académico de Coimbra



Figura 33, imagens retiradas do livro de curso Queima das Fitas dos Quartoanistas de Direito, 1932, espólio do Museu Académico de Coimbra

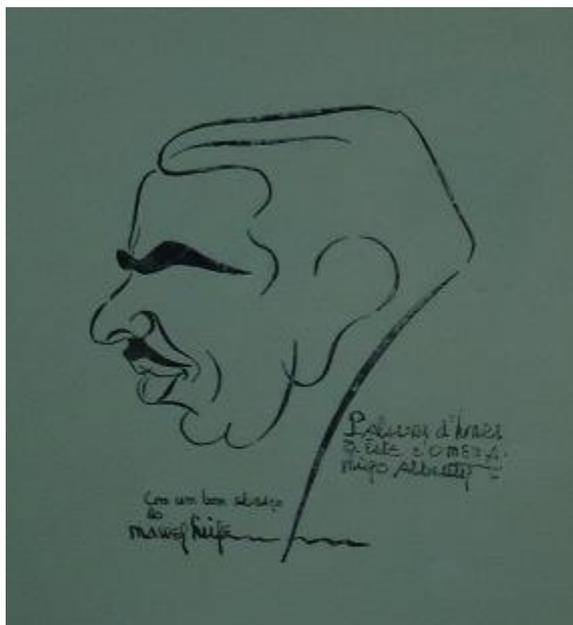


Figura 34, imagens retiradas do livro de curso Queima das Fitas dos Quartoanistas da Faculdade de Ciências, 1933, espólio do Museu Académico de Coimbra



Figura 35, estudo Jardim da Manga, 1935, Espólio Manuel Filipe

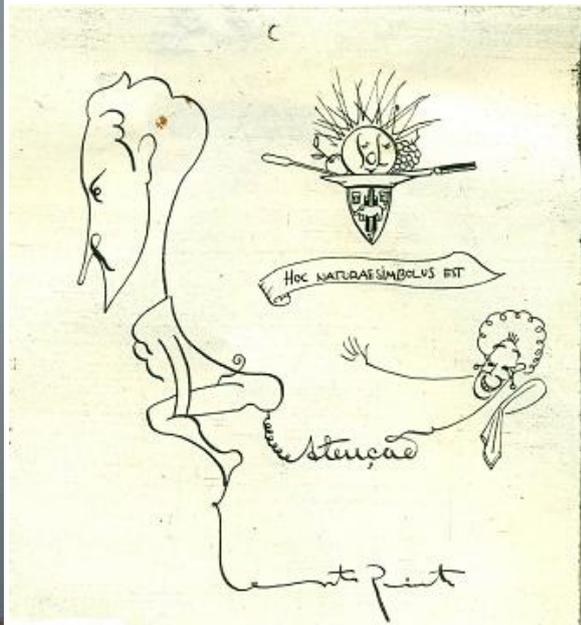


Figura 36, caricatura de MF por Costa Pinto, s.d., Espólio Manuel Filipe

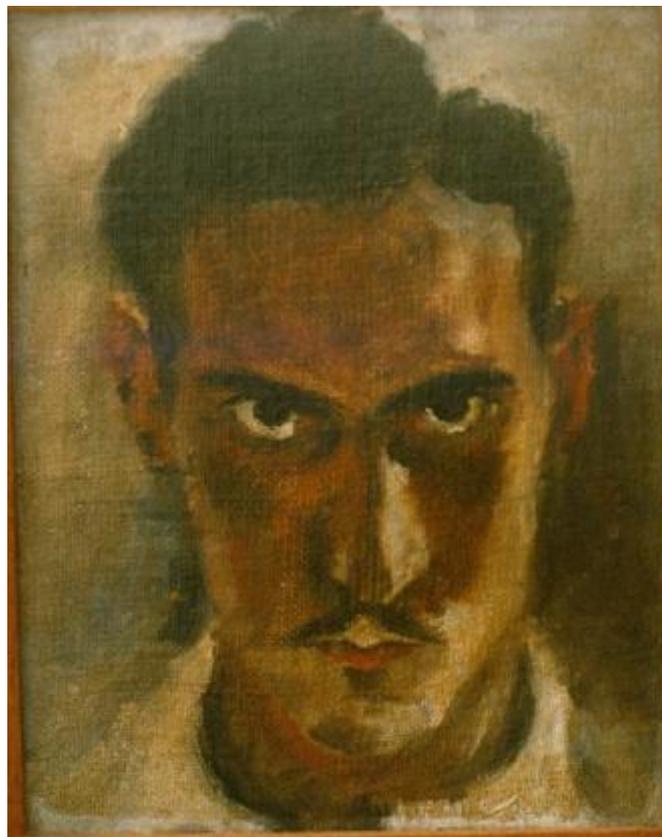


Figura 37, Auto-retrato, 1933, Espólio Manuel Filipe



Figura 38, Auto.retrato, 1934, imagem retirada do catálogo A *Pintura de Coimbra do Tempo da Escola Livre: 1878-1936*, p. 47.



Figura 39, caricatura de MF executada por Paulo Heitor, Espólio MF

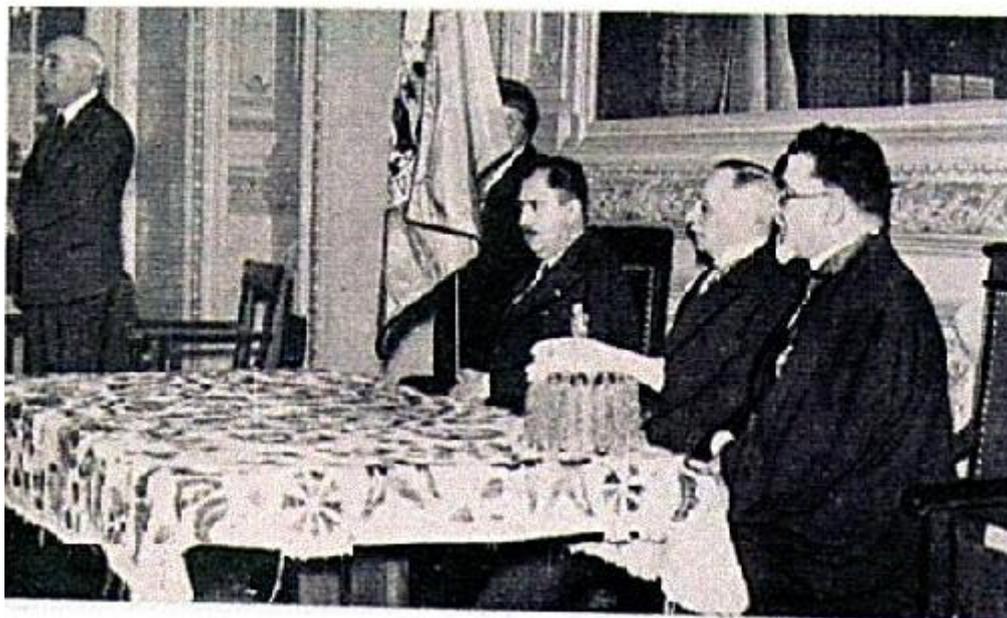


Figura 40, abertura do Salão pelo Presidente da República, imagem retirada de *Ilustração*, nº 318, 14º ano, 16 de Março de 1939, p. 7



Figura 41, Arco do Bispo, Castelo Branco, 1938, Col. Museu Tavares Proença



Figura 42, Terras Altas – Granito, São Romão (Ceia), 1939, col. **Museu** de Almofala

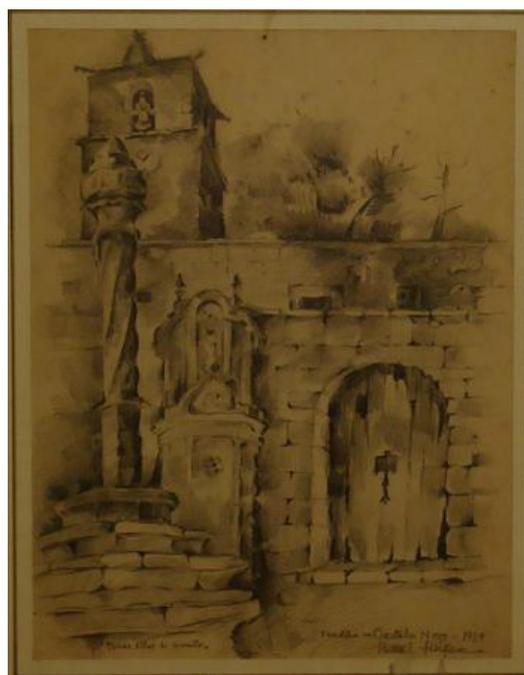


Figura 43, Castelo Novo, Fundão, 1939, col. **Museu** de Almofala

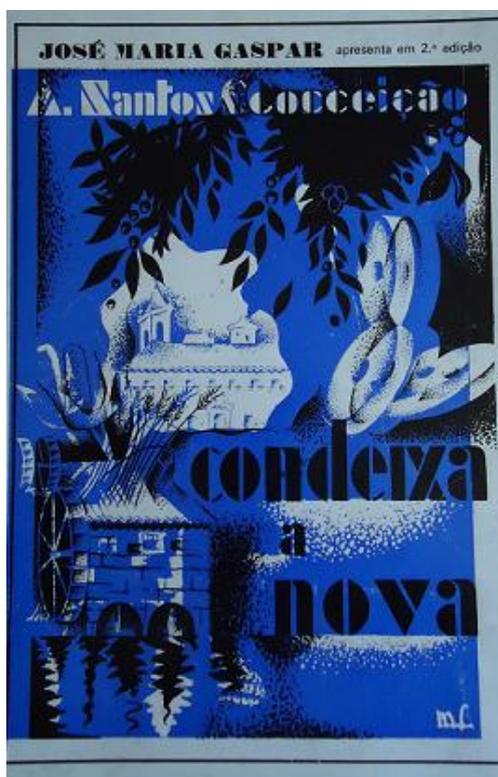


Figura 44, 1941, imagem de capa retirada do livro Condeixa-a-Nova

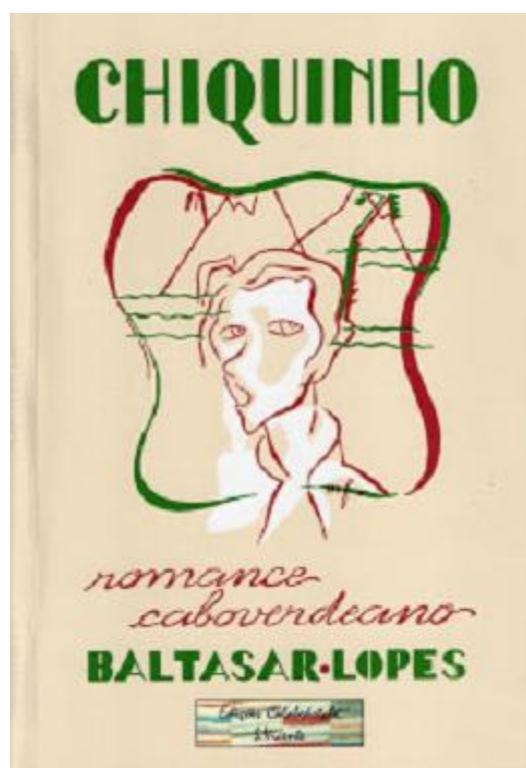


Figura 45, imagem de capa do romance Chiquinho, desenho de 1947

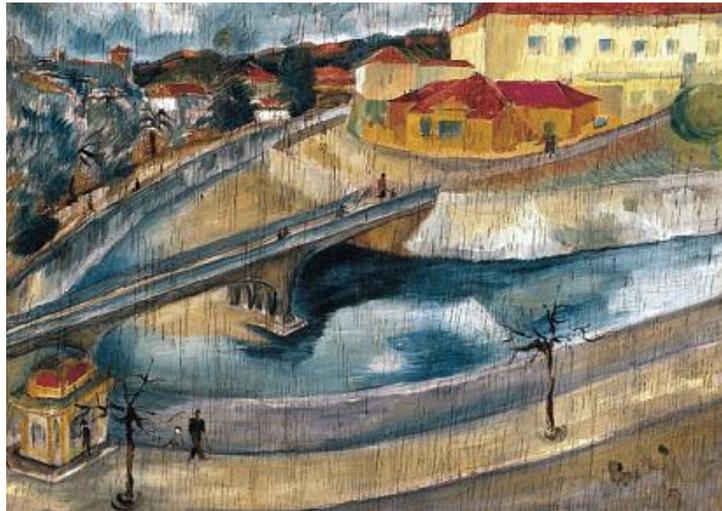


Figura 46, Leiria e o Rio, talvez de 1941, Col. Museu Maria da Fontinha



Figura 47, Paisagem, s.d., imagem retirada de www.vart.pt a 20 de Abril de 2015



Figura 48, Convento da Graça e Jardim, 1941 (?), Col. Museu Tavares Proença

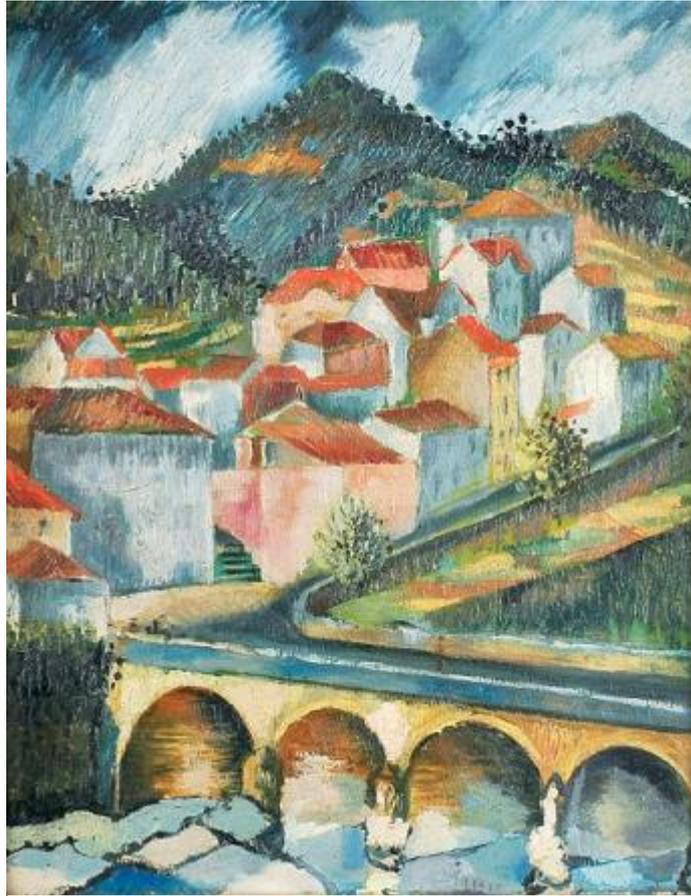


Figura 49, São Pedro do Sul, s.d., década de 40, imagem retirada de www.cml.pt em Fevereiro de 2015



Figura 50, tríptico Família, 1941 (?), Col. Museu de Almofala



Figura 51, Pobres, 1941, Col. Museu de Almofala

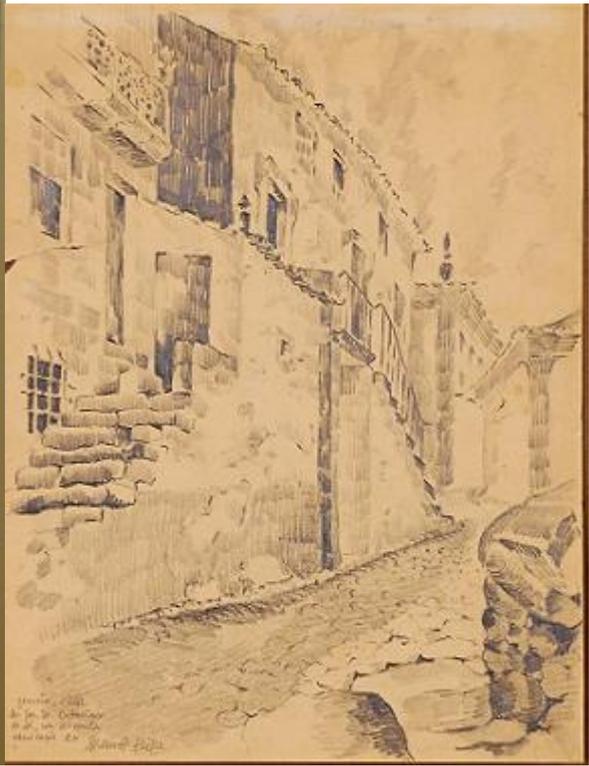


Figura 52, Rua de Aldeia, 1941, imagem retirada de www.bestnetleilões.pt em Maio de 2015



Figura 53, Derrocada, 1944, Col. Museu Municipal Santos Rocha



Figura 54, Senhora da Terra, 1942, Col. Museu Municipal Santos Rocha



Figura 55, Guerra, 1942, Col. Museu Municipal Santos Rocha



Figura 56, Servidão – Despertar Esperança, 1950, Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira



Figura 57, Mães e filhos, 1960, Col. Museu do Rabaçal

5817

4

luc de Filipe

~~X~~

COPIA-Informação-"INACIO" de 24-1-951:-----

-MANUEL FILIPE-

O referenciado é professor no Colégio-Liceu de Oliveira do Bairro.

Professa ideias avançadas e durante a campanha "NORTISTA" manifestou-se bastante a seu favor.

Consta que em tal estabelecimento de ensino, faz o que pode a favor da sua ideologia e é esperto e habilidoso.

Professor do ensino particular.-----

T
TORRE
TOMBO

Figura 58, imagem retirada ANTT

S. R.

Polícia Internacional
de Defesa do Estado
da Vigilância
do Estado

Ferry

[Signature]

-----AUTO PERLIMINAR DE BUSCA-----

Aos treze dias do mês de Maio do ano de mil novecentos e qua-
renta e sete, nesta Directoria e Sede da Polícia Internacional
e de Defesa do Estado, onde se encontrava o Excelentissimo Se-
nhor Inspector Ferry Correia Gomes, comigo Mário Constâncio de
Oliveira, agente da mesma Polícia, servindo de escrivão, por ele
Inspector me foi dito que, por ordem de Sua Excelencia o Senhor
Ministro do Interior, ordenava que se procedesse à busca e apre-
ensão de alguns quadros que se encontravam expostos, pela Se-
gunda Exposição Geral de Artes Plásticas, que tinha lugar na
Sociedade Nacional de Belas Artes. E para constar mandou la-
vrar este auto, que depois de lido vai ser assinado pelo Exce-
lentissimo Inspector e por mim escrivão que o dactilografai.

O INSPECTOR

[Signature]



O ESCRIVÃO

Mário Constâncio de Oliveira

Figura 59, imagem retirada de ANTT

S. R.


POLÍCIA INTERNACIONAL
e de Defesa do Estado

Handwritten notes and signatures:
No. 2
[Signature]
[Signature]
[Signature]

-AUTO DE BUSCA E APREENSÃO-

Aos treze dias do mês de Maio do ano de mil novecentos e quarenta e sete, nesta cidade de Lisboa e Rua Barata Salgueiro, edificio da Sociedade Nacional das Belas Artes, compareceu Ferry Correia Gomes, Inspector da Policia Internacional e de Defesa do Estado, comigo Mário Constancio de Oliveira, agente da mesma Policia, servindo de escrivão, afim de passar busca e apreender quaisquer livros documentos ou objectas que interessassem a esta Policia. E dando inicio à busca na presença de Ester Branca Alvarez Lopes, delegada da Comissão Organizadora da Segunda Exposição Geral de Artes Plasticas de Maio do ano de mil novecentos e quarenta e sete e das testemunhas Rofina Luisa Ligo, residente na Calçada do Monte, numero vinte e oito, primeiro andar e José Ferreira, residente na Rua da Graça, numero sessenta e nove B. quarto andar, lado esquerdo, desta cidade, que declararam por sua honra desempenhar fielmente as funções de testemunhas, foram retirados da mesma ex posição e levados para a Sede da Directoria desta Policia, os seguintes quadros a oleo, números treze, dezoito, quarenta e um, cinquenta, cinquenta e dois, cinquenta e nove, sessenta e quatro e sessenta e trez; e de desenho ou aquarela, números vinte e dois, trinta e nove, sessenta e sete e sem número "do respectivo catalogo, cujo exemplar a este auto vai junto". E nada mais havendo a tratar, deu a busca por finda e para constar mandou levantar p presente auto que, depois de lido em voz alta na presença das testemunhas, digo, todos, e

Figura 60, imagem retirada de ANTT

acharam conforme, ractificaram e vão assinar com êle aprensor e comigo
escrivão, que o dactilografei e dou minha fé de que tudo se passou na
verdade conforme fica referido.-----

O APRENSOR

[Handwritten signature]

A DELEGADA

Esther Branca Alvares Lopes

AS TESTEMUNHAS

*Rufina Luiza Lopes
Jaci Ferreira*

O ESCRIVÃO

Mari Cândida de Almeida

Figura 61, imagem retirada de ANTT

Handwritten signature
Handwritten signature

Handwritten mark



AUTO DE DECLARAÇÕES

Aos nove dias do mes de Julho do ano de mil novecentos e quarenta e sete, nesta Cidade de Lisboa e Sede da Policia Internacional e de Defesa do Estado, onde se encontrava o Excelentissimo Inspector, Senhor Terry Correia Gomes, e o Chefe de Brigada Senhor Jose Maria do Amaral Leitão Bernardino, comigô João de Castro Corte-Real Machado, agente de primeira classe servindo de escriptão, todos desta Policia, compareceu o nacional MANUEL FILIPE, casado, de trinta e nove anos de idade, professor liceal, filho de Luiz Filipe e de Joaquina de Jesus Filipe, natural de Condeixa a Nova e residente em Leiria, Bairro Nôvo.

A matéria dos autos declarou: Que não pertence ao chamado movimento de unidade democratica juvenil, não conhecendo os membros que constituem a Comissão provisória do referido movimento, que não assume a responsabilidade por desconhecer inteiramente a sua existencia do comunicado do movimento de unidade democratica juvenil que lhe foi presente e vai rubricar. Disse mais, não concordar com o mesmo, considerando-o mesmo muito aspero.

Perguntado se já lhe foi entregue o quadro "ASILO", que se encontrava em exposição na Sociedade Nacional das Belas Artes, respondeu: respondeu negativamente, encontrando-se á sua disposição na referida Sociedade. Perguntado se alguma vez

Figura 62, imagem retirada de ANTT

estive preso, declarou: que, esteve preso em mil novecen-
tos e trinta e seis, por motivos politicos em virtude de
ser democratico, não chegando a ir a julgamento, isto quan-
do se encontrava a prestar serviço militar em Mafra.-----

E mais não declarou, lidas as suas declarações as achou co-
formes, ratificou e vai assinar com o Excelentissimo Inspeg-
tor, com o Chefe de Brigada, e comigo escriptão, que o daeti-
lografei e dou minha fé de deu que tudo na verdade foi dito
conforme neste auto narrado fica.-----

O INSPECTOR

Francisco José

O CHEFE DE BRIGADA

José Maria de Almeida Leitão

O DECLARANTE

MAMEO Felipe

O ESCRIVÃO

José da Silva

Figura 63, imagem retirada de ANTT



T. 1385 C. 5.922

Temos a honra de propor para sócio da

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

o Ex.º Sr. MANOEL FILIPE
Profissão professor dos liceus
Natural de Lisboa com 52 anos de idade
Morada Bairro Novo da Medroza - Oura
Local de pagamento Bairro Novo da Medroza
Lisboa, 7 de Março de 1960

O Proposta Manoel Filipe

Os Sócios Proponentes Manuel Naveira

Aprovado sócio TITULAR em sessão de 25 MAR 1960 de 195
AG. 16. 10. 81 Et. 1904

(A 1.ª prestação da quota é paga na ocasião da entrega desta proposta)

Filipe - Filipe

Form with fields: EFECTIVO, N.º 1904, FILIPE, Manuel - Pintor, Rua Combatentes da Grande Guerra, 6- 1765-5353, S. Pedro Estoril, Passou T. 1385 (AG-16/10/84), Telecom 27/11/2002

Figuras 64 4 65, retiradas do Arquivo da SNBA, por intermédio do sr. António Silva

Anexo B

Textos de Manuel Filipe na Imprensa ou impressos

I

A propósito duma exposição ¹

Iniciativa altamente simpática e útil, esta de dois artistas de Lisboa trazerem ao público de Leiria uma centena e meia de fieis reproduções, das mais notáveis obras de pintura de museus nacionais e estrangeiros.

Antes, pois, de mais nada, permito-me agradecer ao simpático artista Huertas Lobo², em nome da cidade de Leiria, a preciosa lição que se colherá de tão útil certame e os deliciosos momentos de encantamento que aquelas dezenas de quadros causarão, com certeza, aos seus visitantes.

Aos bons amigos de Leiria, agradecida lhes fica a gente desta cidade: pelo mimo da exposição em si mesma e por ter sido esta terra, depois de Lisboa, a primeira que teve a honra de ser escolhida pelo artista mencionado.

Cumpre-me apreciar, primeiramente, o aspecto pedagógico da exposição. Só depois farei algumas considerações, não a cada artista ou escola, mas a certos artistas ou escolas que me parece interessarem mais ao moderno movimento plástico e, sobretudo, às últimas tendências artísticas.

Encarada sob o aspecto pedagógico, esta exposição tem um duplo valor: o de levar ao conhecimento do público obras de arte dispersas por vários museus nacionais e estrangeiros, de difícil ou impossível visita por quase todos nós; e o de juntar essas obras de arte segundo uma disposição geral conveniente e propicia a um estudo sistemático e útil, quer sob o aspecto cronológico, quer sob o de tendências ou escolas. Trata-se, pois, duma exposição com carácter didáctico, em que, além de se consolar a vista e a alma, se

¹ «A propósito duma exposição – Pelo Dr. Manuel Filipe», *Região de Leiria*, ano IX, nº 378, 2-III-1944, pp. 1 e 4. Como autor indica, trata-se do texto de uma palestra sobre neo-realismo, que não se encontrou noticiada na imprensa local .

² José Huertas Lobo (1914-1987), o responsável pela mostra de reproduções, arquitecto figueirense, mais tarde ligado ao levantamento da arquitectura popular portuguesa. Casou com a crítica e historiadora Irisalva Moita; o casal privou com Manuel Filipe, de quem foi amigo.

pode aprender alguma coisa acerca do movimento e evolução da pintura, desde que ela começa a ser mais conhecida até aos nossos dias.

É evidente que há falhas e omissões grandes. Não podia, porém, deixar de ser assim, se nos lembrarmos que, de alguns pintores gregos da antiguidade clássica, simplesmente temos uma breve notícia, não restando deles um único trabalho. E depois, dificuldades, senão mesmo a impossibilidade de adquirir certas reproduções...

Podíamos perguntar, como A. de Gusmão na sua última crónica da *Seara Nova* sobre a Exposição de Arte Alemã, há dias realizada em Lisboa: para onde foram os Barlach e as Kate Kollwitz, as obras de Orozco e Rivera?

É difícil ter notícias destes artistas. De Barlach apenas se sabe que morreu num campo de concentração de Rostock e que a sua obra levou sumiço.

Acompanhando o catálogo com atenção, ficará o visitante com um apanhado geral das características de cada escola ou grande período da pintura, os quais, escola ou período, se harmonizam com os congéneres movimentos da literatura (às vezes com outros nomes) ou da música, integrando-se todas estas modalidades artísticas, em grandes e mais ou menos homogéneos movimentos da Arte em geral. Assim, como exemplo, ocorre-me citar o classicismo básico de escritores e poetas como Camões, Gil Vicente ou Sá de Miranda, Shakespeare ou Montaigne e de pintores da mesma época como Leonardo, Grão Vasco, os irmãos Clouet, frei Carlos ou Gregório Lopes.

Quer dizer: a cada movimento das letras ou da música, corresponde, por via de regra, idêntico movimento na pintura, escultura, teatro, etc. É evidente, pois, que o espírito geral e os acontecimentos de cada grande época da história dos homens, influenciam os artistas de todas as modalidades da Arte, surgindo, então, as grandes épocas artísticas, mais ou menos homogéneas em espírito e em processos.

Embora possa parecer que o artista trabalha caprichosamente fazendo da Arte mero passatempo para si e realizando coisas bonitas para delícia dos afortunados do oiro; embora se julgue que o artista é um ser à parte, descuidado das coisas do mundo e de si mesmo, fazendo versos, quadros ou estátuas, como o não artista pode jogar à bilharda ou ao chinquilha, embora as massas e mesmo certas camadas lidas, vejam na Arte e no artista uma coisa assim a modos que subsidiária da Vida, só para entreter as horas vagas; embora saibamos que a Arte, na vida real do homem comum, nada mais representa do que um dispensabilíssimo subsidio para gozar a vida, esta vida em que o artista em andado sempre a quatro – às vezes atira com os aparelhos ao ar, como Miguel Ângelo – mais ou menos cavalgado por uma sociedade inteira que pesa como chumbo, oiro ou volfrâmio; embora, muito embora tudo isto, o que o comum dos mortais pode verificar, se quiser, lá do alto da sua indiferença ou da sua presunção de doutor ou de homem rico, é que os grandes movimentos da história dos homens nunca se fazem sem a colaboração preciosa do artista. Este tem sido sempre um cabouqueiro dos grandes períodos da história. Sem ele, nada feito. Se és um político, não te podes esquecer de artistas como Diderot, Vítor Hugo, Voltaire ou Gorki; se és um religioso, debes lembrar-te dos artistas que te construíam as catedrais e os templos; se és simplesmente profano, não debes olvidar nomes de urbanistas como Le Corbusier ou Mansard; se és um moralista, não

deves subestimar artistas como Sá de Miranda ou Rabelais; e, porque não Eça ou Ramalho? Se és um homem social, não deves deixar de admirar artistas como Sert, Barlach ou Koelle; Daumier, Jorge Amado, Steinbeck ou Malraux.

Mas se, a despeito dos tempos que correm, tu não és nada daquilo e te contentas com ser unicamente um volframista ou um homem de negócios escuros; um comerciante de toucinho ou um fabricante de capotes, então, se és simplesmente isto, é natural que continues a desprezar o artista, considerando-o *avis-rara* pouco desejável. Então, a ti, nada te peço para o artista, por ter a prévia certeza de que nada és capaz de lhe dar. Continuarás na tua até que te deixem.

A ti, comerciante extremo de negócios escuros ou fabricante de capotes, nada te peço para o artista.

Mas àquele de quem é legítimo esperar alguma coisa de bom, peço que deixe de subestimar o artista, deixando de considerar normal que ele, o poeta ou o músico, o pintor ou o romancista, o actor ou o dramaturgo, continue a rapar o tacho do farto banquete da Vida, como qualquer escravo ou qualquer mendigo.

Não te peço, para o artista, consideração especial. Peço-te, tão somente, que não o hostilizes e que trabalhes com ele na criação duma sociedade que dignifique o homem e o artista, criando-lhe condições de vida e de independência no trabalho.

Na impossibilidade de lhes dizer algo de apreciável num artigo que se generalizasse a toda a arte pictórica desde o seu advento até hoje, eis a razão porque preferi referir-me a um período da Arte, que tem para mim a vantagem de me ser altamente simpático e, para quem eventualmente me ler, a vantagem de ficar a conhecer a mais moderna tendência das artes, se me for possível dar esse conhecimento no curto espaço dum artigo.

Romain Rolland, o iluminado espírito universalista francês, que, a despeito de guerras e crises de vária ordem, tem pairado muito acima das gentes cultas do seu tempo, escreveu um dia: «Todo o espírito que não age, ou é um aborto ou uma traição».

Esta frase é para mim mais do que um ponto de partida. Ela é uma doutrina em acção. É o programa duma vida; e que vida! É, pois, também, um ponto de chegada. Dois pontos que limitam uma dimensão linear, ou seja, uma vida que se realizou inteira pelo pensar e pelo agir, entre tais pontos: de partida e de chegada.

Tolstoi no seu apelo de alerta ao estigmatizar o principio da arte pela arte (palavrão sem significado para mim depois que o José Régio me ensinou que tal palavra já não tem, nunca teve razão de existir), Tolstoi, no seu grito de alerta, não pretendia que a arte cedesse sistematicamente o seu lugar à eloquência panfletária ou doutrinária de qualquer ordem, renegando, assim à expressão artística.

Não! Nem Tolstoi nem Rolland desejaram que o artista renegue aos seus legítimos e específicos processos de expressão. É altura de deixarmos de estabelecer discussões acerca disto. O que Romain e Tolstoi queriam e, com eles, alguns artistas sempre quiseram, querem e continuarão a querer, é esta simples coisa, aliás tão humana, tão

simples e tão sincera, qual seja a de o artista nunca se esquecer de que é homem e de que a sua arte deve ser para os homens, para todos os homens.

Não há arte exclusivamente pura e só acessível às elites, como não há arte exclusivamente social. Há arte. Simplesmente, no primeiro caso, na chamada arte pura ou arte pela arte, o artista alheia-se, deliberadamente ou não, de atitudes polémicas, críticas ou sociais, refugiando-se muitas vezes nos mais recônditos recessos da sua alma ou do seu sonho – surrealismo – esquecendo-se da vida dos outros homens, com todos os seus dramas individuais ou colectivos.

No segundo caso, na chamada arte social, o artista, não renegando à sua condição de homem social, faz arte objectiva, humanizante, construtiva, analítica e crítica.

O pintor surrealista pinta um sonho, como o seu colega expressionista pode pintar “A Queda de andaime” ou a “Entrada na mina”. E porque não? Sinceridade. Sinceridade e independência, são duas condições indispensáveis para se fazer verdadeira arte.

Deixou de ter significado para mim a pseudo-luta entre os conceitos de arte pura e arte social, uma vez que estabeleci, para meu próprio governo, dois pontos essenciais:

1.º) – Qualquer realização só é verdadeiramente artística quando expressa esteticamente. Toda a obra de arte deve ter, como condição fundamental, aquele substractum extra-material, que faz dela uma verdadeira obra de arte.

2.º) – O Assunto é da plena escolha do artista.

E, assim, eu compreendo a arte chamada pura e a arte chamada social. Simplesmente lamento que os artistas tenham sido tão pouco homens sociais, ou fujam a sê-lo, deliberadamente ou não.

Razões, muitas e profundas razões, condicionam esta posição, quantas vezes falsa e insincera, do artista perante a vida e a sua arte. E aqui discordo um tanto de Rolland quando profere a já citada frase: “Todo o pensamento que não age ou é um aborto ou uma traição”. Há muitos artistas, verdadeiros homens sociais, cuja obra artística não é condicionada pelo seu pensamento de homens sociais e que, no entanto, nem são traidores nem abortos. Razões, profundas razões, desviam o artista daquela que devia ser (conforme até com a sua própria vontade de artista) a sua natural e lógica linha de conduta. Razões, profundas razões...

O assunto tem pano para muitas mangas. Deite ensaio quem se encontrar capaz de tratar tão momentoso problema.

Arte simbólica, subjectivista, nas diferentes modalidades por que a conhecemos, tais como cubismo ou surrealismo? Sim, mas cuidado com os mistificadores. O máximo de liberdade para o artista, sim, mas que ele nunca se esqueça que lhe cabe o máximo de responsabilidade como homem.

Arte realista, de maior ou menor fidelidade ao modelo? Sim, mas cuidado com os habilidosos, os amantes do bonito, os pintores do catita. O *catita*, em arte, é simplesmente hediondo. O bonito, pode ser desastroso, mormente numa arte académica portuguesa, que elevou o adjectivo *bonito* à categoria de palavra divina, qual pedra angular de catecismo estético.

Que dirão os adoradores do bonito de escritores como Dostoiewsky, Poe, Balzac ou Camilo, de pintores como Carrière, Vlaminck ou Rouault, de escultores como Archipenko, Koelle ou Barlach e de poetas como José Duro, García Lorca, Joaquim Namorado ou Baudelaire?

Quando me refiro à catitice das exposições anuais da Sociedade Nacional, verdadeiro albergue de ineptos e de acéfalos, ou à esplendorosa e saudável amostra do Secretariado, não quero de nenhum modo dizer que não haja por lá artistas e bons. Não.

Simplesmente quero dizer que essas duas plêiades de artistas – a do Secretariado e a da Sociedade Nacional – teimam em andar afastados das fontes vitais de inspiração, além da natureza e do cidadão vulgar, a quem se faz o retrato vulgar.

A vida para eles, artistas do comum e do quotidiano, é qualquer coisa de comodo, de uniforme, de imutável, de seguro, tão seguro como as fortunas solidamente alicerçadas, ou como os seus conceitos estéticos, velhos e relhos que já fizeram a sua época há muitos decénios com Silva Porto, Malhoa ou Carlos Reis, ou mesmo com Cézanne ou Pousão, ou até mesmo com os homens do “Orfeu” e da “Presença”.

Hoje, o ar é outro. Hoje, caros leitores, o ar é outro.

E nem podia deixar de o ser, se é que Monsieur de La Palisse não se enganou, ao proferir, lá muito do alto da sua luminosa cátedra, a sua frase lapidar: “A vida dos homens não pára”. Frase que retumbou pelos mundos e que foi caçada no ar com aquela habilidade e oportunismo concebido, próprios do caçador e amante de frases lindas e que foi caçada no ar, dizia eu, pelo nosso estimado amigo de quem somos ainda atentos, veneradores e muito obrigados: o conselheiro Acácio.

No final do catálogo da Exposição que ides admirar no Leiria Ginásio, lereis: **Tendência neo-realista**, como que a marcar a última fase da evolução artística. Ela, a escola neo-realista é, na verdade, a última tendência, a mais moderna tendência das artes no Mundo.

Ora se eu não me explanasse um pouco sobre tal tendência neo-realista, ficaríeis com uma tenuíssima ideia do que ela representa e não vos aperceberíeis, talvez, do extraordinário incremento que está a tomar. Sobretudo não vos aperceberíeis, eu sei lá, de que o movimento neo-realista está a constituir um enorme corpo, corpo humano com alma de artista, corpo que se sente regressar à terra, fincar nela os pés e mergulhar na vida do homem comum, viver as suas dores e as suas alegrias, aspirar o hálito hiante do homem da forja ou do trabalhador da terra, chorar com a irmã desolada e cansada de desgraça ou ranger os dentes com o irmão espezinhado e farto de luta, levantar os braços

em súplica ardente clamando justiça, suspirando, enfim, com um sorriso crente nos lábios, por uma hora melhor para os homens.

Não vos aperceberíeis, eu sei lá, de que este corpo de gigante com alma de criança – a de artista - está a surgir nas hostes artísticas de todo o mundo, em atitude de desconsolo e revolta contra uma sociedade mal organizada, egoísta e profundamente desgraçada, clamando, abanando o edifício humano nos seus alicerces, ele, o gigante com alma de criança, o artista neo-realista, o revoltado contra as injustiças do seu tempo, desejando quebrar correntes com armas feitas de sangue, de inteligência e de espírito, o artista de olhar rectilíneo e firme, simultaneamente horizontal e vertical, fabricando o lema: **Para a frente e para cima.**

Lema que o orienta e fará dele um artista como os seus antecessores sobre-realistas ou cubistas, românticos ou impressionistas e um homem maior do que os seus antecessores artistas, porque, como homem-artista, o artista neo-realista quer que os seus contemporâneos e gerações seguintes sejam homens como ele, dignos, humanos e camaradas no banquete que a Vida e a Terra, como pródigos anfitriões que são, podem oferecer a todos os seres vivos.

Talvez que o leitor já tenha percebido que eu considero o movimento neo-realista um caso único no mundo das artes. Caso em que o artista é também um construtor social, caso em que o artista, com a sua pena, o seu pincel, a sua actuação no palco ou no *écran*, constrói felicidade, destrói monstros, ilumina espíritos, forma almas grandes e alimenta sistemas, para aumentar a felicidade do Mundo. Mas tudo isto, por processos artísticos, entenda-se bem.

Ou a atitude neo-realista e altamente artística dum Jorge Amado ou dum Erico Veríssimo; dum Portinari ou dum Sert; dum Barlach ou dum Koelle; dum Alves Redol ou dum Ferreira de Castro; dum Rolland ou dum García Lorca; dum Rivera ou dum Orozco; dum Hemingway ou dum Steinbeck, ou a feição neo-realista, repito, de filmes como “Isto acima de tudo”, “João Ninguém”, “O Sargento Imortal”, etc., ou, por outro lado, a feição meramente individual, subjectiva, narcisista, atitude de fuga e de renúncia ao humano colectivo dos artistas das escolas passadas.

Eu, por mim, não hesito. Eis o meu acto de fé neo-realista e o meu acto de contrição, por não ter, há mais tempo, voltado todo o meu ser para ela.

É, caros leitores, uma posição incómoda, esta dos neo-realistas. Ter de lutar é sempre desagradável, sobretudo numa sociedade em que o ambiente nos é contrário, em que até a arte moderna e oficial nos é contrária.

Nada de novo sob o sol. Evidentemente. Nada mais do que a continuação da eterna experiência dos homens, experiência que começou no Paraíso, com aquelas asneirolas que os senhores conhecem e que têm vindo a repetir-se pelos tempos fora. Mas, apesar das asneirolas – tempero e alavanca necessária à marcha das coisas humanas – tem vindo também a enriquecer-se cada vez mais o património humano das coisas boas e sublimes. Rodin ou Shakespeare não surgiram por geração espontânea. Tiveram, atrás de si, a

lançá-los, a experiência de gerações de artistas em constante ebulição por mais e melhor. É a fatalidade da vida e aí do homem quando já não precisar de ebulição, quando se sentir absolutamente satisfeito. Aí dele porque terá chegado ao fim de tudo e dele próprio.

Isto veio a propósito da frase “nada de novo sob o sol”. Sim senhores, nada de novo sob o sol. O neo-realismo não é uma novidade surgida de repente. Teve os seus precursores: Laermans, Brueghel, Gorki, Tolstoi, Rolland, Rabellais, La Fontaine, Sá de Miranda, Gil Vicente, Daumier, Goya, Miguel Ângelo...

Mas não esquecer que qualquer destes artistas não viveu um período abarcante de neo-realismo artístico. Foram casos isolados. Hoje sim. Hoje está insofismavelmente criada a corrente neo-realista, bem alicerçada, bem filosofada, com raízes fundas na Terra-Mãe e no coração do homem.

Tem esta arte um acentuado cunho polémico e inconformista, caracterizando-se, em pintura, por grandes composições de tamanho nunca usado até aqui: pintura mexicana.

O arranjo das figuras e outros elementos do quadro são orientados pela personalidade política, religiosa (neo-realismo cristão francês com Maurice Denis, Désvallières e outros), social, ou outra, do artista, que se coloca, quase sempre, em atitude activa de polémica ou de luta, ou simplesmente em atitude de observação calma ou até lírica, do assunto que tratou.

O quadro, escultura ou livro neo-realista, podem ir da simples atitude contemplativa ou lírica até ao mais lancinante grito de desespero ou revolta. Mesmo neste caso pode haver poesia.

A obra de arte neo-realista pode ser um convite ao Amor Universal, ou um desejo pelo sistemático desaparecimento das guerras e outros flagelos humanos.

Quer se seja combativo à Jorge Amado, lírico à Erico Veríssimo, gigantescamente à Sert (decorações murais do Novo Palácio da S.D.N.), calmo e descritivo à Alves Redol, ou violento e gritante à Barlach, sempre, nesta arte neo-realista, se nota, com maior ou menor evidência, a fuga propositada ao tema fútil, que ainda hoje é tratado pela quasi totalidade dos artistas.

O artista neo-realista cortou de vez com a atitude enconchada do egotismo moribundo dos presencistas, pondo de banda toda a estética introspectiva, de análise individual e muitas vezes pessoal, para se voltar para o exterior e fazer arte objectiva e, por ser humanizante, acessível e sentida por todos os homens.

Foi-me pedida uma palestra. Ter-lhes-ia dado uma mal alinhavada lição, porque, creio, fora da minha sala de aula, não sei ensinar nada a ninguém.

Optei, pois, para vosso proveito, por este artigo, que vos será mais útil do que a pedida palestra.

Certo que, na palestra, eu poderia ilustrar as minhas palavras com quadros neo-realistas. Era, todavia, essencial uma condição: ter reproduções de quadros neo-realistas. E não as tenho.

Manuel Filipe

II

«Bambi»³

“Bambi” é o poema mais completo que me foi dado a admirar em toda a minha vida. Não sei porquê, mas não sou muito dado à poesia. Culpa da boa poesia? Não creio. A culpa é minha que a não tenho querido ou sabido ler e sentir. Sou, na verdade, um tanto hermético à poesia. Mas “Bambi” é um poema de tal monta e tão diferente dos poemas que estamos habituados a considerar como tais, que, ontem, eu descobri que amo, na verdade, a poesia.

Se o leitor me permite eu explico – se é realmente necessária e possível uma explicação – porque considero “Bambi” um poema. Para tanto, tenho que dizer que o considero, na verdade, um poema: nada mais nada menos do que uma criação artística – escultura, pintura, livro, filme, etc. - mais ou menos impregnada de lirismo ou espírito poético. E o que é lirismo, espírito poético ou poesia? Isso levar-nos-ia longe e cada qual contente-se com o conceito que tem de poesia.

Ora “Bambi” tem, como obra de arte, de maneira patente e em dose apreciabilíssima, alta dose de espírito poético, que se evidencia em todos os fundamentais aspectos que fazem de “Bambi” uma obra de arte e que são: o desenho, a cor, a música e o sentido humano da obra.

Acerca da poesia no desenho, na cor e na música de “Bambi”, nada digo, por nada saber dizer que possa servir de elucidário a quem não tenha sentido poesia no seu desenho, na sua cor e na sua música. Podia pretender explicar a coisa aplicando frases lindas, como é uso em tais casos. Acho muito difícil, senão impossível, dizer onde reside a poesia de certo poema. Ou a pessoa sente tal poesia ou tal poema, ou não a sente.

³ *Região de Leiria*, ano IX, nº 380, 16.III.1944, «Bambi - Pelo Dr. Manuel Filipe», p. 1.

Questão de sensibilidade, de capacidade receptiva, de identificação da obra com a pessoa que admira, contempla ou sente.

Mas o desenho, a cor e a música de “Bambi” formam um todo poético de tal volume, que ele se impõe à sensibilidade mais obtusa. E guardei para o fim uma referência especial do sentido humano de “Bambi”. No tempo em que os animais falavam, a escola era risonha e franca. Depois, os animais retomaram a sua voz de animais, perderam a fala e foi o diabo. A escola passou a ser hostil e a vida áspera. As últimas gerações viveram com animais de voz naturalmente animalesca. Mas eis que surge um novo Lafontaine, que lá nas Américas refez o prodígio e pôs os animaizinhos a falar, a chorar, a rir, e a fazer tudo como os seres humanos. E de tal modo o fez, de tal maneira os pôs a viver na tela as suas e as suas mágoas, que não podemos nós, os espectadores, deixar de sentir com as pequenas corças e os lépidos coelhinhos, os seus desgostos e os seus entusiasmos. Tudo em “Bambi” nos fala de ternura, desde o mais insignificante golpe de olhos da pequena Feline, até à mais ostensiva atitude de protecção consciente e fidalga, forte e serena, do maioral da geração, Sua Alteza o Papá Veado.

Estas coisas não se explicam, como um teorema de geometria. Sentem-se. Elas são tão conformes com a nossa sensibilidade de homens, que, explicá-las é tirar-lhes o gosto. Como pode explicar-se a poesia de um poente que inunda todo um vale encravado entre duas montanhas? Não seria a própria voz humana, quási sempre apoética ou antipoética, que, ao explicar, começaria por anular toda a faculdade de identificação poética entre o objecto e o sujeito? E, depois, W.D. Não quis deixar de dar, em “Bambi”, a nota amarga da intervenção do homem na vida edénica dos habitantes naturais e legítimos da floresta.

O homem, ser sublime e hediondo que simultaneamente edifica e destrói civilizações, que ora mata por necessidade, ora por sadismo, não se contenta em se infelicitar a si e ao seu semelhante. Incendeia florestas, esfogueteia a tiro de carabina ou de arma caçadeira milhares de vidas sublimes, reais complementos da felicidade humana. E ainda, para cúmulo da sua sanha às pobres e simpáticas alimárias, consegue atçar os animais que domesticou, contra aquelas. É o caso da perseguição dos cães de caça, contra toda aquela “gaiulada” dos bosques, que, em “Bambi”, nos entra no coração e cá fica, qual antiséptico espiritual, tão necessário à vida como o pão para a boca».

III

A Cidade Nova ⁴

Lisboa é uma cidade de contrastes. Nem admira. Esta luz meridional, violenta, de sol-sombra...

⁴ *Região de Leiria*, ano IX, nº 386, 29-IV-1944, «Cidade Nova», p. 1.

Dáí lembrar-se a gente da sua grandeza e da sua miséria: o mendigo que se acotovela na rua com o banqueiro; prostituta de profissão que se senta lado a lado com a madama respeitável; a fábrica do gás triste e negra, ombreando com a solitária e branca torre de Belém; as ruas infectas e os bairros burgueses; o exaltado e palavroso homem do café e o reformado que abre as pernas e dorme molemente no banco de jardim...

Contrastes: sol-sombra, arestas vivas, ângulos agudos e obtusos...

Um dia apareceu um homem chamado Sebastião e que era um geómetra com o sentido do belo.

E então, depois dum reboiço que destruiu casas, que matou e afligiu homens, mulheres e crianças, resolveu Sebastião fazer uma cidade nova. E fez. E saiu coisa asseada: ruas e praças amplas, cortadas em ângulos rectos, janelas amplamente rasgadas, edifícios simples e equilibrados, obedecendo a um plano de conjunto. E o tal sujeito, chamado Sebastião, que, dizem uns, era um grande homem e, segundo outros, um cavalheiro muito mal encarado, e que tinha a mania de mandar mais do que o próprio rei, o tal homem, fez uma praça linda que deita para o mar.

De tudo quanto o Sebastião construiu, Lisboa ainda hoje se orgulha e com razão. Evidentemente. O Sebastião foi um visionário. Previu intuitivamente, ou com a mais clara lucidez, que o seu plano teria projecção no futuro. Toda a sua Baixa de Lisboa viria a ter uma extraordinária função no período comercialista que se lhe seguiu e que veio até aos nossos dias.

Que seria da Lisboa comercialista sem a Baixa pombalina?

Depois do Sebastião, ó Céus! Os architectos e edificadores de Lisboa pouco mais têm feito do que dar cabeçadas pelas paredes.

Casas e edifícios das Avenidas: da Liberdade, Duque de Loulé, Almirante Reis, etc., formam um conjunto architectónico, que, salvaguardadas as vidas dos seus habitantes, estão a pedir 1755 e Sebastião II.

Construídas sem projecção no futuro, quer tecnicamente, que em espírito, porquanto, a cidade do futuro não se me afigura comercialista e de luta titânica pelo lucro, mas, sim, calma e espiritualista.

As cidades novas, as cidades do futuro, serão metrópoles do espírito.

Napoleão, durante a sua cegueira militar, ou, mais tarde, no exílio, teve esta frase, sublime de síntese: «Há no mundo dois poderes – a espada e o espírito. O espírito tem sempre vencido a espada».

Só os mal intencionados não aceitam esta verdade axiomática.

Sebastião José deu o exemplo das portas e praças voltadas para o mar. mas o português, sentencioso e recôndito, conduzido pela mão de Acácio, atreito, como é, a

catarros e constipações, espirrou 3 vezes, cuspiu 3 vezes ... e pensou: «Diabo! Isto de água, num país de vinho, só para lavar os pés ao sábado e há-de ser quente».

Na verdade o pensamento é lógico. O Sebastião era um louco com a mania das grandezas. Lá porque o Infante tinha feito a sua e nossa grandeza no mar, vá de voltar tudo para o mar, para a água, sem respeito nenhum pelas barbatanas deste pobre diabo do lisboeta, que tudo resolve entre uma chalaça, um copo dele e duas tremendas constipações anuais.

O Sebastião morreu. E depois dele não apareceu um Sebastião II que nos desse um segundo grande plano da ampliação de Lisboa.

Lisboa amplia-se mas sem um plano. Pelo menos um plano filosófico e humano, que nos desse bairros humanizantes, isto é, a certeza de que as cidades são construídas para os homens e não os homens para as cidades.

Há cidades porque há homens. Do mesmo modo, há professores porque há alunos. Logo: cidades e professores, existem, para servir homens e alunos. Tudo se devia condicionar para que nesta relação entre meio e fim, o meio, tivesse o seu exclusivo papel de meio ao serviço do fim.

E tal não acontece, pelo menos na relação de cidade para homem. Este, não domina a cidade. É absorvido por ela. A grande cidade tem prestado enormes serviços ao homem. Mas o homem tem sido largamente escravizado pela grande cidade.

Fatalidade histórica, ligada ao próprio movimento de emancipação do homem? Talvez.

Creio, porém, em que a grande cidade entrará em declínio, depois da libertação do homem.

Gostava, leitor, de te expor o que entendo por uma cidade humana, ou, antes, humanizante, feita para homens. Mas talvez me achasses ridículo ou visionário.

Um dia, porém, arrostarei com todo esse possível ridículo e falar-te-ei do que tenho na cabeça acerca da CIDADE NOVA, com projecção no futuro: a cidade-jardim, sem quintos andares.

A cidade ao serviço do homem.

Manuel Filipe

IV

Duas lágrimas, um ramo de crisântemos⁵

Estas duas lágrimas e este ramo de crisântemos são para a Suzel.

A Suzel foi minha aluna. E raramente se encontra, entre os nossos alunos, um coração como o da Suzel, uma tão grande dose de simpatia e de ternura como a tinha a Suzel, para todos os que a conheciam: para os professores que dela falavam com desvanecimento e para os discípulos que a estimavam e queriam.

Morreu a Suzel, disseram-me. E pasmei.

Tudo se pode compreender e aceitar nesta vida, é certo.

Mas quando a razão é amarfanhada pelo sentimento, a gente pasma com certas coisas. E eu pasmei com a morte da Suzel, aquela rapariguinha gentil e de alma branca que ontem nos deixou para sempre.

I/XI/944

Manuel Filipe

V

Mário Dionísio, poeta⁶

Confesso a minha falha: sou obtuso à poesia.

Quer isto dizer que não sinto a poesia, ou quer antes dizer que os poetas, sobretudo os esotéricos das últimas décadas – exactamente pelo seu exoterismo e hermetismo essenciais e característicos – têm fugido do comum dos mortais, provocando nestes indiferença e agnosticismo?

⁵ *Região de Leiria*, ano X, nº 412, 4-XII-1944, «Duas lágrimas, um ramo de crisântemos», p. 1.

⁶ *Região de Leiria*, ano X, nº 445, 19-VII-1945, Página de cultura, «Mário Dionísio, poeta», pp. 3 e 4.

Seja como for, sei que o poeta não é um homem tão terreno como o prosador. Por isso se deve conservar entre o céu e a terra, naquela posição em que veja as coisas por cima – visto que é poeta – sem todavia perder o contacto com a poeira de que é feito, quer dizer: «perder o pé».

Porque sou obtuso à poesia, segundo declarei: e porque declino desde já o eventual apóstrofo de crítico – ó quem dera que me ensinem a mim! – sinto-me assim à vontade para, como um simples leitor do poeta, vir chãmente dizer alguma coisa das impressões colhidas na leitura de *As Solicitações e Emboscadas*, de Mário Dionísio.

Antes de mais permito-me fornecer-vos um poema tirado ao acaso do livro citado. Eilo:

O DOENTE E A FEBRE

Ouvem ao longe o ruído confuso
que faz gelar as falas
e erguer os olhos estranhos a sondar o escuro?

(Quem passa na cerca?
quem chora apavorado aqui tão perto?)

Ouvem ao longe o sussurro abafado
de qualquer caminhada não se sabe daonde
que vem vindo vem vindo
que vem vindo e cercando
que vem vindo e abafando
o silêncio das salas?

(é um vidro que estala? uma telha que voa?
um portão que rebenta e fica escancarado?)

Ah
não é a vida abstracta que se inventa
nas pétalas das flores

Nem as frases suaves que despontam
na cabeça dos poetas

São os homens cansados que se agitam inquietos

São os homens cansados por milhões

São os homens cansados inquietos na noite

Neste poema estranho, sem pontos nem virgulas, (desculpem-me os gramáticos, mas eu também não senti necessidade de uns nem de outras), poema de alta expressão artística, o homem freme.

Dionísio está verdadeiramente entre o céu e a terra: exprime-se em boa linguagem poética e sente o pulsar colectivo dos corações. Dionísio renega a poesia embaladora e mistificante dos sentidos, toda formal e só formal, quando canta:

.....

Ah

não é a vida abstracta que se inventa

nas pétalas das flores

Nem as frases suaves que despontam

na cabeça dos poetas

.....

Muitos poetas falam de cor. Creio-o, porque os tenho conhecido cantores, por exemplo, das belezas femininas da paisagem coimbrã e passam a vida beberricando cafés ou copos de vinho em qualquer canto de qualquer café ou taberna.

Declaro, até com certa pontinha de orgulho, que muitos deles nem os leio. Já seio o que eles me diriam: «Os teu olhos lânguidos» para aqui, «a tua boca fremente e rubra» para acolá.

Ora nesta lufada de sinceridade, por vezes até brutal, dos artistas de hoje, alguns há que, sem largar o estandarte da sinceridade, saltaram as barreiras, quebraram o preconceito da inutilidade da Arte e dizem-nos hoje, com autênticas vozes de poetas que não querem «perder o pé», aquilo que todos os homens podem entender. É que eles, os tais poetas, falam com o coração nas mãos para todos os seus iguais: os outros homens.

Dionísio é um destes poetas. Dionísio fala a todos os homens dizendo-lhes poeticamente do seu entusiasmo e da sua grande esperança.

Dionísio é um poeta livre de todos os preconceitos mais ou menos bem fabricados por estetas e críticos.

Não será também um preconceito o desejo de ser entendido por todos, do mesmo modo que os subjectivistas se compraziam em não o ser?

Não! Eu sei que M. Dionísio sente a intrínseca necessidade de comunicar com o mundo que o cerca. Não compõe poemas com um propósito estranho à sua condição de artista-homem. A sua poesia comunicativa é um fruto legítimo, espontâneo e natural da sua condição de homem-artista, tão natural como natural é o mar ter água.

M. Dionísio dá-nos a sua poesia repassada de neo-humanismo, tão naturalmente, como naturalmente um pintor medieval nos dava os seus quadros religiosos de pura apologética, ou sem apologética nenhuma.

Mas leiamos, antes, o poeta, noutra só, dos seus poemas:

VIDA INTERIOR

Noutro tempo chorava

tristemente

com o peso do mundo nas costas dobradas

Ia

com os ombros caídos e os olhos no chão

abandonadamente

pelas estradas

Mas agora

cruamente

alguma coisa me põe os olhos secos

e me atira a cabeça

e o corpo todo

para a frente

Note-se neste poema a naturalidade com que o poeta fala.

Espontâneo, límpido e singelo (perdão por três adjetivos seguidos mas necessários) o poeta parece falar-nos do seu caso pessoal. E daí, talvez, a fluência e beleza formal do poema, sem menosprezar a humanidade do tal caso pessoal, idêntico a muitos milhões de casos pessoais.

Quem poderá dizer que não estamos em presença de um verdadeiro poeta dos tempos de hoje?

Em *As Solicitações e Emboscadas*, Dionísio apresenta-nos outras facetas da sua rica personalidade de artista.

Os críticos e ensaístas que falem, quando entenderem que é oportuno.

Eu fico-me nesta cronicazinha, sem outra pretensão que não seja a de desvendar aos seus eventuais leitores a uma face da *Nova Poesia*, que talvez lhe seja mais grata do que aquela que lhe tem sido ministrada ultimamente: poesia elevada, sim, mas que poucos gostam de ler.

Mário Dionísio é bem um poeta situado entre o céu e a terra: lá por cima, porque é poeta; cá por baixo, porque é homem; e, como tal, sentindo o pulsar colectivo dos corações dos outros homens.

M.F.

VI

Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra ⁷

Leiria vai ter, na próxima sexta-feira, dia 30, oportunidade de mais uma vez assistir a um espectáculo de estudantes universitários.

Não estivesse esta cidade já prevenida desde 1942, ano em que o T.E.U.C. Aqui representou pela primeira vez e teria que o ser agora, de que o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra é um grupo sério que representa obra séria.

Habitados como estamos àquele enorme sono letárgico do teatro português e de que um dia há-de necessariamente despertar – salvo, é claro, um ou outro espectáculo a afirmar-nos que temos actores e poderíamos ter bom teatro – é muito confortante saber-se da existência de um grupo de amadores como o T.E.U.C., que é uma permanente lição

⁷ *Região de Leiria*, ano XI, nº 464, 29-XI-1944, «Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra», p. 1.

para outros grupos de amadores e, não menos, para as próprias companhias profissionais do Porto e de Lisboa.

Não seria difícil ao leitor concluir, como eu concluo, das razões do baixíssimo nível do actual teatro português e porque é o T.E.U.C. uma rara lição de probidade, que, infelizmente, não chega para que se saia deste eclipse do bom teatro nacional.

As razões a que me refiro, se não são imediatamente patentes, também não são difíceis de apontar se fizermos algumas comezinhas deduções, algumas das quais aí vão ao acaso. É certo e sabido que o teatro, fonte de formação e de cultura, não é, nem podia ser, um caso à parte do problema cultural português; e se o problema cultural português ... mas adiante. É certo e averiguado que o nosso actor «não pode fugir à teia, que o prende, tecida pelo empresário que tem os seus interessezinhos a defender e pelos empresários entre si. E mais se sabe que, além dos impedimentos apontados que são decisivos para que se não possa fazer bom teatro, há também em jogo os próprios interesses de certos actores e actrizes que são arvorados em padrões dos colegas que exploram, etc.

Eis, em duas linhas, uma pálida imagem das bases em que assenta o nosso teatro, acrescida a crise do facto de pouco se ter escrito de bom para o teatro, em Portugal.

Não se argumente, por favor, que o teatro foi morto pelo cinema, porque não é verdade. O teatro é uma coisa e o cinema é outra. São os próprios americanos que provam estas afirmativas, mantendo em Nova Iorque, com permanência, algumas excelentes casas onde se representa exclusivamente bom teatro com lotações completas.

Se apresentei esquematicamente a teia em que caiu o teatro português, foi bem menos para apresentar mais uma chaga do que para exaltar uma realidade que transcende o âmbito dos nossos espectáculos teatrais, realidade essa que não existe por acaso. Existe, porque: o T.E.U.C. é um grupo de excelentes vontades, de generosos corações e de cabeças bem feitas, aglutinados por um pensamento comum de difusão de cultura e de auto-educação, superiormente orientados por dois belos espíritos: os doutores Paulo Quintela e Dinis Jacinto.

Uns e outros têm um pensamento dominante: o da elevação cultural portuguesa pela arte de representar. Não são empresários para arrancar da caixa o lucrozinho, base de toda a actividade teatral portuguesa; não desejam adular os baixos gostos e instintos do público a troco de bilheteiras garantidas e, sobretudo, não obedecem a imposições de quem quer que seja, mas tão somente àquilo que lhes parece sério, artístico e útil por educativo.

Bem hajais, bravos rapazes, bem-vindos sois e que os vossos corações nunca se vos esfriem para a vossa bela obra, são os sinceros desejos desta simpática cidade de Leiria e também os do

Manuel Filipe

VII

*Foot Ball em Leiria*⁸

É já do conhecimento de muita gente o carácter que se pretende dar ao Leiria Ginásio Club.

Todavia reinam ainda mal-entendidos, ressentimentos e, sobretudo, o desconhecimento de que a actual direcção do nosso Club pretende fazer dele: um Club autêntica e ostensivamente popular, no mais amplo e saudável sentido deste termo.

Isto já foi dito e redito, mas ainda não se tinha recorrido ao mais eficiente dos processos (o da imprensa) para que não restassem dúvidas no ânimo de quem quer que fosse.

Posto isto e autorizado pelos meus caros colegas da direcção do Leiria Ginásio Club, declaro formalmente abertas as portas da nossa casa a todas as pessoas, sócios e não sócios, para que nos dêem a sua adesão e simpatia, uma e outra necessárias à manutenção e progresso do Club em questão.

Dadas certas circunstâncias bastantes favoráveis à construção dum Estádio Municipal e graças ao entusiasmo do Ex. mº Senhor Presidente do Município de Leiria, é-nos legítimo, a todos nós, um pouco de crença no rejuvenescimento dos desportos locais, mormente do foot-ball, modalidade desportiva que o leiriense não tem praticado por falta de local próprio.

Crentes em que o Estádio Municipal de Leiria vai ser uma excelente modalidade dentro em pouco; e crentes em que as juventudes se interessam pelos desportos, daqui lançamos o apelo do Leiria Ginásio Club a todos os jovens (ou não) simpatizantes e praticantes dos desportos, para que venham até ao L.G.C. inscrever-se nas suas secções de ginástica, campismo, atletismo e foot-ball.

E foot-ball, repito. Sim, senhores desportistas desta cidade: vamos ter foot-ball em Leiria, segundo resolução da Assembleia Geral do Leiria Ginásio Club, efectuada no dia 26 de Julho, onde em princípio ficou assente, por unanimidade, que se crie imediatamente a secção de foot-ball do nosso Club.

⁸ *Região de Leiria*, 8 de Agosto de 1946, ano XI, nº 498, 8-VIII-1946, «*Foot Ball em Leiria*», p. 1.

A máquina vai ser, pois, imediatamente montada.

Resta-nos que vocês, rapazes, venham até nós com o vosso são entusiasmo e se inscrevam já nas nossas secções desportivas, mormente nas nossas secções de foot-ball e ginástica.

Em frente pelo Leiria Ginásio Club.

M. Filipe

VIII

Coisas que muitos sabem (I) ⁹

Exigir que uma obra de Arte seja sempre agradável à vista equivale a afirmar que a Vida é sempre bela e agradável para todos. Ora tal não sucede.

Se a Vida é muitas vezes ingrata à vista e à sensibilidade, aquilo que sinceramente a reflecte – a Arte – tem de ser ingrata à vista e à sensibilidade.

Eu sei Leitor: tens a vista afeita às belas paisagens coloridas com barquinhos à vela e frondosas árvores, à sombra das quais os pastores tocam flauta.

Tens o gosto afeito aos livros cor de rosa e ao filme que acaba sempre bem: casório da menina com o galã. Mas nem por isso, certamente, negarás valor a um Goya pintor de fuzilamentos; ou a uma Kate Kolwitz, a dos campos de concentração.

Perguntaram ao pintor: «porquê essa insistência em ver quasi só o desagradável?» «Porquê a insistência dos nossos artistas em verem só o agradável?», respondeu o pintor.

Em Arte, não conta o agradável ou o desagradável dos temas. Em Arte, o que verdadeira e definitivamente conta é a essência da obra, isto é: a sua altura artística.

De duas obras superiormente realizadas, vale mais aquela cujo tema dê que pensar ao espectador ou ao leitor.

Num livro, como num quadro, distinguem-se duas partes: o fundo e a forma.

⁹ A *Tarde*, supl. «Arte» (dir. Júlio Pomar) n.º 13, 1-IX-1945, *Coisas que muitos sabem (I)*.

O fundo é o assunto escrito no romance ou pintado no quadro. A forma é a maneira, o processo que o artista usou para exprimir o fundo ou o assunto.

O verdadeiro artista não menospreza a forma em favor do fundo, porque sabe previamente [que] condenaria a sua obra, se o fizer. Pode ela provocar entusiasmo ao ser publicada ou exposta; porém, passados tais entusiasmos, ela cairá em ostracismo. O fundo, que provocou tais entusiasmos aos políticos ou aos religiosos, uma vez perdida a sua actualidade no tempo, devorará a própria obra, se ela não tiver a escora duma boa realização formal.

Por isto é que as artes assíria, egípcia ou helénica sobrevivem às ideias que informaram tais artes. Ainda por isto é que com Memling sobreviverá à ideia religiosa que serviu.

Manuel Filipe

IX

Coisas que muitos sabem (II) ¹⁰

«Pinto porque pinto». Eis uma frase que muitos pintores proferem enfaticamente, e porque não convictamente?

Porém, nos tempos que correm, em que a luta não poupa um único homem, é legítimo que um pintor o seja só (o que é muito, sabemo-lo) por mera necessidade intrínseca de pintar? Não será a já célebre frase um refúgio para covardias, lassidões, defesa de interesses criados, que é como quem diz, refúgio para uma cómoda renúncia à luta quotidiana que todo homem hoje trava pela sua própria existência?

«Pinto porque pinto» é uma frase que aceito como legitima para alguns pintores portugueses. Para alguns outros, porém, considero tal frase um cavalo de pau, dentro do qual se alapardou comodamente a covardia ou a preguiça mental, a cegueira preconcebida ou qualquer outra «virtude». Quasi não compreendo que um pintor, que é um homem como o outros homens, não tenha problemas além dos meramente pictóricos. E se os tem, não é natural que os deixe transparecer em pintura?

¹⁰ A *Tarde*, supl. «Arte». n.º 15, 15-IX-1945, «Coisas que muitos sabem (II)».

Sei de um crítico que pede, a cada passo, arte saudável. O que vem a ser isto de arte saudável?

Sei que o tal artista admira Carrière, não nega Balzac, respeita Dostoiewski. O que querará ele, lá na sua, ao inculcar uma arte saudável aos seus colegas?

Singularidades...

A arte egípcia, como a medieval, reflectiu uma filosofia da vida: o princípio religioso absorvia os artistas, a religião era o pão nosso de cada dia. E assim os artistas reflectiam religião porque eles mesmos eram religiosos. Quero dizer: a arte serviu a religião, de dentro para fora.

Parece-me natural o desprendimento gradual da Igreja por parte dos artistas, a partir do Renascimento. Parece-me natural a arte agnóstica das escolas francesas do século XIX para cá. Parece-me natural o surgir de qualquer coisa de novo no campo das artes, que reflita este período social que já se vive e viverá plenamente no futuro.

Parece-me natural que a arte daqui a vinte ou duzentos anos seja tão vincadamente social, construtiva e útil, como o foi profundamente religiosa, construtiva e útil na meia-idade.

Manuel Filipe

X

Coisas que muitos sabem (III) ¹¹

Vi há pouco reproduções de Portinari: «Lavadeiras» e aspectos do êxodo pela seca, do nordeste brasileiro. Então lembrei-me dos nossos pintores de Lavadeiras. As «Lavadeiras» de Portinari, máquinas de trabalho que só descansam quando morrem, foram vistas de perto. As dos nossos pintores são vistas à

¹¹ Filipe, Manuel, "*Notas e Comentários - Coisas que muitos sabem...*", in *Aqui e Além...*: Revista de Divulgação Cultural, n.º 3, Dezembro de 1945, Porto, pp .75-76.

distância, enquadradas na paisagem bucólica, complementos dela, dando ao quadro um aspecto todo cantante e fresco.

Também eu tenho admirado muitas dezenas de vezes estes quadros bucólicos. Mas cuidado... não te aproximes muito das lavadeiras. Senão, lá se quebra todo o encanto e terás que as ver com os olhos de Portinari.

Não te aproximes muito porque te arriskas a ver a degradação de muitas delas: mãos falhadas, pernas a rebentar de varizes, faces envelhecidas, linguagem ora desbragada ora conformada com a desgraça.

Lá se vai todo o encanto, meu pintor de lavadeiras à distância...

Portinari pintou as suas «Lavadeiras» de perto, ouvindo as suas lamentações de conformação ou as suas imprecações de revolta, comungando com a sua desgraça. Para ele, o humano é fundamental. A paisagem, quando a representa, tem a função de acidente necessário.

Para o nosso pintor de lavadeiras, a paisagem é o fundamental; as lavadeiras, um acidente que enriquece, pela cor, a tonalidade geral do rectângulo que se pintou.

O humano não interessa ao nosso pintor, ficando-se pela superfície. Receia ir ao fundo em pesquisa de mais verdade. E depois... o cliente prefere assim. É preciso servir o cliente.

Dizem muitos dos nossos artistas, alguns deles cultos, que a arte deve ser isenta de políticas, de ideologias de qualquer espécie, devendo o pintor ser apenas pintor, o músico apenas músico, etc.

Respondo-lhes pela boca de Lopes Graça, que escreveu em *Reflexões sobre a música*, página 105, estas palavras: ... *se torna imediatamente evidente que um quarteto ou uma sonata podem, na realidade, ser comunistas ou fascistas, pelas mesmas razões por que existiu uma música informada por uma mentalidade religiosa.*

Na Idade Média, as artes exprimiram a ideia dominante da época: religião.

Não é natural e legítimo que, numa época em que o pensamento dominante é a política, as artes dessa época estejam (ou venham a estar) impregnadas desse pensamento dominante?

Ou será que o artista, por o ser, não é um homem que, como os outros homens, possa sentir os problemas que são os seus próprios problemas de homem-artista? Ou será que se possa sempre separar a Unidade homem-artista em homem e em artista?

Certo que na História da Pintura há pintores que, pelo menos em aparência, parecem situados à margem dos problemas extra-artísticos do seu tempo. Não será tal alheamento, já em si, uma comunhão negativa com a sua época, isto é: um preconcebido alheamento ou fuga, por descrença, nos problemas dos seus contemporâneos?

A verdade tem vindo sempre ou quase sempre a ser o espelho que da as imagens da época em que vive.

E, para terminar, transcrevo outra vez Lopes Graça no já citado livro, páginas 107 e 108: ... *foi o alto tema do seu destino, da sua salvação que, sobretudo, ele abordou nos seus cantos.*

Mas há a notar que, com o andar dos tempos, a salvação vai passando do plano da idealidade transcendente para o da realidade humana. Assim, para Bach, músico protestante, a salvação esta na Piedade. Para Beethoven, místico da Revolução, na Fraternidade. Para Wagner, místico humanitarista, no desprezo do ouro vil. Para Mussorgsby, místico por assim dizer populista, talvez na emancipação do trabalhador.

Hoje esta o problema da salvação do homem nitidamente colocado no campo social. Pode abstrair disto o músico que não queira ser simplesmente rouxinol?

Manuel Filipe

XI

S / Título, A Liberdade Guiando o Povo ¹²

“[Imagem: Delacroix – Um pormenor do quadro «A Liberdade guiando o povo» - (1830)]

¹² *Gazeta de Coimbra*, ano XXXV, nº 4.180, ano 35, 30-V-1946, na rubrica «*Artes Plásticas – Os Grandes Artistas*», pp. 3 e 7. Pela própria informação histórica, e por ter dedicado várias conferências anteriormente à pintura francesa, não haverá dúvida em atribuir o artigo a Manuel Filipe, que, alguns números depois, na mesma rubrica da *Gazeta*, editará a reprodução de um carvão seu da Fase Negra.

Um mundo de magnificência e de horror, de glória e de sangue, acaba de ruir. Um império que dominou a terra acaba de esboroar-se numa vergonhosa derrocada: a mediocridade e o tédio substituem as excitações quotidianas das vitórias e das derrotas. A epopeia de um povo que findou. Uma ordem soçobrou, outra procura nascer.

O domínio de um só vai ser substituído pela onipotência de todos; e o 28 de Julho de 1830 será deste facto a primeira afirmação violenta. Delacroix, nascido dois anos antes do século, guardará a recordação deste fim de um mundo; surge na vida do espírito no momento em que vacila esta ordem de energia monstruosa, e toda a sua arte reflectirá este contacto prodigioso com o poder do homem que atingiu a sua mais intensa expressão e com a brutalidade da morte. Ele será o pintor das destruições de impérios, das violações dos territórios, das intrusões estrangeiras no solo de Scio, dos sonhos de conquista para o oriente, e ficar-lhe-á a amargura daquele que, das grandezas imaginadas, não chegou a conhecer mais que a desilusão.

Por um momento, foi possível crer que o povo e o pintor fariam causa comum para reedificar a nova ordem necessária. *A Liberdade guiando o povo*, não obstante, significa menos para Delacroix a libertação do cidadão do que a da arte. A sua ordem, foi Delacroix procurá-la a um outro império: à África, o único lugar no mundo onde podia ainda viver a civilização antiga, que, nem David, nem Napoleão, nem Ingres, tinham conseguido enraizar em terras da Europa. E no esplendor argelino e marroquino não só descobre a atitude humana desejada como também a sua posição de artista, de filósofo. A liberdade da arte, conquista-a ele sozinho: pelas suas próprias mãos destrói o império artístico de que David foi o tirano, não para fundar aí uma república universal, mas para ter o direito de se fechar em si mesmo, na solidão, indiferente às agitações exteriores, denunciando, todas as vezes que pôde, o perigo contra o espírito, novo Hamlet, novo Tasso, sendo preciso novo Foscari.

O exemplo da energia, o hábito da morte, a descoberta dos vestígios ainda palpitantes da civilização, e o isolamento ardente fizeram de Delacroix um criador de vida. Não de vida como Géricault que necessitava de actualidade quente e trágica, mas de vida seleccionada no momento preciso em que, mesmo prestes a desaparecer, condensa todas as suas forças: o momento *rubeniano* da vida, momento transitório mas que contém todas as possibilidades humanas.

Nascido em Charanton-Saint-Maurice, perto de Paris, em 26 de Abril de 1798, foi também em Paris que Delacroix morreu em 13 de Agosto de 1863, no seu quarto da Rua de Furstenberg que é hoje o museu mais enternecedor. Aluno de Guérin, fez-se conhecer, audaciosamente, no Salão de 1822, expondo o seu quadro *Dante e Vergilio nos Infernos*, e em 1824, desencadeia o entusiasmo e a indignação com as *Cenas de Massacres de Scio*. Foi neste momento que interveio na sua arte, e na arte francesa, a influencia dos pintores ingleses representados nesse Salão de 1827. Delacroix fez mesmo uma viagem à Inglaterra, no ano seguinte, e à sua admiração por Velazquez, por Goya e por Rubens junta-se à por Constable depois de Bonington, que já precedera a dos poetas ingleses e sobretudo de Byron. Com eles, não só se indigna pelo avassalamento da Grécia pelos turcos, mas ao mesmo tempo, satisfaz a sua paixão pelo Oriente e na *Morte de Sardanapale*, ele reúne numa magnífica síntese todos os seus pesares, todos os seus desejos, todos os seus amores de homem e de pintor. Até 1832, Delacroix encontra a sua

inspiração nos combates e lutas que lhe oferecem a Grécia, o Oriente, a história passada e presente da França, nos romances de Walter Scott, nas baladas escocesas de Burns e no teatro de Shakespeare.

A Espanha, Marrocos e Argélia, que visita em 1832, fornecerão temas que ele retoma incansavelmente: essa viagem será o acontecimento mais importante da sua vida, e, talvez, o mais importante da arte francesa do século XIX: o orientalismo é, daí para o futuro, uma conquista do espírito, e não mais um dos seus desejos. As *Mulheres de Alger no seu quarto* (1834), o *Combate de Giaur e do Pachá* (1827 antes de Marrocos, 1835, 1856), os *Convulsionários de Tânger* (1837 e 1857), a *Boda Judia em Marrocos* (1837), *Mulay Abd-er-Rahman* (1845, 1856 e 1862) e muitas outras recordações desses países, marcarão agora a carreira de Delacroix.

Mestre do seu dom criador, Delacroix empreende, depois do seu regresso de África, estes trabalhos cujo valor iguala os de Veroneso e de Ticiano. Ao mesmo tempo que pinta obras como a *Justiça de Trajano* (1840), como a *Entrada dos Cruzados em Constantinopla* (1840) ou a *Morte de Marco-Aurélio* (1844) inicia sucessivamente trabalhos de decoração no Palais Bourbon (Salão do Rei, 1833-1837; depois Biblioteca, 1838-1847), em Saint-Denis du Saint Sacrement (1843), no Senado (Biblioteca, 1845-1847), no Louvre (Galeria de Apolo, 1849-1850), na Câmara Municipal de Paris (Salão da Paz, 1851-1853), depois, de 1849 a 1861, concebe e executa o *Eliodoro expulso do Templo* e a *Luta de Jacob com o Anjo* para a capela dos Santos-Anjos da Igreja de São Sulpício. Os anos de 1838 a 1850 marcam o apogeu da actividade artística e mundana de Delacroix. Os seus enormes trabalhos não o impedem de frequentar os teatros, os concertos, de estar presente em todas as manifestações de arte, sobretudo musical: ele é o amigo ferveroso de Chopin e de George Sand; escreve artigos de crítica e de estética para a *Revue des Deux Mondes*, para o *Moniteur* e outros. Todavia, o Instituto, onde Ingres era rei, só o recebeu em 1857 depois do público o ter consagrado, na Exposição Universal de 1855, o seu maior pintor. Mas os inimigos não desarmaram, e Delacroix, entre os seus pares, permanece isolado. A doença, sobretudo depois de 1847, em que o seu aspecto tuberculoso se concretiza, contribui para tornar mais profunda a solidão do mestre. Durante quinze anos, lutou contra a morte, continuando a pintar admiráveis obras-primas na tela ou na parede, com uma energia sobre-humana.

Delacroix foi educado no tempo do triunfo da energia: os seus últimos anos dão um novo testemunho disso, e morreu sem se render. Mas não deixou nem ruínas nem confusão atrás de si: bem ao contrário, ele restituíra a vida à arte.

M.F.

XII

Pintura de crítica social de Manuel Filipe ¹³

Nesta cidade encontra-se aberta ao público uma exposição de pintura de Manuel Filipe.

Nela, os visitantes terão os mais variados critérios de classificação que vão oscilar entre o óptimo e o péssimo, entre o abraço e o insulto, como, aliás tem acontecido em outras cidades do país.

Assim mesmo.

É que a obra de Manuel Filipe, se outras qualidades não tem, regista esta de colocar o visitante numa atitude expectante de surpresa, repulsa, interesse ou até mesmo de desinteresse, dado que à primeira vista de pouco ou nada se apercebe. Porém, seja qual for a primeira reacção do visitante, convida-se este a tentar encaminhar-se no sentido de algo entender e sentir. Mas para tanto são necessários uns momentos de paciência e de esforço intelectual, porquanto, o artista, ao compor os seus quadros pensa que está trabalhando para os seus semelhantes. Logo, visitante, debes partir do princípio de que, o que tens à tua frente, é-te especialmente dedicado. Assim, se para compreenderes um livro tens de o ler, para compreenderes e sentires um quadro tens de o olhar com o necessário tempo.

O que quer que seja criado pelo homem e para o homem não deve ser julgado ao primeiro impulso, ao primeiro contacto, porque, amigo, muitas pessoas se enganam nos seus juízos mesmo quando usam a leitura, a inteligência e a meditação. Dispensa, pois, uns minutos ao que tens na tua frente e, assim, começará a surgir uma certa aproximação entre ti e os quadros que observas.

E, agora, os quadros. Os quadros do pintor Manuel Filipe são um tanto diferentes daqueles que vês nas salas, nas lojas, etc. É que, neles, o artista põe a declarada intenção de ajudar a conduzir o homem na resolução dos seus próprios problemas, sobretudo os de carácter social que envolvem o desejo de todos nos sentirmos gente cá neste mundo.

A obra de Manuel Filipe dedica-se sobretudo àqueles homens que, por largos milhões, constituem a imensa maioria da humanidade, homens para quem o tempo não dá para mais do que tentar resolver o problema da sua sobrevivência física: - o pão para a boca e a roupa para o corpo.

¹³ Folheto impresso, provavelmente redigido pelo próprio Manuel Filipe, para o grande ciclo de exposições post 1979. Espólio Manuel Filipe, CMCN, Galeria Manuel Filipe, Caixa 2.

Ora isso não é justo, porque o homem não é só corpo, é também espírito. O homem, ao nascer, deve trazer consigo o automático direito à vida de HOMEM. E porque isso não acontece impõe-se a luta para que tal aconteça.

E a luta do artista é esta: - a luta para que os homens deste mundo que habitamos, possam, efectivamente, realizar-se em corpo e espírito, em paz e felicidade.

AMIGO! VAI À EXPOSIÇÃO.

Lê o catálogo, pensa no que ele te diz e naquilo que te disserem os quadros.

Extra-numeração

Nuances (a Manuel Filipe)¹⁴

Aquele homem, que eu conheço,

E que ninguém conhece...

Embora o cumprimentem com tocar-lhe o[a] mão:

E' um pintor, mordente, de água-forte;

Pintor que eu vi pintar,

Nervoso e sacudido,

Com alma e emoção!

Aquele homem que eu conheço,

Pintor da vida e da verdade forte:

Tem o sentido da sombra,

O instinto da tragédia,

¹⁴ *O Mensageiro*, ano XXX, n.º 1424, 3-III-1945, «*Nuances*», por J. Martinho de Carvalho, p. 2

A paixão do paroxismo!

E' um pintor dos pobres,

E' um pintor dos nus;

E, agita uma bandeira

Que ressuscita apenas

A graça de Jesus!

Aquele homem que eu conheço,

E que não me conhece;

Que, nem eu me sei:

E' um pintor estranho e deformista

Que brinca com a luz!...

Que tem a luz em si para verter na tela

Tal como a tem, na alma, a rir, nos olhos seus!

Tão nata e nua...

Tão arte a sua...

Que eu sinto que essa luz,

E' luz que vem de Deus!

Leiria-Telheiro-1945

J. Martinho de Carvalho

Anexo C

(Epistolografia)

Cartas de e para Manuel Filipe

QUATRO CARTAS PARA JOAQUIM NAMORADO¹⁵

I

Caro Joaquim¹⁶

Saúde para ti, e para a tua mulher e filha

Continuo a chatear-me quando os amigos não respondem às cartas que lhes escrevemos. Mas tu, vamos... com mil raios, estás fora daquela norma, porque és poeta e porque tens um fígado velhaco que nem sempre funciona *comme il faut*...

Sou contra a arte encomendada, em parte. Mas o que aí vai para ti, foi quasi feito de encomenda.

Tenho estado à espera de expor em Lisboa, mas decidi não o fazer por enquanto porque decidi expor coisas que assim não seria permitido expor. Por isso mando esses dois bonecos; um para ti – aviador – e outro que pertence ao Manta, por aquisição.

Se eles me forem precisos mais tarde pedi-los-ei com a condição, claro, de vo-los remeter assim que fechar a exposição.

Por que não mandas alguns exemplares da *Incomodidade* para se venderem aqui? Apareceu muito vagamente numa montra daqui, ao princípio, e nunca mais dei por que o teu livro estivesse em qualquer montra.

Manda-o e eu faço, nessa altura, uma crítica no periódico cá da vila.

A representação ao ministro está tacanha aqui no distrito. Mas não consegui um prof[essor]. primário aqui em Leiria para fazer parte da Comissão dist[rital]. Foi o grau de ensino que mais ajoelhou. Aqui no liceu assinámos 6 prof[essore]s. de 20. Está tudo acagaçado com a circular, mas creio que se arranjarão, apesar de tudo, uns bons centos de assinaturas.

Cumprimentos meus e da minha mulher e lembranças para a M[aria]^a. Irene.

Abraço cordial para ti do velho Manuel Filipe

¹⁵ *Espólio Joaquim Namorado*, Museu do Neo-realismo, Vila Franca de Xira.

¹⁶ Carta não datada: com a maior probabilidade escrita nos finais de 1945, ano da edição do poema *Incomodidade*, de Joaquim Namorado.

II

[1945]

Caro rapaz

O José Aurélio de Azevedo, assinante da *Vértice* atacou-me...com 3 poemas de guerra, que ele deseja sejam publicados na revista.

Eu nada peço. Vocês são os únicos juízes. Eu simplesmente descarrego a promessa que fiz ao rapaz de vos mandar os poemas

«FAZEI O QUE QUISEDES»
(D. Afonso IV)

Quanto a essa colaboração que pedi? Não podeis mandar nada?

Na exposição do Porto, atiraram-me com 17 quadros ao chão; 400 paus de vidros. O Júlio Pomar desconfia de malandrice. Prometeu investigar.

O Guilherme Costa Carvalho pediu-me para 2.^a-feira ir a Braga. E foi. Eles tratam de tudo e até me dispensaram de voltar ao Norte, o que me convém.

E quando sai o teu livro? Não te esqueças de mandar para os livreiros daqui alguns exemplares. Contando um oferecido cá ao rapaz. E o teu quadro? Deixa-me expor em Lisboa e após se escolhe para ti coisa razoável.

Penso expor em Lisboa pelo Natal, com o Júlio Pomar e o Jorge de Oliveira. Conto levar melhor representação do que a que tive aí em Coimbra.

Creio que o Porto não vai à minha exposição. Insucesso mais ou menos retumbante se descontarmos a rapaziada da Escola e alguns amigos artistas. Penso que Coimbra reagiu muito melhor. O *Janeiro*¹⁷ recusou-se a fazer crítica, aliás feita por pressão estranha ao jornal – J. Pomar – e publicar foto. Diz o Altino que a coisa foi sabotada por pessoa ou pessoas da casa. Talvez o J[aime]. Brazil, que foi à exposição, levado pelo Altino Maia e saiu como um foguete. Nem me quis conhecer. Certo.

Não e te esqueças que lá para Outubro contamos com uma conferência tua e um recital de poesia neo-realista pelo Manuel D[eniz]. Jacinto.

Abraço amigo do

Manuel Filipe

¹⁷ Referência ao jornal *Primeiro de Janeiro*, responsável pela Galeria homónima, na R. Visconde da Luz, em Coimbra.

III

[1945, após 16 de Maio]

Caro Joaquim:

Recebidinha agora mesmo a tua carta, respondo já. Olha que eu sei e compreendo muito bem todos os possíveis e imagináveis atrasos nas tuas respostas; e se escrevi ao Manta foi tão somente para te aliviar a ti de pequenas chatices, porquanto, eu sei muito bem da tua vida cheia. E se não leste o postal dirigido ao Manta, lê-o. E logo verificarás que não há susceptibilidades feridas. Repito que compreendo todos os atrasos e omissões quando se tem uma vida ocupada como a tua. Além disso sei-te com aquela dose de distração apensa a todos os poetas. Mas isto não é uma pedrada: eu também sofro desse mal.

Entendidos, pois se ainda não tinha reflectido à tua crítica e à recepção do teu esplêndido livro, a razão disso está nesta porca desta vida de professor burocrata que tem de fazer uma grande parte do serviço de secretaria num liceu onde, praticamente, empregados não existem. Tenho perdido ali muitos dias consecutivos a preencher impressos. Fazer estatística que ninguém utiliza, etc., etc.

Nada temos, pois, que nos avinagrar um com o outro. E eu, crê, não estava avinagrado contigo.

Basta de justificações desnecessárias e vamos ao que importa: - o teu livro, dum apresentação atraente, tem para mim um pequeno «quid» se é que chega a sê-lo. O tema da capa, simplesmente apresentado, dá-nos a impressão de que o personagem alado representativo dum conjunto de ideias que nos são caras, está a ser esmagado pelo outro personagem. Mas a coisa também pode ser vista ao invés. Questão de pontos de vista. Por isso digo ser um *quid* que não chegará a sê-lo. O aspecto geral da capa. Admirável e de factura superior.

Quanto ao fundamental, já conhecia parte. Tenho-te lido aos bocados. Como ao M[ário]. Dionísio em «Solicitações»¹⁸. E eu, que era um bárbaro quanto à poesia, que raramente levava um poema ao fim (ó barbaridade das barbaridades!) tenho-vos lido e relido com prazer e entusiasmo.

Não sei se a culpa tem sido dos poetas, se minha. Mas comigo está uma nação inteira ou quasi, que, como sabes, não lê os poetas. Os poetas, entenda-se, aqueles poetas que, como aqueles pintores e escultores, têm teimado em nos fugir a todos nós, olhando para dentro. Certo que a poesia é poesia e nunca pode nem deve, creio eu, ter aquela comunicabilidade terra-a-terra da prosa. Mas vocês entendem-se e falam-nos a todos. Daí, o passarem a serem mais lidos e amados do que os vossos antecessores da Presença, não deve espantar ninguém. E por serem mais entendidos do público, só por isso ninguém vos poderá acusar de serem menos poetas.// Ainda mesmo que no nosso ou vosso caso houvesse o deliberado propósito de nos fazermos entender aos outros¹⁹ e isso não fosse levado à conta de preconceito, não foi atitude preconcebida, a dos esotéricos presencistas, de se tornarem obscuros e únicos?

¹⁸ Referência à colectânea poética de Mário Dionísio, *As Solicitações e Emboscadas*, editada em Coimbra pela Atlântida, em 1945.

¹⁹ Cãnone da praxis reflexiva do neorealismo: Repare-se, por exemplo, em *O Maior Poema*, de *Solicitações*: «Como os outros / como os outros / sem nada mais que os outros / sentindo como os outros / pensando como os outros / e sofrendo e lutando / e morrendo / como os outros».

Lembro-me muitas vezes de certo estribilho usado em Mafra: – Puta que os pariu. Piu. Isto com a música do toque a sentido. Lembras-te?

O M. Dionísio mandou-me o livro dele. E pedia-me que lhe enviasses qualquer referência da imprensa local sobre ele. Claro que a imprensa local nada publicaria. Então lembrei-me de lhe fazer ligeira crónica – para mais não tenho competência. Contigo vou fazer o mesmo. Recebi «Arte francesa moderna». E assim que possas ordena o envio de duas ou três fotografuras e, então, retenho alguma colaboração para a nossa página daqui, de que deve sair o primeiro número amanhã.

Esplêndido que nos encontremos na Figueira. O Júlio Pomar estará connosco também, em m[inha] casa.

Quanto à tua crítica, ela disse sensivelmente o que eu presumia que dissesse, pelas nossas conversas anteriores. As gravuras pareceram-me razoáveis. E este número da Vértice caiu melhor aqui. Mais e mais variado do que os anteriores. O inédito de Teófilo, uma pepita d'oiro que eu desconhecia. Indico mais um assinante a quem vou escrever para não recusar a recepção: Dr. João António de Oliveira Assunção – Cabeço de Montachique, Lousa.

—

Sabes o que se passou em Braga? Houve pressões no Sindicato dos caixeiros a que presidia o nosso amigo Victor de Sá, que se demitiu. E imediatamente a exposição foi fechada a meio. Diz o Victor de Sá que tal encerramento precipitado se deve ao facto de a direcção estar profundamente desmoralizada com os ataques da imprensa local: um jornal diário dos padres que me deu uma valente castanha pela pena do director, P.^o Luz: outro jornal, diário da U. N., que me desfez também em artigo ultra-violento.

Estava longe de supor tal coisa! Creio ter sido um excelente acontecimento, tudo o que se deu. É evidente que também tivemos amigos que foram, segundo o Victor de Sá, estudantes, caixeiros, etc. etc. A cisão foi clara. Sei e tu sabe-lo também que neste caso de Braga se punha, dum lado e do outro, a questão extra-artística e quasi que exclusivamente ela.

No Porto, deu-se o que sabes: o Sérgio e o Cruz resolveram calar as crianças. E estas mandaram ao jornal um protesto colectivo com 4 folhas de assinaturas.

Ainda quanto à tua crítica: creio teres marcado bem a minha posição referente ao que apresentava e ao que tenciono fazer. Continuo a trabalhar e com material «activo». Estas figuras profundamente lesadas fazem-me mal. Estou preferindo lidar com gente válida e, assim, estou a estudar caras de trabalhadores, cujos desenhos não me saem mal de todo. À minha exposição em Lisboa pelo Natal ou Páscoa, devo levar alguns quadros com esta orientação. O Pomar irá comigo e talvez o Jorge Cunha, daqui.

Desculpa obrigar-te a ler esta arengada. E até daqui a uns dias.

Saúde e Felicidade para os teus e

Abraço apertado

Do sempre amigo

Manuel Filipe

IV

VIVA-A-MALTA!

1 de Maio de 1979

R. Conde G. Guerra, 6 – S. Pedro do Estoril

Caríssimo Joaquim. – Saúde e tezura permanente. Há dias disseste-me que o [Fernando] Catroga me iria remeter um cheque. E eu reflecti como se estivesse algo à vontade em massas. E estava. Entretanto tive a empresa desagradável de, quase seguramente, ter de pagar os catálogos para Setúbal, Évora e Faro. Preciso de 3.000 catálogos a 9.60 cada. Logo, deixei de estar à vontade e é-me necessário o cheque do Catroga. Urgente.

Desculpa a maçada e despacha-me isso. Olha que não me esqueço do teu poema autografado. És um calão. Estive aí e não me lembrei. E tu também não.

Sábado alvitro a «feira» em Setúbal com boas promessas de êxito, no Museu da Cidade. Bons espaços tão bons como, talvez, os de Coimbra. Aí foi a m[inha]/ primeira retro[spectiva]. Foi a 9ª expo desde Julho e só em Coimbra consegui mostrar toda a bonecada. E em Setúbal repito-a.

Suponho ter de remeter carta desagradável ao teu Reitor²⁰.

Acabo de ver débil relato da Televisão acerca do dia da MALTA. É o costume... até um dia. Gostava de não morrer sem ver o início da GRANDE ÉPOCA cá na nossa parvónia.

Abraço cordial do

Manuel Filipe

ONZE CARTAS PARA MÁRIO DIONÍSIO²¹

V

[Janeiro de 1945, anterior ao dia 19]

Caro amigo

Apresso-me a escrever-lhe o seguinte:

Ontem, no intervalo do cinema, falou-se na sua possível vinda a esta terra, [para] repetir a sua conferência do Porto.

Há aqui uma agremiação com carácter desportivo e cultural, onde se realizou a exposição dos «Amigos do Bem», onde se tem ouvido conferências de várias individualidades caracterizadoras

²⁰ António de Arruda Ferrer Correia, o «Reitor da Academia», entre 1978 e 1982, foi o primeiro presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, criado neste ano de 1982 e, em Agosto, após a sua jubilação, o Ministro da Educação reconheceu-lhe o título de Reitor honorário da Universidade de Coimbra.

²¹ *Espólio Mário Dionísio. Epistolografia*, Casa da Achada, Centro Mário Dionísio, Lisboa.

do país. Ainda não há muitas semanas[,] por cá tivemos o Lopes Graça. Esperamos este ano pela Irene Lisboa, Ramos de Almeida e não sei quem mais, Dispor-se-á você a vir cá também? Quanto às condições, parecem-me razoáveis; terá, assim como sua esposa, viagens pagas. Quanto às despesas de hospedagem, creio que a casa não tem isso previsto.

Mas... não é para tremer. Têm a minha casa se se quiserem utilizar dela.

Caso você queira e possa vir, é favor avisar com antecedência, para dispormos as coisas.

Vou escrever ao [Joaquim] Namorado para idêntico fim.

...///...

Na sexta-feira passada foi o [Cândido] Costa Pinto a minha casa. Falando-se de si, ele mostrou muito interesse em o conhecer.

Pedi-me duas linhas de apresentação para o procurar em sua casa.

Ora eu não sei do interesse ou prazer que tal visita lhe possa causar. Todavia, perante o pedido do meu velho amigo C. Pinto eu não hesitei em escrever as tais duas linhas.

Não consigo ter, no vosso futuro encontro, influência de espécie nenhuma, além da que implica servir de intermediário entre 2 pessoas, a pedido duma delas.

Creio estar v. ligeiramente mal impressionado com ele. Apesar disso não me recusei ao pedido do C. Pinto, porque estou convencido que ele continuará sendo a pessoa que conheci mais de perto, há já anos, em Coimbra. Tenho-o por pessoa honesta, rapaz de grande sensibilidade, algo culto mas confuso. Considero-o bom pintor, não enfeudado ao secretariado [SNI] e, apesar de teimoso na sua ideia surrealista, susceptível de poder aproximar-se de nós.

O neo-realismo teria nele uma boa conquista artística e creio-o conquistável porque o C. Pinto, como os outros que nos atacam por não saberem exactamente o que queremos e como poderemos (sobretudo como queremos, isto é, por processos artísticos), porque o C. Pinto, dizia eu, supõe que pretendemos atingir finalidades, descurando ou, até, dispensando a expressão artística.

Tem, sobre os outros, a vantagem, de não negar finalidade à Arte, crendo que o surrealismo é uma boa fonte de elucidação, pela qual o homem comum tem interesse

...///...

Esquecia-me de lhe dizer que a palestra deve ser feita até meados de Fevereiro, de preferência a um sábado à noite.

Os melhores cumprimentos para o casal Assis Monteiro do

Manuel Filipe

VI

Leiria 20 de jan.º de 19 cinco²²

Meu caro amigo: Saúde e trabalho!

Neste momento mandei, pelo seu antigo companheiro de colégio (ou coisa que o valha), Vasco Quintanilha, um quadro a óleo, com destino à tal exposição pro-Amigos do Bem.

Lamento não ter eu escolhido ou mandado coisa melhor. Mas mal tive tempo de vir num instante a casa (pois o Quintanilha estava para partir para essa cidade) e peguei numa coisa qualquer. Não vai assinado, mas você escreverá o meu nome, a tinta de escrever, mas costas do boneco.

Trata-se de um género que hoje não me interessa, já pela técnica, já pelo objecto. Restos do meu amadorismo. Isto não quer dizer que o que eu hoje faço seja melhor. É simplesmente diferente. Preferia ter-vos mandado um desenho, mas o transporte era para mim um problema. Não me garantiam a integridade do vidro. Mas assim é preferível, porquanto, isso que mando afigurasse-me mais vendável do que um enfarruscado desenho que talvez espantasse, até, os eventuais compradores da nossa exposição. O meu contributo vale, pois, só, uns possíveis centos de escudos. E porque creio que a finalidade do certame é quasi só de ordem financeira e não uma demonstração artística para valer como tal, aí tem mais uma razão porque não tive a preocupação de representação estética. E que a tivesse! Talvez não tenha aqui, apesar do entusiasmo com que tenho trabalhado, coisa que valha, esteticamente, muito mais do que esse [que] lhe mandei.

Isto de Artes, caro amigo M. Dionísio, é um sarilho.

Por vezes creio nestas coisas e entusiasmo-me. Outras vezes... pergunto-me: “para quê tudo isto?”

Acaso seremos nós, os pintores, capazes de demover, ainda que só um centímetro, a posição /social²³ do espectador, pelo facto de lhes mostrarmos, ou pretendermos mostrar, certos aspectos da vida?

Na Literatura, sim. Na literatura, creio. Ela está, verdadeiramente, na base de grandes acontecimentos da História social dos homens. Na acção profunda do cinema também creio. Como no teatro. A poesia e a música parecem-me ainda inferiores à pintura, consideradas, claro, naquele aspecto pelo qual a[s] estamos a encarar.

Eu sei que você objectaria com a enorme acção da p[intura]. mural, sim. A p[intura]. tem essa grande válvula de escape. E talvez se salve por aí, porquanto, temos ricos casos que o demonstram. Eu, na minha imensa pequenez, tenho os olhos postos na p[intura]. Mural. Talvez que os grilos também gostem de olhar as estrelas... É justo.

Quanto aos possíveis rendimentos da exposição, folgo por que sejam chorudos.

...///...

²² Leitura problemática. Pela análise de conteúdo será mesmo de Janeiro de 1945.

²³ Intralineado.

Outro assunto:

Recebeu, certamente, a minha carta falando-lhe numa vinda aqui, repetir a sua conferência do Porto.

Reafirmo tudo quanto nessa altura lhe dizia. Creio não me ter esquecido falar-lhe da conveniência de vir até meados de Fevereiro. Aguardamos.

...///...

Li os seus contos de «O Dia Cinzento»²⁴: gostei sobretudo de «A Corrida», «Os Sapatos...», «Assobiando...» e «Véspera...». Depois de ler «Assobiando à vontade», apetecia-me também assobiar nos carros para quebrar aquele formalismo que irrita, sobretudo pessoas de temperamento expansivo e nervosas, como eu. «Véspera», pareceu-me admirável de sobriedade e de significado. Como «Os Sapatos da irmã», sugere um mundo de coisas que não estão certas.

Os seus contos pareceram-me bem, dentro do princípio básico do neo-realismo e nossos também – ainda que pese aos «presencistas» e a todos os subjectivistas – dentro dos princípios estéticos perfilhados por q aqueles senhores.

Não se trata, claro, de jogar para agradar a gregos e a troianos. Tão simplesmente fez-me parecer aquilo que todos os neo-realistas pretendem: fazer arte do mais elevado grau, tratando directamente o que a vida nos patenteia por toda a parte e absorventemente.

Gostei de o ler na entrevista do [Primeiro de] Janeiro. Creio que, se confusão ou falta de compreensão, ou de boa vontade, existe, tudo isto está com os detractores do movimento que desejamos servir.

O C[osta]. Pinto, por exemplo teima em que, o que desejamos somente, é a luta, focando o aspecto social da coisa; panfletar, em vez de fazer arte. Má intenção, no C. Pinto, não creio. Antes má informação, ou nenhuma informação.

...///...

Desculpe este arrazoado mal alinhavado e permita-me que termine como comecei;

– SAÚDE E TRABALHO –

Os meus respeitos à D. Maria Letícia

Um abraço para si do Manuel Filipe

A minha mulher recomenda-se ao casal

VII

5 de Fevereiro de 1945

Meu caro Mário Dionísio:

²⁴ Fora publicado em 1944, pela Coimbra Editora, na colecção Novos Prosadores.

Há uma única razão para o atraso à sua última carta. Explico: temos a preocupação de nunca marcar conferências em dias de cinema. E, afinal, só ontem, a empresa me pôde dizer ao certo qual era o primeiro sábado em qua não marcava programa. E esse sábado – ó céu – é o dia 17 de Março.

Convém-lhe? Estude o caso e diga-me (mesmo em postal) o que se lhe oferecer, para se assentar (...) com o cinema, em não se dar sessão nesse dia.

Convém que a sua resposta não demore, porque o cien espera uns dias pela n[ossa]/ resposta.

Sobre o resto, tudo como dantes: comerão em nossa casa e dormirão no hotel (sem encargos para você)[.] porque não temos nenhum quarto disponível.

Talvez até seja preferível Março a Fevereiro, porque tem, certamente, melhor tempo.

... ///...

A Irene Lisboa esteve cá e parolou. Agradou bastante. Foi incisiva e pôs a questão claramente.

Esta gente de Leiria, como assim toda a n[oss]/ gente, está farta de grandes discursos e coisas em que não vejam, de certa maneira, uma determinada utilização imediata. É talvez a história do gato escaldado e bom seria que tal espírito se generalizasse a todos nós: pôs r qs questões com simplicidade e clareza, fugindo o mais possível ao puro gozo da especulação que herdámos de espírito francês e conduziu [,] apenas, as questões para um campo de utilização e prática tão imediatas quanto possível.

Você, caro amigo, já ouviu falar dos discursos do José Estêvão, ou tê-los-á lido, receio até. Pois bem. Certa pessoa que os leu, releu-os e, finalmente, pasmado, pergunta: «Pois quê. O José Estêvão de Magalhães, o grande tribuno, s dizia só isto?».

Certamente dizia só aquilo. O que fazia, como os grandes homens passados pelas nossas tribunas, o que fazia era teatro. Ora uma grande paret da nossa gente, está, creio, ao serviço desta tradição oratoriana.

... ///...

Esta arengada vem a propósito de Irene Lisboa e nunca a propósito de si, porque o conheço já suficientemente para, o que atrás digo, não constituir um aviso à sua pessoa. Um neo-realista não poe ser um retórico. Não li a sua conferência mas palpito o que ela seja. E, quando certas pessoas virão a estar precavidas contra uma conferência de arte como as que têm ouvido muitas vezes, é quasi certo que vão modificar a sua opinião quanto `a sua experiência.

Pensa-se, geralmente, que a arte, excluída a literatura e o cinema, não pode sair ou não quer sair da total ou quasi total inutilidade a que se tem votado. Muitas pessoas, cultas até, consideram-na s assim como que um complemento da vida – aliás dispensável – para ajudar a tornar a vida agradável, pela suspensão de paisagens na parede, ou pela audição do trechozinho agradável de música, enquanto se vai arrotando no decorrer de tanta comedoria.

Tenho para mim, que muita gente, culta até, não vê na arte – pobre arte! – outra finalidade.

E aqui surge então, com M. Dionísio, a instante necessidade de se mostrar a toda a gente que esta tem – ou pode ter – mais nobres fins.

Você, tenho a certeza, bem foca esse ponto. E, assim, esta gente vai modificar a sua opinião sobre o valor da arte.

Eu, na medida em que me tem sido possível fazê-lo, apregoo por todos os meios, que a arte pode servir – sem servilismo, entenda-se – uma ideia, uma causa, um estado colectivo de espírito, e contribuir para soluções.

Aguardamos com muito interesse a sua conferência e só lhe poremos –perdoe – uma pequena condição. É que não vá, sendo possível, além de uma hora. Não por nós, mas pela assistência, que é idêntica à assistência do resto do país.

... ///...

Estive há dias com o J[oaquim]. Namorado, em Coimbra. Facultou-me uma colecção de reproduções de Kate Köhlitz. Espantaram-me, quer pelos temas, quer pela técnica.

A colecção é reproduzida pela INSTANTA de Lisboa. A Instanta é uma casa de fotografias. Atrevo-me a pedir-lhe o favor de, quando lhe calhar, passar por aquela casa e saber se eles fornecem a colecção.

... ///...

Que me diz do artigo Régio sobre o Neo-realismo? Refiro-me ao artigo do «Janeiro» de 31 do dito.

Pareceu-me mais compreensivo para com os neo-realistas, certo que, muito mais por inteligência do que por devoção. O Régio, inteligente como é, vê que a coisa já não se pode negar de ânimo muito leve. E embora diga – o que me parece verdade – que a coisa ainda agora começa a nascer, pelo menos entre nós, portugueses, não nega que o que vai aparecendo será o prenúncio do movimento generalizado a todas as artes. Berni²⁵ diz: “ A pintura é a arte por excelência da futura sociedade”. Isto parece que se cheira por toda a parte, mas não só no que respeita à pintura.

Parece que se está, na verdade, no começar de uma Arte Nova que antecede uma Sociedade Nova.

... ///...

O C[ândido Costa]. Pinto escreveu-me há dias e mostrou-se-me, não digo abalado nos seus encantos pelo surrealismo, mas declarando-se simpatizante, se não mesmo de inteiro acordo com o Neorealismo [*sic*]. Transcrevo-o: “Como lhe digo, estou inteiramente integrado no movimento (e a essa conclusão chegamos numa ponderada conversa que tivemos no domingo passado em casa do M[ário]. D[ionísio].)”. “Fundamentalmente, os neo-realistas e eu estamos de acordo”, etc.

²⁵ Referência a Antonio Berni (1905-1981) um dos mais destacados neo-realistas sul-americanos, movimento sobre o qual este publicou um importante artigo, «El Nuevo Realismo» (no qual consta esta síntese), in *Forma* (1936, I: 1), *Revista de la Sociedad de los Artistas Plásticos*. Cf. Guillermo A. Fantoni in *El Realismo como vanguardia. Berni y la Mutualidad en los 30*, Buenos Aires, Fundación OSDE, 2014; acesso digital integral (22-8-2015): [http://www.fundacionosde.com.ar/backend/upload/files/img_\\$277.pdf](http://www.fundacionosde.com.ar/backend/upload/files/img_$277.pdf)

Ter-se-á conquistado o C. Pinto? Assim o desejo, porquanto, teríamos mais um artista a engrossar a coluna.

Mas... o Costa Pinto pareceu-me demasiado agarrado aos psicólogos. Temos que o trabalhar constantemente e arranca-lo do Secretariado [Nacional de Informação].

Não o maço mais
Abraço amigo do
Manuel Filipe

VIII

16 de Fevereiro de 1945

Meu caro M. Dionísio

Acabo de assentar definitivamente com os homens do cine, em que não haverá espectáculo, quer dizer, sessão, naquele dia já tão discutido de 17 de Março. E a sua conferência far-se-á, portanto; fica, pois, combinado, o M. Dionísio virá, com sua mulher, mandando-nos um postal a avisar em que comboio ou camionete os devemos esperar.

Quanto ao Costa Pinto, não faça caso com o que se passou. Isso passou-lhe. Somos bastante amigos mas bastante duros de linguagem, às vezes, um para o outro.

Mostrar-lhe-ei uma carta dele, bastante áspera, a que eu respondi com aspereza também. Nessa carta do C. Pinto, apresentava-se-me ele bastante doutoral, senhor da essencialidade da arte e das certezas mais profundas dela. Estribado nos seus psicólogos [,] vinha pleno de certezas sobre ele – isso vá lá – mas também sobre nós, ou antes, sobre mim. Depois lhe mostrarei alguns capítulos da carta, a que respondi. Ele ripostou mostrando-se estranhamente surpreendido com o que lhe disse, mas... escreve algures: “Como lhe digo, estou inteiramente integrado no vosso movimento (e a essa conclusão chegámos numa ponderada conversa que tivemos no domingo passado em casa do M[ário]. D[ionísio].). Apenas há discordância quanto a processos de criação, coisa, de resto, que não deve ter importância de maior e é inevitável todas as diversidades de temperamento, experiência intel[ectual], etc., de cada indivíduo”.

Por isto e por um conhecimento já longo do C. Pinto, creio-o, às vezes inconsequente e pouco firme nos seus crêres. Complexo, mas pouco firme naquelas quatro estacas sobre as quais todo o homem que pensa deve apoiar bem a sua pequena ou grande construção. Quando assim, não é – e o C. Pinto parece-me destes – sempre fácil a pessoa resvalar e perder o pé! Escrevendo ao C. Pinto pedindo-lhe desculpa de o ter magoado dizia-lhe isto precisamente: que que fincasse bem os pés em uns tantos conceitos – poucos mas firmes – e se deixasse de especulações psicológicas por vezes confusas [,] apesar de bem arquitectadas e brilhantes.

A Europa, o Mundo, sobretudo o que segue a centelha francesa, tem especulado demais e realizado de menos. Não lhe parece?

Seria interessante não perder você, aí, o C. Pinto de vista. Creio-o e agora talvez mais do que nunca, susceptível de poder vir a trabalhar connosco. Eu, daqui, não o largo, porque o prezo²⁶ muito como amigo e como artista que é. São e honesto, cioso de acertar e com a mente sempre a trabalhar no sentido da perfeição. Lamento a vida que tem de fazer e as condições em que vive: ter de fazer publicidade que lhe dá, apenas, umas poucas horas vagas apara a arte.

Os deslizes ou pseudo-deslizes que porventura possa ter tido (refiro-me às frases por ele escritas e que você me mandou) não as teve, creio-o firmemente, com intenções menos honestas: o C. Pinto pretende ser um eclético, vendo e proclamando aquela pequena parcela do bem que se oculta no mal. O que ele disse ao A[ntónio]. Ferro não é verdade. Mas este, ao escrevê-lo, acreditava-o: ingenuidade, se quiser.

Diz você estar interessado em ver os meus bonecos. Só lamento se vai ter, não digo desilusão, mas quebra de encanto. Só lhe peço, ao vê-los, uma cisa: franqueza, até à rudeza, se quiser. É com franqueza que nos devemos apreciar, porquanto, se assim não for, quem nos poderá elucidar? Os críticos encartados? a nossa própria crítica? Como sabe, qualquer destas coisas não é inteiramente fidedigna. A primeira – os críticos – por incompetência manifesta. A segunda, por paixão.

De amabilidades está o inferno cheio. Por isto, mau caro amigo M. Dionísio, espero a sua crítica franca, que, como a do J. Namorado, eu aprecio e agradeço, para meu próprio governo e orientação. Gostava que com vocês viesse a Teresa Arriaga²⁷. Escreva-lhe e mostre-lhe este meu desejo.

Somos tão poucos os simpatizantes e praticantes da Arte que nos interessa que se sente naturalmente o desejo de nos conhecermos uns aos outros.

E você, amigo, escreva livros, mas pinte também.

Com as nossas cordiais saudações para o casal Assis Monteiro, despedimo-nos até ao dia 17 do próximo Março

Manuel Filipe

IX

(Março de 1945, *data atribuída*)

Prezado amigo M. Dionísio Recebidas as suas notícias que aguardava, respondo imediatamente.

Tudo a postos. Só não há charanga, que se recusou à última hora. De resto... tudo a postos.

²⁶ Escrito: preso.

²⁷ A pintora Tereza Arriaga (Maria Thereza d' Almeida Pinheiro d' Arriaga , 1915-2013), neta do presidente da República deposto em 1915, próxima dos meios neorrealistas, frequentava então, a par da SNBA, o círculo de Leiria onde reencontraria o jovem pintor Jorge de Oliveira (1925-2012), com quem viria a casar, iniciando ambos, a partir daí, um percurso abstraizante, não sem este último ter este desenvolvido anteriores incursões pelo surrealismo.

Irei à Estação esperar-vos para marcar os lugares na camionete que liga a estação com a cidade.

...///...

Pode trazer-me aquele livrinho com reproduções de Gromaire²⁸, de que fala no seu artigo na «Vértice»?

E se por aí tiver outras reproduções que interessem, gostaria de as ver. Coisa de pouco volume, claro, que se possa trazer no bolso.

Isto tem estado algo agitado, por causa de uma exposição aqui patente, com trabalhos de J. Cunha de Oliveira, Júlio Pomar, Júlio Rezende, Palla, etc. e eu.

Até sábado ao meio dia

Abraço amigo do

M Filipe.

X

9 de Março -57

Meu caro Mário Dionísio:

Primeiro que tudo um abraço de sinceras felicitações pelo formidável sucesso, seu e de todos nós, os que podem, na sua obra, aprender e consolidar conhecimentos sobre as Artes Plásticas.

Esta carta, sugerida por duas críticas que já li, da pena do J[oão]. G[aspar]. S[imões]., tornou-se-me imperiosa pela razão seguinte: – O G. S. abre largamente os braços para os neo-realistas que aderiram ao ponto de vista neo-realista que ele sempre preconizou, digo, teve como certo, insinuando que ele sim, sempre entendeu a coisa na sua plenitude. Você e os outros homens do neo-realismo, não, porque todos andaram enrolados em ideias extremas: era só o social e não o estético, etc. e tal.

Ora tal não é verdade. Você e outros elementos mais esclarecidos do movimento entendiam e preconizavam a dualidade humano – estético como condição básica da obra neo-realista e não exclusivamente o humano ou, mais especificamente, o social. Afigura-se-me, pois, necessário que você, mais do que ninguém, arranque das mãos do G. S. a vitória que ele está chamando para si, qual seja a de ele estar no campo onde sempre esteve quanto às bases do neo-realismo e ter sido você a deslocar-se do campo errado onde se encontrava, para ir até ele.

Seja como for, felicitemo-nos todos pelo acontecimento: a publicação da obra necessária²⁹ no momento oportuno e a sua creditação pela pena de um homem que largamente combateu as ideias do seu autor.

²⁸ O pintor e gravador Marcel Gromaire (1892-1971), uma das referências plásticas do neorealismo, fora referido no artigo de Dionísio «A Paleta e o Mundo» (*Vértice*, vol. I, n.º 4/7, Fevereiro de 1945, pp. 45-51) e posteriormente (vol. 3, n.º 40/ 42, Dezembro de 1946) seria alvo doutro artigo de referência crítica do mesmo autor.

Continuo supondo que o seu ponto de vista nunca foi outro e, salvaguardada a distância que vai dum profissional para um amador, também foi o meu e de muita mais gente.

O Gaspar, porém, inteligente como é, entendeu não poder conservar-se mais tempo na situação dum crítico que parou.

E deu o golpe... mas ao contrário: ele estava na compreensão plena da verdade neo-realista. Você não estava e ascendeu até ELE.

Isto é, pelo menos, hábil.

Terei eu sido complicado ou injusto no meu juízo? Quando nos encontrarmos você me responderá, de viva voz, a esta pergunta.

Cumprimentos à Maria Letícia e lembranças à infanta

A si lhe agradeço cordialmente a bela obra que me facultou e a todos que o leiam e meditem

Abraços

Manuel Filipe

XI

Datação atribuída, interrogada: 57 (?)

Bairro Novo da Medrosa, 17 de Março

Meu caro Mário Dionísio. Boa saúde para toda a família. Venho pedir-lhe o seu valioso auxílio numa altura em que, na minha vida de artista (?) me encontro numa situação de perplexidade e de não ter opinião sobre o que faço.

Não conheço crítico cujo parecer me interesse a não ser o seu.

Não tenho relações com os artistas e a opinião deste ou daquele não me serviria de governo. De modo que me atrevo a apelar para si no sentido de vir ao meu «atelier», pois iria busca-lo no meu carrito no dia que viesse a marcar-me.

Tenho a sala do D[iário]. de N[otícias] reservada para o 20 de Abril próximo³⁰.

Porém, do nosso encontro perante os bonecos decidirei (decidiríamos) se vou agora em Abril, se a coisa seria adiada por um ano... ou para sempre.

²⁹ Alusão, certamente, à edição do I vol. (1956) de *A Paleta e o Mundo*, de Mário Dionísio. Considerada a obra fundamental do autor e o “primeiro ensaio de leitura global do fenómeno artístico que se escreveu em Portugal” o qual que só Dionísio poderia ter realizado pelo saber e o nível teórico que manuseia (José-Augusto França). Cf. DOURADO, Maria Inês C. C., *O percurso teórico de Mário Dionísio em A Paleta e o Mundo*, tese de dissertação de mestrado, pol., Lisboa, FCSH, 2012, versão integral in:

http://run.unl.pt/bitstream/10362/10681/1/Tese%20Completa_CD.pdf

³⁰ Nos registos digitais da «Biblioteca de Arte», da F. C. Gulbenkian, os mais completos que se conhecem, não consta qualquer exposição de Manuel Filipe no *DN* em 1957 ou 1958.

É que estou numa encruzilhada e não sei por qual dos caminhos devo seguir, ou, até, se devo seguir por algum.

Tenho necessidade absoluta de ouvir alguém que possa ajudar-me. Querirá V. prestar-me esse grande serviço?

E, já agora, peço o resto: a poder v. fazer o frete[,] ele teria de ser feito o mais cedo possível para que eu, no caso de expor em Abril próximo, ainda tivesse umas duas semanas para efectivar umas coisas que estão em suspensão. Se lhe conviesse mais durante a semana determinaria um dia de semana. Se preferisse um domingo e, qualquer que fosse o dia, traria a mulher e a filha. Seria um passeio às hortas, talvez não desagradável.

Queiram receber os nossos abraços

Manuel Filipe

P.S. – Há dias escrevi à Maria Letícia e enderecei para o Liceu por, na ocasião, não me recordar da vossa morada.

2.º P.S. – Bem sei que não é fundamental por boas intenções numa obra de pintura. Mas eu não abdiquei delas

Quanto à forma... aí é que eu queria ouvi-lo, principalmente.

MF

XII

[1958?]

Meu caro Mário Dionísio

Logo após a leitura do seu esplêndido artigo na PALESTRA³¹, impõe-se-me o dever de lhe dar, daqui, o meu abraço de felicitações com o meu inteiro apoio. Foi preciso aparecer alguém – fora do 9.º grupo – que pusesse de maneira candente, um problema que ao 9.º grupo interessa particularmente.

É isso mesmo que há muitos anos penso e por várias vezes me tem dado ganas de escrever, de gritar, de dizer, enfim, por quaisquer meios.

Mas uma coisa é a gente pensá-lo; e outra é exprimi-lo com correcção, concisão, autoridade e bons estribos, como você acaba de fazer.

³¹ Trata-se, é o mais provável, da referência a um artigo escolar no qual Dionísio defendia como primeira condição para um ensino eficaz, não só de Línguas (de que era professor), como de qualquer disciplina, o conhecimento da personalidade do aluno ao qual se dirige todo ensino: M. DIONÍSIO, «Jornal de 12 de Março. Problemas do ensino do Francês no 1º ciclo. Conferência pelo estagiário do 2º ano, Dr. Mário Dionísio de Assis Monteiro», in *Palestra. Revista de pedagogia e cultura* (editada pelo Liceu Pedro Nunes), n.º 2, 1958, pp. 151.

Pensando melhor, a coisa não interessa especialmente apenas ao 9º grupo, mas sim, também, aos 1.º e 2.º grupos, assim como aos de música e educação física.

Deixe-me também congratular-lhe com o facto de você ter sido definitivamente conquistado para a comunidade pedagógica, onde é absolutamente necessária a sua presença e acção. Na nossa malventurada profissão são necessários, mais do que nunca, elementos da sua têmpera, que agitem este mare magnum de docilidade e de concordância sistemáticas.

Desculpe o papel ordinário mas isto tinha de ser já, no primeiro bocado de papel que surgisse à mão. Se não, podia arrefecer. Abraço cordial do

Manuel Filipe

As nossas saudações para a Maria Letícia e infanta

P. S. – isto foi rabiscado na cama, meio torcido, por causa dumas dorzinhas velhacas de lombago ou coisa da família dos reumatismos.

2. P. s. – Peço o favor de dizer ao [Augusto] Abelaira que um dia próximo vou ao P[edro]. Nunes levar-lhe o livro que me emprestou e desavergonhadamente conservo há uns meses, em atitude parecida com esquecimento voluntário.

XIII

19-XII-1963

Meu Caro Mário Dionísio:

Primeiro que tudo um apertado abraço de sinceros e incondicionais parabéns pelo prémio atribuído à sua «Paleta e o Mundo»³², obra necessária e que estou ruminando aos poucos, gulosamente, por estas noites de inverno.

Pois ali há pano para mangas e bom seria que, ao menos, os nossos bacharéis a lessem por esse Portugal fora, sendo assim conduzidos a porem, para si e pela primeira vez na vida, alguns problemazinhos de Artes Plásticas.

Bacharéis e também críticos da nossa praça, acrescento, onde abundam os de vistas curtas mas de compridas basófiás e espíritos enfeudados a causas e pontos de vistas nem sempre defensáveis.

Recordei-me, de repente, do seguinte caso insólito: - Ao abrir um número de Colóquio³³ deparei com um escrito de J[osé]. A[ugusto]. França sobre as exposições mais notáveis havidas na última época em Paris. O França fala sibilamente deste, daquele e daqueloutro e não menciona Gromaire que tinha no Museu de A[rte]. Moderna uma exposição global. Porquê? Ele lá o sabe. Erro grosseiro e largamente comprometedor da isenção de alguém que pretende ser orientador

³² Grande Prémio Ensaio da Sociedade Portuguesa de Escritores, efectivamente entregue nos primeiros dias de 1964.

³³ Trata-se do artigo, de FRANÇA, José-Augusto «Balanço parisiense de 1963» in *Colóquio. Revista de Artes e Letras*, n.º 25, Outubro de 1963, pp. 31-40.

de opiniões. Presumo que matou Gromaire mesmo por birra! Se em vez de Gromaire fosse Rouault o caso mudaria de figura certamente, visto que Rouault é um expressionista cristão; e o outro... Birras! Os críticos, porém, não devem ter simpatias públicas. Embora as tenham e têm-nas, com certeza, devem guardá-las para uso interno.

Ora a sua Paleta, precisamente ganha em isenção e seriedade na medida em que mostra larga compreensão de todos os períodos, de todas as escolas, de toda a Arte, em suma. Desculpe que numa carta de PARABÉNS venha este desabafo.

Receba toda a Família os nossos abraços de Felicitações cordiais, votos de longos anos de vida e que a mão não afrouxe nem os miolos arrefeçam.

Do Manuel Filipe

P.S. – Não vá a «fortuna» dar-lhe volta ao caco e fazê-lo virar capitalista, é o que se deseja.

MF

2.º P.S. – Esta carta foi para o correio no dia 19, apenas com o nome do destinatário e remetente. Regressou agora à base e voltou à distribuição.

MF

XIV

19-Maio79

Queridos Amigos Maria Letícia e Mário Dionísio

As nossas saudações e votos de Boa-Saúde e tezura para o Casal.

Aqui vai esse modesto «recuerdo», mas oferecido com o coração.

Tenho andado armado em cigano por este país acima e abaixo. Agora estou em Setúbal com a 11ª exposição depois da de Lisboa.

Ao mesmo tempo contente e desencantado. Contente porque a juventude adere. Desencantado porque os adultos (adúlteros?), mesmo os das chamadas classes cultas, estão-se nas tintas para a pintura e para o resto.

Alguns abraços dos jovens. Dos adultos, a indiferença, o sarcasmo ou até o insulto (nas impressões escritas).

O que é preciso, porém, é penetrar a floresta e nós, os pobres artistas, lá vamos tentando cumprir a tarefa.

...///...

O seu texto, de que muito gostei, tem o título que é da exclusiva responsabilidade das oficinas. Quando dei por ele não havia remédio.

...///...

Tenho um seu desenho a negro, ao qual se juntará outra peça para serem entregues oportunamente: é que, depois de Setúbal, estarei em Évora e Faro, em Junho e Julho.

...///...

Quando passarem por aqui batam ao postigo.

Abraços do casal para o casal.

Do Sempre amigo

Manuel Filipe

XV

8-II-80

Caríssimo e velho Amigo e camarada Mário Dionísio

Dizem que os artistas são algo tontos e eu estou em crer que o apodo, embora, duro, é merecido. Isto para pedir relevância pelos meus descuidos.

Antes de mais quero apresentar-vos os nossos cordiais votos de Boa-Saúde e, ao menos, de relativa alegria para ajudar a engolir estas gracinhas que se estão praticando no nosso belo mas pouco venturoso país. Mas Alá é grande, Maomé o seu profeta e, finalmente, tudo desaguará num mar de rosas.

Esperança na boca e no coração o em frente e para cima.

Como sabe, eu sou um optimista.

...///...

E, agora, quero informá-lo de que a pintura que lhe devo muito brevemente lhe será entregue. Até agora não foi possível., pois a bonecada esté depositada no Palácio D. Manuel II em Évora, desde Junho, onde fiz a 10ª mostra depois daquela que vocês c viram na SNBA em Julho de 1978. Era para continuar mas sofri intervenção cirúrgica

Que me barrou o caminho. Porém, quero fazer mais algumas exposições, talvez em V. F. de Xira, Seixal, Amadora e retrospectiva em Lisboa.

E, assim, lá para Maio, espero ter aqui todo o material, recebendo V., então, a pintura que é sua.

...///...

SAUDAÇÕES EM CRISTO, pobre homem que nunca palpitou que haveria de ser, pelos séculos fora, tão vilipendiado pela cambada que dele come e bebe e o mais...

Para o casal

Maria Letícia- Mário Dionísio

Abraços cordiais do

Manuel Filipe

P. S. Juro que este boneco³⁴ é do meu neto de 2 anos que me caçou distraído, o patife!

QUATRO CARTAS DE MANUEL FILIPE PARA NARCISO COSTA³⁵

(AMIGO DO CÍRCULO ARTÍSTICO DE LEIRIA)

XVI

30 de Outubro de 1947

Meu caro Amigo Señor de La Cuesta³⁶

Os nossos mais veementes cumprimentos. Foi hoje o dia destinado a escrever a alguns amigos de Leiria, após grande estopada de descarregar gavetas e arrumar livros e outras inutilidades que tais.

Na verdade todos nós temos em nossa casa carradas de coisas inúteis que só servem para nos incomodar nestas ocasiões de mudanças. Eu vou, em todo o caso, desembaraçar-me de muitas delas e têm sido às dúzias os livros que deito para o cesto dos papéis.

É preciso simplificar a vida descarregando o que está carregado. Não é assim o que se faz em Artes? É. Pois é assim que se deve fazer na Vida.

³⁴ Aponta com uma seta para um garatujo indecifrável.

³⁵ *Espólio Manuel Filipe*, Cx 1, Galeria Manuel Filipe, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova.

³⁶ Narciso Casimiro Costa (Braga, 1890 – Leiria, 1969). Filho e sobrinho de grandes ourives, Manuel Casimiro Costa e António Casimiro Costa, cursou a Escola Industrial Bartolomeu dos Mártires e a Escola Comercial e Industrial de Braga, onde se distinguiu na disciplina de Desenho, seguindo como bolseiro para a École des Arts et Métiers (Section des Arts Industriels), de Genebra, cujo curso concluiu em 1912, após ter recebido vários prémios. Em 1914 radica-se em Leiria como professor de Desenho geral da Escola Industrial Domingos Sequeira e dois anos depois substitui o investigador do castelo de Leiria, Arquitecto Ernesto Korrodi, como director, sendo cumulativamente, por alturas de 1920, professor de Desenho e Francês no Liceu Francisco Rodrigues Lobo. Pediu em 1956 a aposentação. Permaneceu fiel aos métodos de estética clássica, sendo um artista essencialmente de pormenores e interessado no acto da criação. Espírito culto e curioso, incluindo de temas e motivos literários e musicais, o pintor conviveu com grandes intelectuais da época, desde Almada Negreiros a Miguel Torga, Afonso Lopes Vieira e Lino António, de quem foi professor. Homem forte da Comissão Distrital de Turismo de Leiria, Cf. Arquivo Distrital de Leiria, <http://digitalq.adlra.dgarq.gov.pt/details?id=1055893>, consulta a 5.V-2015;

Quanto a quadros e a bonecos vou fazer o mesmo. Vender a peso e a metro quadrado ou a metro cúbico, tonelada ou coisa que o valha.

Estive há dias a conversar com um seu colega, director da Escola Comercial Ferreira Borges, Dr. Torres Moreira. Dissemos imensamente mal de si. Ele é um bom ponto e um conversador incorrigível. Lembra-se do sujeito?

A nossa reforma, afinal, foi a história do rato parido pelo monte, mas pelo cú. Vinha a cheirar mal como burro. E a vossa está sendo mijada, mas, por um velho: às pinguinhas.

Estes reformadores... São de escacha, como diria o nosso grande Eça, se vivesse.

Reformas sem se gastar dinheiro só se fazem em Portugal e entre os esquimós, onde a incultura é total.

Entre nós reina a desconsolação. Minha mulher, nomeada para o Porto, não aceitou, como está bem de ver.

...///...

Tenho visto aqui umas exposições. O Salão de Lisboa, composto de uma grande quantidade de quadros sobre Lisboa e uma homenagem – pobre homenagem – aos grandes pintores Columbano e Malhoa. As actuais instalações do Secretariado são ricas. Foi arranjado o Palácio Foz, aos Restauradores.

Ainda não vi a exposição de gravuras inglesas na Janelas Verdes, mas lá irei.

Vi hoje uma exposição de figurinos e cenários do Abílio³⁷, cunhado do Dr. Tinoco. Gostei. É para os bailados da Margarida de Abreu que Leiria vai ver brevemente. Eu irei ver isso ao S. Carlos, se não for puxavante em preços e farpelas.

Diz-se que isto ultrapassa o Verde Gaio e os bailados do Ferro. Não deixe de ver.

...///...

Ainda não conheço o meu liceu. Aquilo é tropa de chegar, dar a aula e andar. Poucos são so contactos. O ambiente é bom e o reitor bom rapaz. Não chateia ninguém.

...///...Continuo a alimentar a ideia de ir viver lá para os lados do mar. Sítios de eleição, sem dúvida. Lembro-me muitas vezes da possibilidade de nos encontrarmos a morar para ali num futuro próximo. Cada vez ma arrependo mais de ter saído de Leiria. Tenho andado a farejar

³⁷ Abílio de Mattos e Silva (Sardoal, 1908 - 1985), radicado em Óbidos muito novo, fez o curso dos liceus em Coimbra, frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa nos anos lectivos de 1927 e 1928. Colocado na Nazaré de 1931 a 1936 aprende a pintar ao lado de John Barber, ou Barry Green. Pela mão de Jorge Barradas são expostas algumas pinturas suas no 1º Salão dos Independentes e depois os salões de Arte Moderna incluíram alguns quadros seus. Presente desde 1933 em todas as exposições do S.N.I. tem o seu primeiro contacto com o teatro em 1936, na peça “Tá-Mar” no Teatro D. Maria II. Desde então a sua vida permaneceu estreitamente ligada à concepção de cenários e figurinos para mais de uma centena de peças representadas nos teatros e óperas, e outras cenografias do Estado Novo. De 1941 a 1951 foi Assistente da F.N.A T., executando trabalhos e assumindo a direcção gráfica de várias publicações de departamentos do regime.

terrenos. Encontrei um bom talhão, à beira da linha e de uma estação. 20\$00 o metro! É muito para mim e o dono não vende metade. São 2.000 metros, isto é, 40 contos. Vamos a uma sociedade?

...///...

A M[aria] Luísa vai escrever às amigas. E por hoje, meu caro camarada nas artes, por qui me fico, enviando-lhe um apertado abraço Do sempre amigo

Manuel Filipe

Quando vem por cá? A minha casa provisória e sua e dos seus é na travessa Marta Pinto 6 – 2.º Belém Tel. 36.743

...///...

Apresente os meus cumprimentos ao Manso e esposa e sua Ex.ma Esposa e à Manuela, a quem a Maria Luísa vai escrever

MF

XVII

[1943]

Belém Travessa Marta Pinto, 6 –2.º

Senhor Narciso Costa, meu caro camarada e amigo:

Quando longe das pessoas que considero, é-me agradável lembrar-me delas e escrever-lhes duas loas. E hoje aqui me tem, el-señor D. Narciso de La Cuesta, a dizer-lhe coisas banais e uma muito importante para mim, há precisamente 24 horas que sou pai dum infante, notícia que lhe transmito à laia de jornaleco de província: «Acaba de dar à luz um robusto menino, etc. etc. Mãe e recém-nascido encontram-se bem. O pai, supinamente radiante, com o que todos, nesta redacção nos congratulamos». Se fosse eu a redigir esta local para qualquer folhinha, acrescentaria: «Oxalá o recém-vindo venha a ser um gajo tão porreiro como o pai».

De modo que, já não é só o Sr. Costa e o nosso amigo Manso a babara em-se com uma, respectivamente, neta e filha. Eu também já tenho um disso. A minha mulher está radiante, apesar de não lhe ter sido leve o parto: durou 4,5 horas. Pesa o sujeito, 3,600 Kg e logo na primeira noite mimoseou o pai com dois levantes. Berra como um cabrito mas tem cara de bom rapaz, o magano!

Tenho tomado uns banhos de Caparica e passado umas tardes pelos museus: de Arte antiga e contemporânea. O novo edifício da A[rte]. Antiga é qualquer coisa de com. O único defeito que tem é o de ser pequeno. O de A[rte]. Contemporânea lá continua no velho casarão assombrado da Biblioteca Nacional, não comportando nem mais uma tela: pequeno e congestionado até se desvalorizarem os quadros uns aos outros. A secção de A[rte]. Moderna neste museu continua pobríssima e realizada com um critério (se é que nisto se pôs algum critério) que não entendo.

Continuo com a minha ferrada: a acção educativa e pedagógica dos nossos museus persiste em ser nula, ou quási. Além de obra deficiente (sobretudo em quantidade, por falta de salas e de

aquisições) não há um catálogo comentado e elucidativo das obras expostas, não há legendas nos quadros, não se vê a mais pequena nota à margem das telas ou estátuas. A quasi totalidade dos visitantes olha mas não vê. Se lhes fossem prodigalizadas notas explicativas das obras, eles, visitantes, algum proveito poderiam auferir do que viam. Assim... é vê-los (os poucos que, ou por carolice, ou por desfastio, ainda vão aos nossos museus), é vê-los correr pelas salas sem darem a mais pequena atenção a obras sobre as quais nada lhes foi lido ou dito. Quem for com a intenção de aprender nos nossos museus de pintura, desiluda-se.

E o ver, somente, não basta, sobretudo ao não iniciado que além de não ter a vista educada, pode não ter (quando nunca tem) senso crítico. Há um catálogo do museu das Janelas Verdes. Mas além de caro, portanto nada aconselhável para desbravar o visitante comum, é também quasi nulo. Por exemplo: apresenta um quadro com o dístico: «escola portuguesa», mas não faz a menor referência àquilo que seja escola portuguesa. Mas sejamos realistas: como havemos de exigir a um país, que nem sequer lava o focinho, que cure de requintes de toilette?

Apesar de tudo [,] o mundo marcha. Hoje está um céu maravilhosamente azul que faz verdadeira inveja àqueles bons países nortenhos que têm, certo, melhores museus mas pior céu do que nós. É a lei das compensações a dar-nos sempre o premiozinho de consolação, a nós, portugueses, que não somos lá tão maus rapazes que não mereçamos algumas coisas boas.

Os nossos melhores cumprimentos para todos os seus.

Um abraço ao Manso e outro para si, do

Manuel Filipe

XVIII

s.d. (*anos cinquenta, início?*)

Rua do Egipto 26, Santo Amaro de Oeiras

Meu caro e muitas vezes lembrado Amigo

Senhor Narciso Costa

É com imenso gosto que venho dar-lhe as minhas notícias, apesar de saber que o meu Amigo se vai esquecer de me dar as suas. Perdão: sei que não é esquecimento mas sim uma certa fobia pela caligrafia ou birra contra a missiva.

Seja como for, eu é que tenho necessidade de comunicar com os Amigos e o Senhor Costa é que foi hoje o alvejado. Se o tiro acertar em cheio[,] queira desculpar; e o maior prejuízo que tal tiro possa vir a causar será o de o livrar ao incómodo de ter que me escrever duas linhas, com as quais, mesmo só duas, eu me sentiria muito satisfeito.

...///...

Vivemos actualmente em Santo Amaro de Oeiras, num ambiente natural que eu reputo de quasi paradisíaco. Gostamos muito de viver aqui e felicito-me por ter saído de Leiria no momento próprio. Mas (evidentemente que nos bons passos dos homens há sempre um quid, um mas...),

mas, dizia eu, meu lembrado Amigo. Ainda a não encontrei nesta bela terra um grupo de bons conversadores e de excelentes camaradas como o que tínhamos aí. Esta gente, por aqui, está sempre com o pé no estribo, têm todos sempre muita pressa: «Bom dia», «Boa tarde», «Passe muito bem», «Levo muita presa», etc. e tal. E ainda a gente não aborda estas pessoas para lhe[s] pedir dinheiro emprestado; o mais que lhes pede misericordiosamente, quasi de mãos postas, é um bocadinho de atenção, um pedaço de tempo livre para uma conversa amena.

É este o timbre dos grandes meios: o dinamismo (muitas vezes para nada), uma pontinha (ou grande ponta mesmo) de desconfiança.

Aqui encontro, às vezes, antigos condiscípulos ou velhos Amigos. Estão dispersos, casados, viúvos ou divorciados, comprometidos, em suma. Têm negócios, ou têm consultório, ou banca, ou loja. E o raio da vida desta gente, não lhes dá um momento vago para aquelas desenfadadas conversas e recreios do espírito ou do corpo que os cidadãos, mesmo os que trabalham bastante, podem ter numa Leiria ou mesmo numa Coimbra.

É que esta dispersão e absorção próprias dos grandes meios (não digo, propriamente grandes cidades, porque Lisboa não é uma grande cidade, mas uma cidade grande) obrigam as pessoas à vida que aponto: locais de trabalho longe, obrigando-as a grandes perdas de tempo, maiores despesas, obrigando-as a mais trabalho, etc. etc.

Quem, em Lisboa, ou sua zona de influência, se pode dar aos prazeres fáceis e simples de frequentes ripanços, conversas amenas com amigos certos e sem o tempo cronologicamente distribuído? Só os reformados ou ricos. Mas aqueles já não conversam, na verdadeira e boa acepção do termo. Estes, preferem a bebedeira do movimento, do espectáculo, das multidões, do brou-á-á das grandes ruas ou dos cafés populosos.

...///...

E aqui tem a razão porque este seu Amigo, meu caro Artista, se sente ainda em Lisboa, onde, aliás, só vai por necessidade) como se estrangeiro fosse. Eis a razão, meu Amigo e Senhor Narciso Costa, pela qual eu me refugiei neste canto (adorável canto é certo, mas sempre um canto), onde não encontrei ainda gente de interesse ou de espírito que queira fazer-me a esmola de uns quartos de hora, como os que muito bem gozávamos nessa caluniada mas bastante agradável e simpática cidadezinha de Leiria.

...///...

A qui no liceu tenho tido uns 2 camaradas de excelente companhia. Mas... são homens ocupados e não estão para me aturar. Têm a sua vida. É o império da economia sempre e cada vez mais patente, nas sociedades modernas. Adiante, não vá eu dar a sensação de estar a falar muito a sério, num dia como o de hoje: segunda-feira de Carnaval.

...///...

Diga ao Elizeu que lhe vou escrever pela mesma razão: preciso de conversar com os amigos daí. Claro está que tenho um derivativo muito bom: os meus rapazes que estão muito engraçados (passe a paternite), toda esta excelente paisagem e alguns bonecos de horas vagas, que são pouquíssimas... Afinal eu queixo-me da pressa dos outros... mas sou como eles, um home de afazeres.

...///...

Estive ontem em Sintra com m[inha]/ mulher. Aquilo é verdadeiramente um Éden. Até custa a crer como surgiu aquilo um grande e belo capricho que nos honra em qualquer país do Mundo. Peço as nossas lembranças para todos os seus e para os Amigos: Zé Pais, Elizeu, Rocha e Silva, Gonçalves, etc.

E para o compadre Narciso, um apertado na braço do

Manuel Filipe

XIX

Oeiras, 7 de Dezembro de 1968

Querido e velho amigo Senhor Narciso Costa

Já lá vão uns anitos que não nos vemos, mercê das circunstâncias. Mas o país é pequeno e frequentemente pessoas amigas me dão notícias dons bons amigos que aí deixei nessa simpática cidade de Leiria.

Há dias minha mulher trouxe-me notícias suas, pois encontrou a Manuela.

Creia, meu querido amigo e companheiro das belas horas de Leiria, que inúmeras vezes me lembro de si, da sua admirável camaradagem, do seu espírito jovem e da sua permanente amizade e consideração que sempre me dedicou e que eu nem sempre mereci.

Estou sempre projectando ir a Leiria e sempre adiando esse projecto, por isto ou por aquilo. O mais tardar, na próxima primavera, terei o grande prazer de lhe dar um grande e cordial abraço e de conversar muito com o bisavô Narciso. Eu também sou avô de duas gémeas. Até lá as minhas permanentes lembranças. Se vier a Lisboa, não dispense a sua visita.

Os melhores cumprimentos de minha mulher e meus para todos os da família e daqui lhe remeto o melhor dos meus abraços

Manuel Filipe

15-XII-68 P. S. – Aproveito para remeter ao querido Amigo e a toda a sua família os nossos votos de Boas Festas referentes à quadra que se avizinha.

MFilipe

XX

[Julho?, 1945]

Porto 12

Amigo

Quanto aos seus 4 carvões que não estavam em condições de seguir para Braga são os seguintes
[:] «O José» com um rasgão na parte do cabelo «Família» com um rasgão a mais e um grupo de
três figuras de miúdo s → [*expede para um esboço que ele próprio, Pomar, executa*] este o que
está mais danificado

Levar-lhos-ei eu, se seguir daqui para a Figueira – se os nossos planos não falharem, ou então o
Tinoco levá-los-á.

A nossa folha. continua sem interrupção. Por motivos alheios à nossa vontade só hoje me foi
possível fazer a distribuição do costume.

Quando teremos colaboração de Leiria? A polémica terminou mais uma vez pela força, com
uma carta do Octávio? Contra tal decisão foi emitido um protesto colectivo com 4 folhas de
assinaturas. Não sei se o publicarão.

Vamos então trabalhar à bruta na Figueira? Estou com ganas de o fazer. Vou ver se consigo
levar daqui algumas placas de madeira –e lá ter só o trabalho de as encher...

Um abraço do

Júlio Pomar

XXI

[Julho de 1945]

Amigo

O Victor de Sá não sei se lhe comunicou a maneira como decorreu a sua exposição em Braga.
Ele enviou-me uma carta a publicar na «Tarde». Porém, tal facto não nos é possível – você está
ao facto da questão do O[ctávio]. Sérgio. Vou enviá-la para o «Diário de Coimbra». Segue o
que o V[ictor de]. Sá me mandou e a cópia da nota para o jornal:

“Braga é uma cidade já bem conhecida pelo seu ambiente regressivo e pela sua hostilidade a
tudo o que seja uma rasgada iniciativa ou um movimento e renovação.

³⁸ *Espólio Manuel Filipe*, Cx 1, Galeria Manuel Filipe, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova.

O que se acaba de passar com o grande pintor modernista Manuel Filipe é bastante demonstrativo do que afirmamos. Este artista, que em Coimbra e no Porto alcançou dois grandes êxitos, cedeu a expor os seus quadros numa agremiação profissional daquela cidade. Consta-nos que não houve economia de esforços para que a exposição resultasse brilhante, tanto mais que era a 1.^a vez, para desprimor dos ilustres artistas de Braga, que um pintor modernista lá patenteasse os seus trabalhos. Não faltaram, é certo, sinceros admiradores que observaram impressionados os «carvões» notáveis de Manuel Filipe. Mas a «crítica» oficiosa combateu ruidosamente a exposição, quer ridicularizando os seus quadros e amesquinhando a sua soberba expressão, quer confundindo o sentido artístico com intuítos menos honestos, revelados só pelos que neles pensaram. Parece que uma das maiores virtudes da ida de M. F. a Braga foi ter evidenciado a ignorância artística e o confucionismo daqueles que pelo menos na imprensa local ruidosamente se manifestaram. De resto – deve acentuar-se – nos curtos dias em que esteve patente ao público subiu a muitas centenas o número de visitantes – caso extraordinário naquela cidade que bem demonstra que M. F. foi o portador para Braga de uma expressiva mensagem de renovação artística, que conseguiu apaixonar o meio, geralmente apático”.

Ei-la.

Aguardo as suas impressões um abraço do

Júlio Pomar

TRÊS CARTAS DE VÍCTOR DE SÁ PARA MANUEL FILIPE³⁹

XXII

Braga, 8-7-45

Prezado Amigo:

Já está em franca discussão, digo, em larga discussão, a sua exposição, como pode ver pelo jornal de hoje que lhe remeto pelo mesmo correio (e outro exemplar de ontem, a anunciar a abertura).

Para a abertura tinham sido convidados cerca de trinta ou mais personalidades, quer oficiais quer artísticas, desta cidade. Só um reduzido número delas apareceu ontem, mas, entretanto, numerosas foram as pessoas que por lá passaram, mesmo sem convites. Calculo em cerca de 100 o número de visitantes durante as duas horas e tal que ontem se manteve aberta.

Primeira impressão geral da assistência: surpresa. Em vez de exclamações, de elogio ou desagrado, silêncio. Os artistas locais recusaram-se à primeira visita, a fazer qualquer comentário. Notei que o que viram era qualquer coisa de estranho, superior às suas forças. Em

³⁹ *Espólio Manuel Filipe*, Cx 1, Galeria Manuel Filipe, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova.

alguns, notava-se, mesmo, uma atitude despeitada. À saída, viu-se o rosto carregado dos visitantes. Alguns disseram-me que muitos daqueles quadros eram verdadeiros, mas que a sua realidade não era para expor. Outros, gostaram francamente, destacando-se entre estes os estudantes.

– Os 4 quadros que faltam [,] foi o Sr. Júlio Pomar que decidiu não os remeter, não sei por que motivo. Dissera-o pessoalmente a um empregado do nosso Sindicato que passou nos Fenianos no dia em que eles, lá, estavam a preparar a embalagem.

Continuarei a informá-lo de tudo o que se for passando – Não vem cá durante a exposição?
Subscrevo-me

Atenciosamente

Victor de Sá

XXIII

(dactiloscrito)

Braga, 11/7/45

Estimado Amigo

É de confranger o coração ouvir ou ler certas críticas à sua Exposição. Felizmente que elas não representam senão um limitado sector da opinião pública, simplesmente estes não encontram eco na imprensa local, mobilizada em favor dum sectarismo aniquilador e mesmo deturpador.

O certo porém é que na Exposição tem constituído o maior [dos] sucessos da arte pictórica nesta cidade. Tem sido mesmo numerosamente concorrida. Diariamente por lá passam cerca de 100 pessoas e mesmo mais. Nunca sucedeu nada de idêntico com qualquer outra.

Pelo mesmo correio, sob registo, faço seguir um jornal desta cidade, número de hoje, que na 4.^a pág. Traz uma crítica à sua exposição, feita por um padre. Vão também outros extractos críticos, incluindo os que fizera o favor de me remeter. Vai igualmente um catálogo que leva marcados todos os quadros que cá recebemos, bem como a folha das impressões do Porto. Está um pouco suja e rota, mas já assim veio. Breve seguirão outros recortes que ainda a cá tenho.

Amanhã, no «Correio do Minho», talvez saia ainda outra crítica, que suponho ser ainda pior que a que hoje saiu no «Diário»

Aceite um abraço do

Amigo Grato

Victor de Sá

Quando tenciona passar por cá?

XXIV

Braga, 17/7/45

Caro Amigo

A sua carta, ontem recebida, foi justamente apreciada por mim e outros Amigos, interessados, lealmente interessados, na sua Exposição.

Ontem mesmo fomos desmontar a Exposição. Os 25 desenhos retirados, com cuidado e imediatamente enrolados e embrulhados, seguiram hoje, com embalagem segura para o Porto, ao cuidado duma recoveira de confiança.

Hoje à noite vamos proceder às embalagens. Se concluirmos o trabalho, amanhã mesmo tudo seguirá despachado pelo C. P.

Junto devolvo o catálogo que me remeteu com os preços e uma notícia do encerramento dada na carta de Braga do «Janeiro». Outras notícias assim pequenas saíram noutros jornais, mas, por secundárias, não as recortei. Espero, entretanto, que ainda outros jornais se refiram à sua Exposição; terei o cuidado de lhos remeter.

Nada tem que me agradecer. Eu é que me orgulho de ter merecido a sua confiança, e de ter conseguido expor em Braga os seus excelentes trabalhos.

Viu a crítica no fasc.3 do Vértice? Tenho cá a crítica da Tarde que lhe remeterei juntamente com o caderno de impressões, que me parece ser o melhor documentário das querelas suscitadas nesta pacata cidade. Estimarei imenso conhecê-lo Um abraço do Amigo Admirador

Victor de Sá

P. S. A conta dos vidros, por indicação do Sr. Pomar, seguiu para os Fenianos, mas ainda não procederam à sua liquidação. Daqui vamos remeter-lhe o dístico anunciando a Exposição, que o Sindicato não deseja que fique à sua conta. Tenho notado uma má vontade muito ingrata. Logo que se receba resposta dos Fenianos, mandar-lhe-ei dizer qualquer [coisa] sobre contas.

ALGUMAS CARTAS, APÓS O 25 DE ABRIL, DE MANUEL FILIPE A INSTITUIÇÕES E MUSEUS

XXV

Carta / Minuta para Doações a Instituições Públicas e Museus

Ex.mo Senhor

25/08/1980

Nesta data e após uma série de 10 exposições realizadas em Lisboa, Porto, Coimbra e em outras cidades do país (a primeira teve lugar em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes e a

convite desta no verão de 1978) tenho em disposição, no meu atelier, à roda de 200 peças, algumas delas montadas em 19 trípticos.

Consciente de que a obra de arte deve ser realizada para todos e de que, por isso, ela deve ser integrada num programa geral de culturização dos povos, venho propor a V.^a Ex.^a a doação de parte da minha obra que desejo entregar, na quase totalidade, às instituições públicas do nosso país.

Segundo penso, à roda de 15 ou 20 dessas instituições, poderão, em princípio, interessar-se pela minha proposta, pelo que caberia a cada uma delas, um lote de 10 peças, lotes a organizar de acordo com os interessados e com as características regionais, etc. de cada cidade e respectiva área. Isto, porque a minha obra alarga a pintura inspirada na arquitectura alentejana e algarvia, passando por temas de carácter social (drama, crítica, etc.), pela investigação e o mero prazer lúdico.

Com oferta à Biblioteca dessa instituição remeto a V.^a Ex.^a um Álbum que, de algum modo, o ajudará a colher uma ideia sobre a oportunidade que nesta carta ofereço,

Com as saudações de

Manuel Filipe

Rua dos Combatentes da Grande Guerra, nº 6,

S. Pedro do Estoril – T. 2686400

Agosto de 1980

PS: Se a m/ oferta não interessar a V.^a Ex.^a peço o especial favor de a remeter a outra instituição local.

XXVI

Carta ao Director do Museu Santos Rocha

13/11/80

Ex.mo Senhor Director do Museu Dr. Santos Rocha da Câmara Municipal da Figueira da Foz:

Nesta data estou em contactos com a Fundação Gulbenkian para efeitos de aquisição, a seu pedido, de alguns quadros para o museu de Arte Moderna, em construção. Por isto e porque estou reparando muitos dos meus quadros que ficaram bastante danificados após um ano de exposições em 10 cidades do país, não voltei a comunicar com essa instituição após a vossa resposta de aceitação da minha oferta

Parece-me ocasião de confirmar as doações que propus, ao mesmo tempo que me parece oportuno apresentar as principais condições:

1. Os quadros deverão ser colocados em locais que ofereçam um mínimo de garantias de carácter didáctico e de conservação;

2. Deverão começar a exercer a sua finalidade cultural tão rapidamente quanto possível;
3. As molduras definitivas deverão ser à conta das instituições beneficiadas, dade que algumas delas são provisórias e construídas para suportar longas viagens de cidade para cidade;
4. Terão de se oficializar as doações nos termos normais.

Posto isto, suponho que tais condições são perfeitamente aceitáveis, pelo que se poderão fazer as entregas logo após as beneficiações que estou fazendo à minha obra.

Com as minhas melhores saudações e boa vontade, me subscrevo atenciosamente,

Manuel Filipe

R. Grande guerra n° 6

T. 2686400

S. Pedro de Estoril

PS: Se V.^a Ex.^a entender conveniente passar pelo meu atelier eu teria muito gosto em recebê-lo.

XXVII

Carta para a Dr.^a Isabel Pereira (MSR-FF)

17 Janeiro 83

Exma. Sr.^a Dr.^a Maria Isabel Sousa Pereira:

Nesta data remeto a V.^a Ex.^a cinco quadros da minha autoria os quais já há muito tempo pensei doar ao museu C. Gulbenkian da Figueira da Foz.

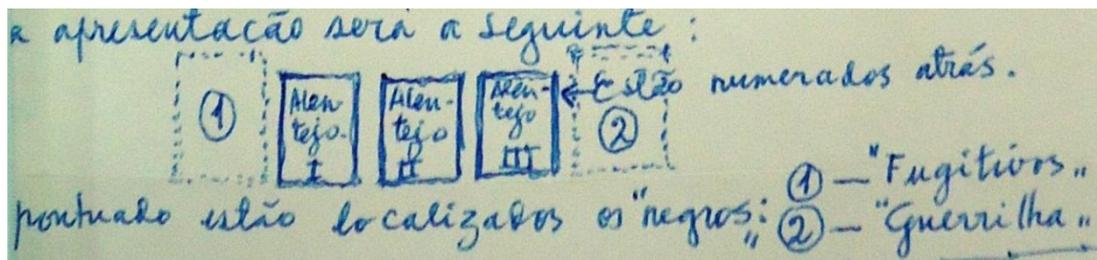
E agora surgiu oportunamente a ocasião, uma vez que fui convidado para colaborar numa exposição, nesse museu, para homenagear a revista BARCA NOVA e o poeta Joaquim Namorado.

A partir de agora e após a exposição, os quadros referidos ficarão sendo pertença do Museu Calouste Gulbenkian da Figueira da Foz, de que V.^a Ex.^a é mui digna Directora.

As instituições a quem já doe e ainda doarei quadros, pus algumas condições que vão expressas na fotocópia anexa. Além dessas condições, também há necessidade de substituir os plásticos dos quadros “negros” por vidros sem reflexos, por razões de melhor visão e leitura. O vidro comum provoca muitos reflexos.

Quando aí estive, a Senhora Directora disse-me que tinha espaço de exposição permanente, apenas para 3 quadros. Mas como os 3 óleos são relativamente pequenos, pode ser que haja espaço mais alguns. Porém, se efectivamente não puderem interessar ao museu da Figueira, dedicá-los-ei ao Machado de Castro de Coimbra ao qual doei à roda de 30 peças.

Os 3 óleos que remeto constituem um trio inseparável e a sua apresentação será a seguinte:



Espero encontrar-me com V.^a Ex.^a no dia 28 do corrente aí na Figueira. Informo-a também de que estou entregando toda a minha obra a instituições públicas, num total de 180 a 200 peças.

Em Faro estão 4 quadros no M[useu]. Municipal; na fundação Gulbenkian, 19 quadros, etc.

Apresento a V.^a Ex.^a S.^a Directora, os meus melhores cumprimentos,

Manuel Filipe

IV

Carta para a Dra. Isabel Pereira (MSR-FF)

S. Pedro de Estoril, 8 de Fevereiro de 1993,

Exma. Senhora Dr.^a Isabel Pereira, Digna Directora do museu Dr. Santos Rocha:

Em carta datada de 21 de Setembro de 1992 (da qual envio fotocópia para os devidos efeitos) comuniquei à Senhora Directora do museu municipal da Figueira da Foz, a doação de um quadro da minha autoria, à escolha da Senhora Directora, dentre os quatro que cedi, nessa data, para efeitos de uma exposição temporária.

Essa doação foi confirmada por escrito, em 30 de Setembro de 1992, pela Senhora Dr.^a Maria Isabel Pereira (segue fotocópia) faltando apenas referir qual o quadro, o título e o seu valor.

Foi escolhida, depois, com acordo verbal com a Senhora Directora, a obra intitulada "Porto de Mar", a que foi definido o valor de 500 000\$00 (quinhentos mil escudos).

A presente carta vem agora confirmar a doação já feita em Setembro de 1992.

Igualmente venho solicitar aos respectivos serviços da Câmara Municipal da Figueira da Foz, uma declaração comprovativa da referida doação, para figurar nos elementos que, por lá, serão de juntar à declaração de I.R.S. durante o mês de Fevereiro.

Desde já agradeço & envio a V.^a Ex.^a os meus melhores cumprimentos.

Manuel Filipe

Anexo D

FICHAS – RESUMOS DE ENTREVISTAS

I - Entrevista aos filhos de Manuel Filipe

1- *Qual é o nome dos pais de Manuel Filipe?*

R: Luís Filipe e Joaquina Jesus

2- *Qual é a data exacta do nascimento de Manuel Filipe?*

R: Nasce a 7 de Fevereiro, de 1908.

3- *Quando, onde e em que anos deus aulas?*

R: Começou a dar aulas na Guarda, Castelo Branco, Leiria, Lisboa e Estoril. Não sabemos exactamente em que anos. Saímos de Leiria em 1947.

4- *Como é a vida de Manuel Filipe em Leiria?*

R: Em Leiria tinha um atelier onde trabalhava, onde produziu quase toda (se não mesmo toda) a sua Fase Negra. O atelier ficava junto à casa onde vivíamos, na Rua Nova. Aqui deu aulas no Liceu Rodrigues Lobo, onde conheceu a nossa mãe Maria Luísa, e mais tarde casaram.

5- *Qual é a data e o lugar do casamento dos seus pais?*

R: Manuel Filipe casa com Maria Luísa, em Lisboa, a 4 de Setembro de 1940.

6- *Qual é a data de nascimento de cada um dos senhores?*

R: Luís Gravata Filipe nasce a 22 de Agosto de 1943, em Lisboa.
António Gravata Filipe nasce a 16 de Abril de 1947, em Lisboa.

7- *Qual foi a primeira vez em que o seu pai participou numa exposição?*

R: Tanto quanto sabemos foi no início da década de 40.

8- *Entre 1947 e 1960, Manuel Filipe deixa de expor e de trabalhar artisticamente, pelo menos é a ideia patente pelos críticos. Onde anda e o que faz?*

R: Não será bem assim, ele vai fazendo umas coisas, mas muito pouco, quase nada.

Após a EGAP de 1947, vai ter que escolher entre a profissão de professor, a família e a sua faceta artística. Como professor tinha que assinar uma declaração de honra para que não associasse a sua vida a actividades subversivas.

Para proteger a família, deixa de expor.

Vamos para Lisboa em 1947, mudando muito de casa. Esta situação não lhe oferecia condições para trabalhar.

Em 1955 constrói uma casa em Oeiras, com um grande atelier (que será construído sensivelmente dois anos depois).

Até 1960 deixa de expor, pois não tinha condições para trabalhar a vários níveis.

9- *Sabemos que o vosso pai levava o ofício de professor muito a sério. Como era a relação dele com os alunos?*

R: Eduardo Nery, Jorge Martins e José Fava.

O nosso pai gostava muito de ensinar desenho, gostava de interagir com eles. Organizou duas exposições na agência “Havas”, que foram sensivelmente entre 1955-1960. Estas exposições eram de alunos dele, para poderem expor e compreender como se tratava uma obra exposta.

Ele era muito próximo dos seus alunos, foi como um mentor/mestre para eles. Estas iniciativas transcendiam o mero ensino artístico.

O nosso pai tinha uma atividade pedagógica alargada. Nas aulas de trabalhos manuais, pôs os alunos a plantar os jardins do Liceu do Estoril.

10- *Como era o vosso pai, como homem?*

R: era um homem que gostava de estar ativo, de interagir com as pessoas.

Nas exposições individuais dele, ele próprio levava os quadros para montar as exposições.

Para ele, a Arte é para o público, para se expor nos museus.

Era uma pessoa muito criteriosa nas suas doações. Gostava que a sua obra, ou pelo menos a maioria, ficasse acessível ao público.

Para ele a Arte não se vendia, mas com o Dr. Azeredo Perdigão ele acaba por aceitar atribuir um valor à obra que lhe vende.

11- *Qual era o seu método de trabalhar, se tinha algum em particular, para a Fase Negra?*

R: Tinha um método peculiar, usava uma mina *harthmouth*, usava um vaporizador e soprava-o, e por fim, punha *goma arábica* para fixar os desenhos negros.

12- *Parece que Manuel Filipe tinha uma ideia diferente do comum do que fazer com os restos de materiais?*

R: Sim, costumava encher o sótão de casa de tralha que encontrava na rua, ou que lhe davam, e incluía-a nas suas obras.

II - Entrevista com o Dr. Arménio Gonçalves:

1- *Em que altura conhece Manuel Filipe e a sua obra?*

R: Nos finais da década de 70, inícios de 80. Chegámos a encontrar-nos e falámos pessoalmente umas três ou quatro vezes.

2- *Que tipo de pessoa era Manuel Filipe, com quem se dava?*

R: Na altura vivia no Estoril, era um simpatizante da ideologia comunista, talvez até fosse filiado, não tenho a certeza, mas vivia razoavelmente bem.

Lembro-me ainda que conferia umas conferências.

Um facto interessante, durante a sua estadia em Leiria, chegou a conhecer e a relacionar-se com Miguel Torga, algures entre 1939 e 1943. (Ver Jorge Maltieira).

Filipe não vendia Arte por princípio, pois achava que a Arte deveria ser acessível ao povo, e não ficar dominada por uma exclusividade privada, assim sendo, não deveria ser vendida e deveria estar em museus ou instituições públicas e estatais. Tinha o sonho de ver um museu/instituição pública ligada à Arte e à cultura com o seu nome.

Era uma pessoa alegre, bem-disposta, social, bonita e bastante interactiva.

3- *Sei que tem experiência em museologia, tem alguma obra de Manuel Filipe?*

R: Ele ofereceu três óleos (um tríptico) para o Museu de Castro Daire, em 1984, e três desenhos a carvão. Comprei uma obra dele em Lisboa num leilão (um óleo sobre Leiria e o rio Lis).

4- *Qual a sua opinião sobre a Fase Negra?*

R: É uma fase muito emotiva e expressiva, onde ele põe muito dele para a tela, como se fosse um negativo da realidade.

Após a sua morte, algumas obras das suas outras fases foram vendidas, mas não da Fase Negra.

Tenho a impressão que da época da Fase Negra ele doou sete quadros ao I Politécnico de Leiria.

III - Entrevista com a Dra. Isabel Pereira (conservadora do museu FF em 1974)

1- *Conheceu Manuel Filipe em que circunstâncias?*

R: Quando após a primeira exposição dele na Figueira da Foz, quis doar quadros ao museu.

2- *Qual a Ligação de Filipe à Figueira da Foz?*

R: Passava os seus verões de mocidade e juventude na cidade. Era amigo do pintor figueirense Cândido Costa Pinto. Também era amigo de Joaquim Namorado e participou algumas vezes na sua Tertúlia de Coimbra, que ele fazia na sua casa na Serra da Boa Viagem, juntamente com Fernando Namora e outros.

3- *Quando é que trava conhecimento com o Neo-Realismo?*

R: Através de Joaquim Namorado, na década de sessenta.

4- *Como era Manuel Filipe? Qual a sua visão sobre ele?*

R: Era um homem de muito humor, muito distraído, contava piadas, gostava muito de socializar. Tinha uma vida muito cheia, não era homem de ficar parado.

Era muito dado, gostava de receber pessoas em casa, mas esquecia-se que as ia receber, com frequência.

5- *Qual a sua opinião/perspetiva sobre a Fase Negra?*

R: Era a fase mais afetiva/emocional, que ele gostava mais, que lhe dava mais satisfação.

A guerra mundial e a pobreza são temas que têm muito peso na sua produção da Fase Negra.

As características mais chamativas são, como diz Namora: “o peso da vida parece retardar-se nos pés e olhos”.

6- *Sabe se além da pintura, Manuel Filipe fazia uso de mais alguma técnica artística?*

Penso que há uma tapeçaria de Portalegre – colorida, e uma serigrafia (talvez de 1944).

7- *Sabe se alguma vez esteve em Oliveira do Bairro a lecionar aulas?*

R: Segundo sei, julgo que não.

IV - Conversa telefónica com Rodrigo Freitas

Manuel Filipe travou conhecimento com Rodrigo Freitas,

Vai estar a trabalhar febrilmente na sua obra “Fase Negra” de 1943-1945, segundo o próprio, data que até agora, dificilmente tinha sido posto em causa com o quadro “O Mercado de Trabalho – Alentejo” de 1948, tem uma obra fora da cronologia (atribuída e balizada pelo artista à sua obra) que se encaixa na temática e na expressão plástica da sua Fase Negra.

Após a EGAP de 1947, Manuel Filipe vê as suas obras apreendidas e é-lhe dado o aviso para parar de pintar e expor a sua obra, ofensiva ao regime e seus ideais. Vai-se retirar, andando desaparecido até meados de 1960. Ele não se vai acobardar, mas escolhe retirar-se, indo sempre pensando na sua Obra.

A obra “Mercado de Trabalho – Alentejo” vai justificar esta sua incerteza/desassossego e vai transpor os (ainda) ideais da Fase Negra. Esta obra vai ser a exceção (na cronologia da Fase Negra) que vai confirmar a regra.

Para podermos ter a certeza que a Fase Negra extrapola 1945 temos que ter três ou mais obras posteriores a essa data.

Manuela Filipe vai andar «desaparecido» entre 1947/1948 até 1961, andando a reflectir sobre a sua obra e a considerar se continuaria a expor. Vai remeter-se às suas aulas e à vida de professor.

Além das obras que todos conhecem, há uma serigrafia de Manuel Filipe.

Anexo E: Fase Negra



Imagem 1, **A morte da Àguia**, 1942, carvão s/ papel, colado em platex, dimensões 33,5×26 cm, imagem retirada do Catálogo do Correio Velho de 2010, item nº116

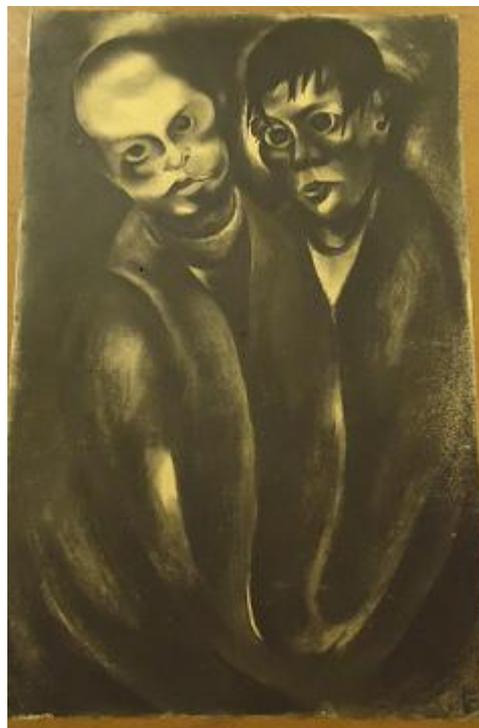


Imagem 2, **Asilados**, 1942, carvão s/ papel, dimensões 50×32 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0523



Imagem 3, **Limpeza**, 1942, carvão s/ papel, dimensões 60,5×43 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0522



Imagem 4, **Mãe Solteira**, 1942, carvão s/ papel, dimensões 90,5×72 cm, na posse de um colecionador privado



Imagem 5, **Litoral Trágico (Nazaré)**, 1942, carvão s/ papel, não temos indicação das dimensões, imagem retirada do catálogo exposição *Manuel Filipe: Pintura de Desenho*, Lisboa, Galeria Diário de Notícias, 1991, (p. 5).



Imagem 6, **Raiva**, 1942, carvão s/ papel, dimensões 49×64 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0520

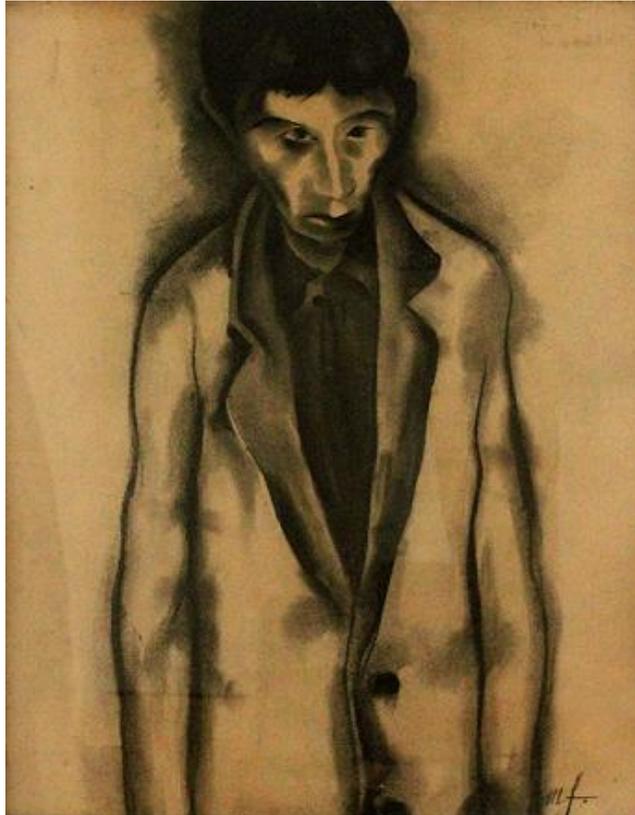


Imagem 7, **Orfão**, 1942, carvão s/ papel, dimensões 61×43 cm, Col. Galeria Manuel Filipe (C.M. de Condeixa)

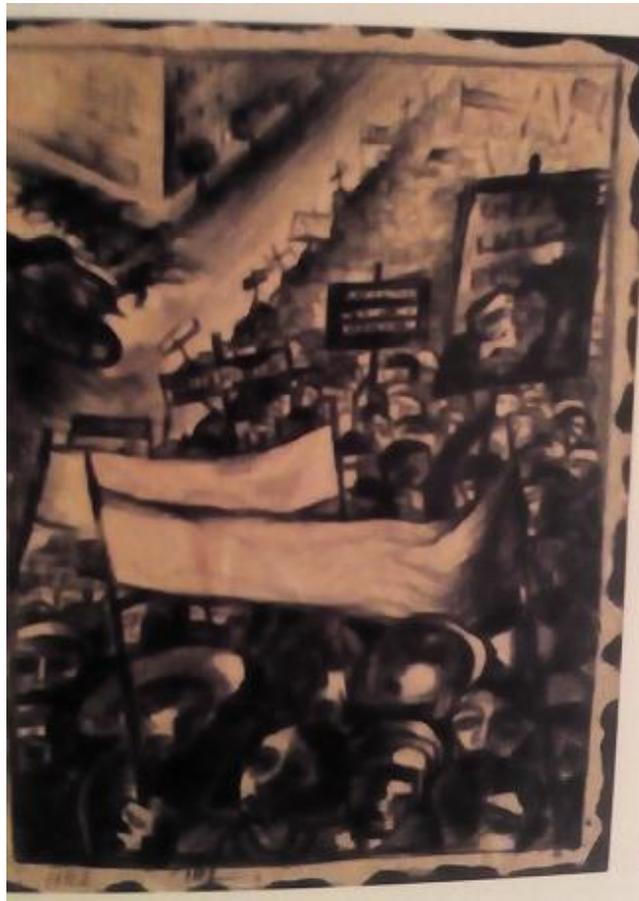


Imagem 8, **Sem Título**, 1942, carvão s/ papel, dimensões 34×25,5 cm, imagem retirada do catálogo *Rui-Mário Gonçalves Homenagem*, Lisboa, SNBA, 2016, p 41



Imagem 9, painel lateral esquerdo do tríptico **Tomada de Consciência**, 1942, carvão s/ papel, dimensões 94×190 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0521



Imagem 10, painel central do tríptico **Tomada de Consciência**, 1942, carvão s/ papel, dimensões 94×190 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0521

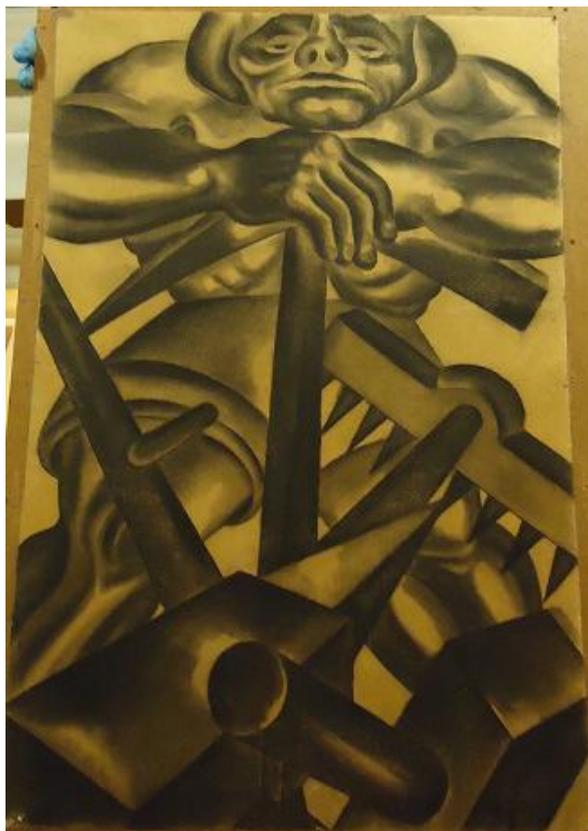


Imagem 11, painel lateral direito do tríptico **Tomada de Consciência**, 1942, carvão s/ papel, dimensões 94×190 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; Nº de inventário: SC 0521



Imagem 12, painel lateral esquerdo do tríptico **Tomada de Consciência**, 1943, carvão s/ papel, dimensões 64×50,4cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; Nº de inventário: SC 0527

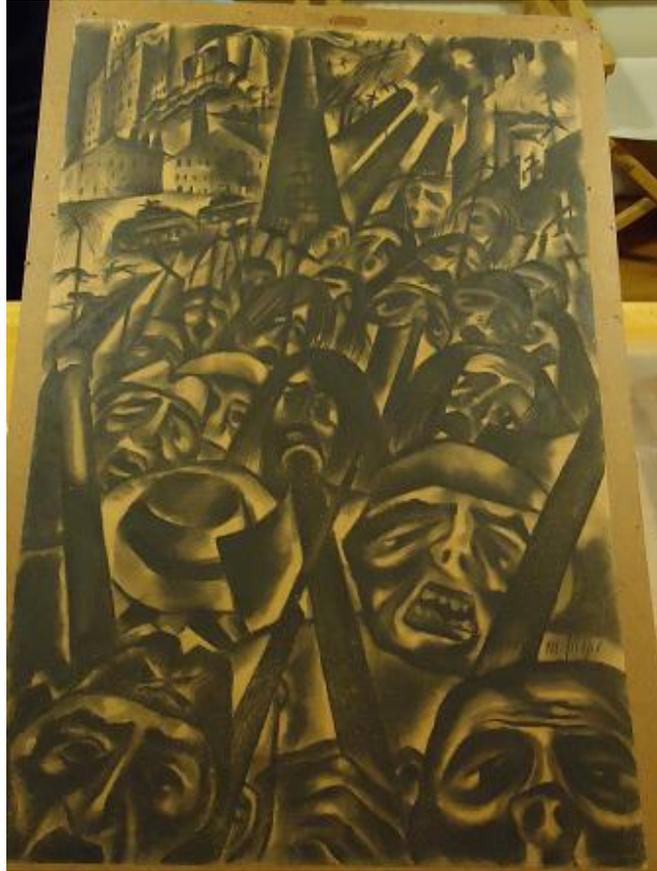


Imagem 13, painel central do tríptico **Tomada de Consciência**, 1943, carvão s/ papel, dimensões não confirmadas, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea. Porto: N° de



Imagem 14, painel lateral direito do tríptico **Tomada de Consciência**, 1943, carvão s/ papel, dimensões não confirmadas, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0527



Imagem 15, **Mastros**, 1943, carvão s/ papel, colado sobre platex, dimensões 65×50 cm, Col. Museu José Malhoa, Inventário: Des 186



Imagem 16, **Mastros**, 1943, carvão s/ papel, 60×40,5 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0529



Imagem 17, **Senhora e Gato Preto**, 1943, carvão s/ papel, 65×49,5 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0526



Imagem 18, **Lambeta do Quartel**, 1943, carvão s/ papel, 73×49,5 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0525



Imagem 19, **O Homem e a Máquina**, 1943, Mina Harthmouth s/ papel, o painéis da esquerda e central tem as dimensões 74,5×50,5 cm e o da direita tem as dimensões 74,5×49 cm, Col. Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian



Imagem 20, **Nossa Senhora da Terra**, 1943, carvão s/ papel, dimensões 71,5×46,5 cm, Col. Galeria Manuel Filipe (C. M. de Condeixa)



Imagem 21, **Ex-Combatente Condecorado**, 1943, carvão s/ papel, dimensões 72×46,5 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0524



Imagem 22, **Família**, 1943, grfite s/ papel, dimensões 71×47 cm, col. Museu da Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, N. Inv. 1063



Imagem 23, **Avózinha**, 1943, carvão s/ papel, dimensões 74×50 cm, Col. Museu José Malhoa, Inventário: Des 182



Imagem 24, **Trilogia: Deus, Pátria e Família**, 1943, Mina Harthmouth s/ papel, dimensões 95×73,5 cm, Col. Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian

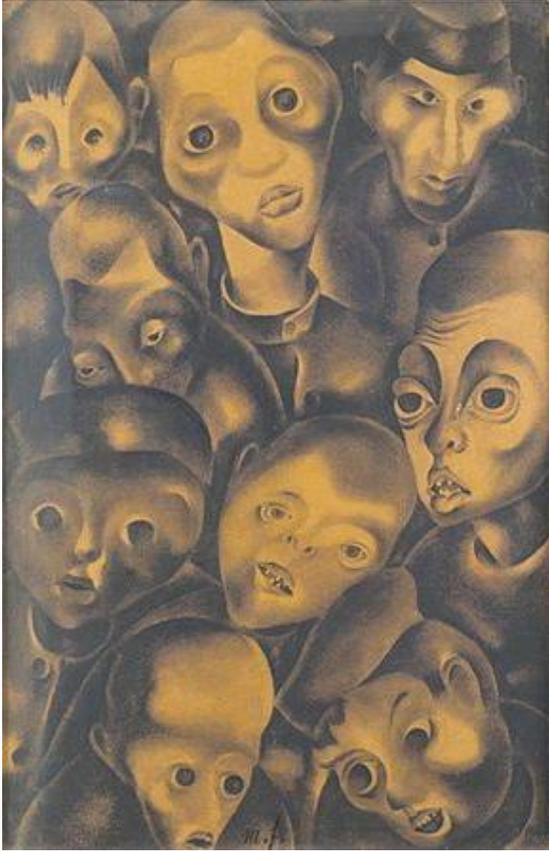


Imagem 25, **Asilo**, 1944, carvão s/ papel, dimensões 74×50 cm, Col. Museu José Malhoa, Inventário: Des 181



Imagem 26, **Asilo**, 1944, carvão s/ papel, dimensões 96×70 cm, Col. Galeria Manuel Filipe (C. M. De Condeixa)



Imagem 27, **Irmãos Nossos**, 1944, carvão s/ papel, sobre platex, dimensões 51×33,5 cm, Col. Museu José Malhoa, Inventário: Des 184



Imagem 28, **Rostos**, 1944, carvão aguarelado, dimensões 48×31 cm, imagem retirada de www.imagensraras.pt dia 20 de Fevereiro de 2015.



Imagem 29, **Construção Civil**, 1944, carvão s/ papel, dimensões 96x74 cm, Col. Museu Municipal Santos Rocha; N° inventário 01-G-202



Imagem 30, **Homens e Mastros**, 1944, carvão s/ papel, dimensões 65x50 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0528

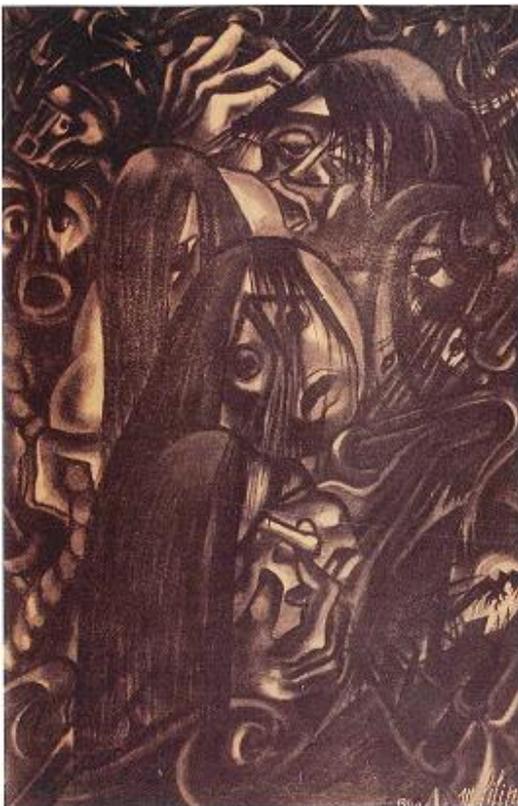


Imagem 31, **Naufrágio (Nazaré)**, 1944, carvão s/ papel, dimensões 74x50 cm, Col. Museu José Malhoa, Inventário: Des 183



Imagem 32, **Tragédia**, 1944, carvão s/ papel, dimensões 65x50 cm, Col. SEC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto; N° de inventário: SC 0530



Imagem 33, **Tragédia Marítima (Nazaré)**, 1944, Mina Harthmouth s/ papel, dimensões 98×189 cm, Col. Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Inventário n.º 2308



Imagem 34, **Prostituição**, 1944, Mina Harthmouth s/ papel, dimensões dos painéis: 65×51 cm (laterais), 73×48 cm (central), Col. Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian

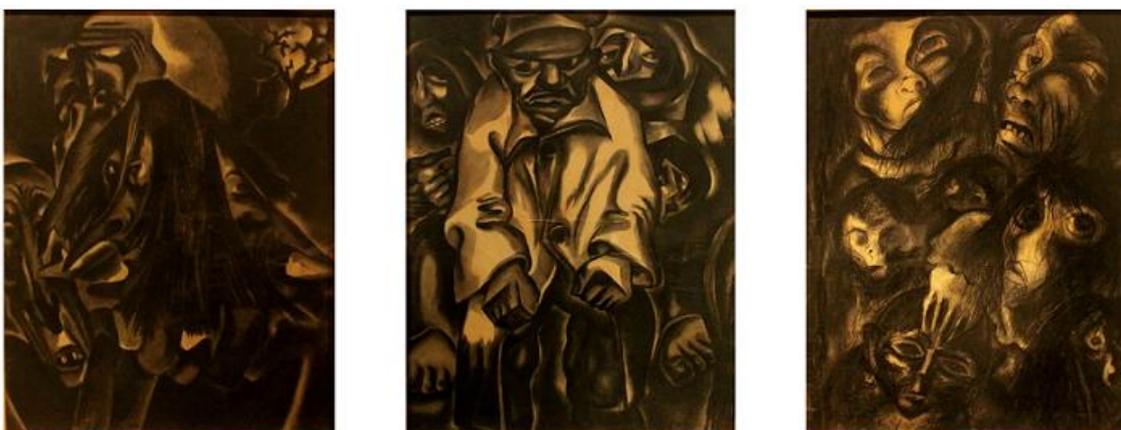


Imagem 35, **Segregados (Homenagem a Dostoievski)**, 1944, Mina Harthmouth s/ papel, dimensões 88×182 cm, Col. Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Inventário n.º 2309



Imagem 36, **Sub-gente (Homenagem a Raul Brandão)**, 1944, Mina Harthmouth s/ papel, dimensões dos painéis: 68,2×54,5 cm (esquerda), 73×47,3 cm (central), 66×50 cm (direita), Col. Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian

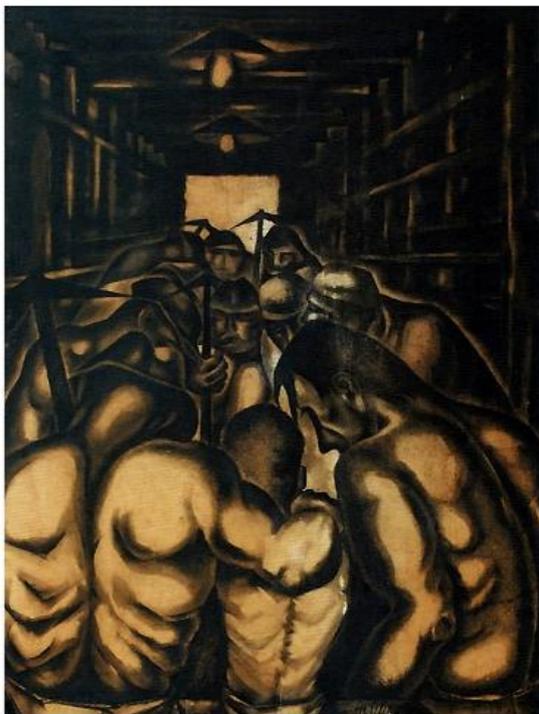


Imagem 37, **Saída da Mina**, 1944, carvão s/ papel, dimensões 93×72 cm, Col. Galeria Manuel Filipe (C.M. de Condeixa)

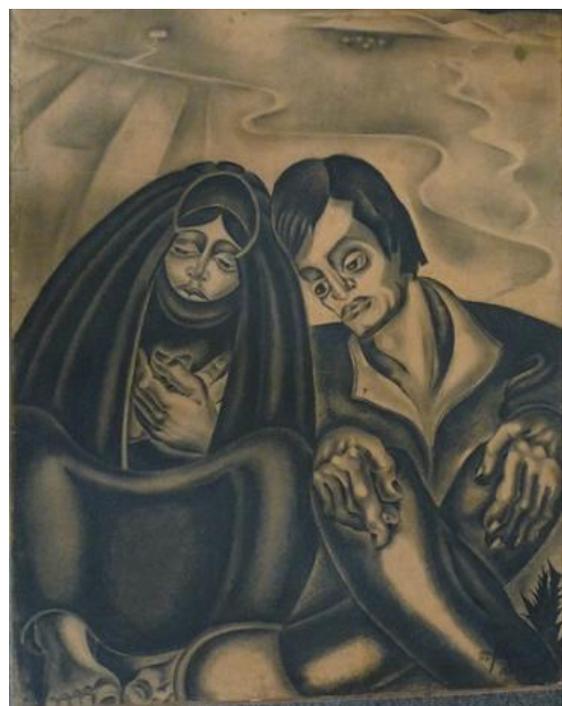


Imagem 38, **Terra Amarga**, 1944, carvão s/ papel, dimensões 96×73,5 cm, Museu Municipal Santos Rocha; Nº inventário 02-G-371



Imagem 39, **Mercado de Trabalho – Alentejo**, 1945, Mina Harthmouth s/ papel, dimensões 87×183 cm, Col. Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Inventário n.º 2310

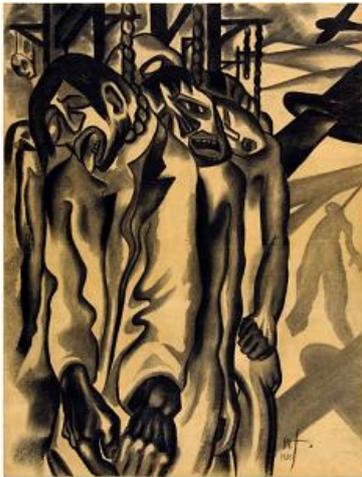


Imagem 40, **Guerra**, 1945, Mina Harthmouth s/ papel, dimensões 65×50 cm, Col. Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian

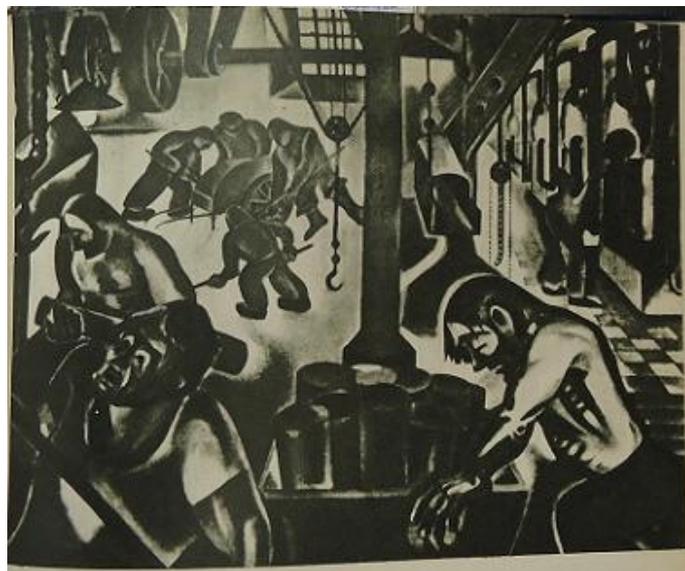


Imagem 41, **Fábrica**, 1945, carvão, dimensões não apuradas, fotografia da reprodução n.º 16 do livro *Pintura Neo-Realista: 1943-1953*, de Ernesto de Sousa.

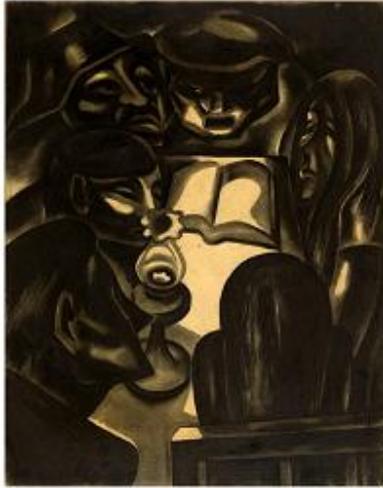


Imagem 42, **Leitura Clandestina / Audição Clandestina**, 1945, Mina Harthmouth s/ papel, dimensões dos painéis: 65×51 cm (1º), 50×65,5 cm (2º), Col. Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian

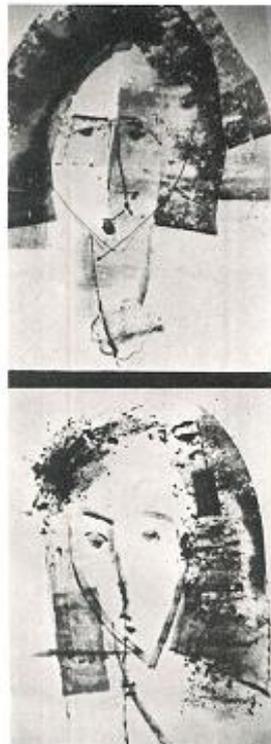


Imagem 43, **Estudo**, 1945, carvão / grafite, dimensões não apuradas, imagem retirada de fotografias provenientes do Espólio Manuel Filipe



Imagem 44, **Escola**, s.d. (década de 40), dimensões não apuradas, imagem retirada da página da Arte, nº 18 e da revista Vértice, Maio de 1945.

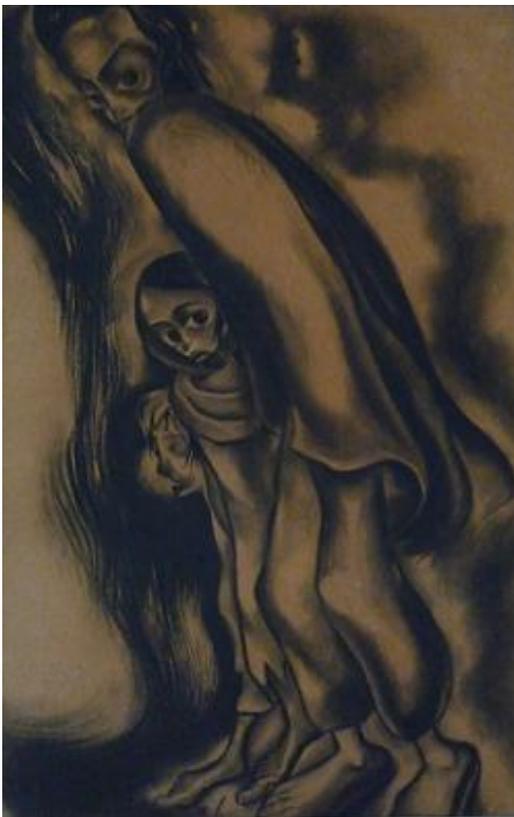


Imagem 45, **Fugitivos**, década de 40, , carvão s/ papel, dimensões 72×47 cm, Museu Municipal Santos Rocha; Nº inventário 01-G-184



Imagem 46, **Guerrilha**, década de 40, carvão s/ papel, dimensões 73×47 cm, Museu Municipal Santos Rocha; Nº inventário 01-G-200